



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS DE CHAPECÓ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**  
**CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**JANAÍNA PAULA MARQUES DA ROSA**

**UM CORPO NO MUNDO: AS SUBJETIVIDADES DISCURSIVAS NO RELATO DE  
EMPODERAMENTO DE UMA MULHER GORDA ATRAVÉS DO FEMINISMO**

**CHAPECÓ**

**2020**

**JANAÍNA PAULA MARQUES DA ROSA**

**UM CORPO NO MUNDO: AS SUBJETIVIDADES DISCURSIVAS NO RELATO DE  
EMPODERAMENTO DE UMA MULHER GORDA ATRAVÉS DO FEMINISMO**

Qualificação para a dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação de Prof. Dr. Ubiara Garcia Vieira.

CHAPECÓ  
2020

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Rosa, Janaina Paula Marques da

Um corpo no mundo: as subjetividades discursivas no relato de empoderamento de uma mulher gorda através do feminismo / Janaina Paula Marques da Rosa. -- 2020. 111 f.

Orientador: Doutor Ubiara Garcia Vieira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, SC, 2020.

1. Análise do Discurso. 2. Subjetividade. 3. Lugar de Fala. 4. Feminismo. 5. Corpo da mulher gorda. I. Vieira, Ubiara Garcia, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**JANAÍNA PAULA MARQUES DA ROSA**

**UM CORPO NO MUNDO: AS SUBJETIVIDADES DISCURSIVAS NO RELATO DE  
EMPODERAMENTO DE UMA MULHER GORDA ATRAVÉS DO FEMINISMO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos  
da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos  
Linguísticos, defendido em banca examinadora em 30/30/2020

Aprovado em: 30/10/2020

BANCA EXAMINADORA



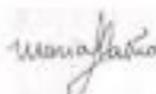
---

Profe. Dre. Ubiara Garcia Vieira – UFFS  
Presidente da banca/orientadora



---

Prof. Dr. Daniel Nascimento e Silva – UFSC  
Membro titular externo



---

Profa. Dra. Maria José Lúcio – UFFS  
Membro titular interno

Chapécó/SC, 23 novembro de 2020.

## RESUMO

Esta dissertação tem como proposta analisar a trajetória de Alexandra Gurgel – youtuber e criadora de conteúdo sobre amor-próprio, gordofobia e feminismo – relatada em seu livro *Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário*. Neste estudo, temos como objetivo compreender as relações de poder que subjetivam o corpo da mulher gorda por atravessamentos discursivos – como o discurso religioso cristão, o discurso médico científico e o discurso liberal – que produzem efeitos de controle, normatização e regularização dos corpos e comportamentos. Como suporte metodológico partiu-se dos pressupostos teóricos de Michel Foucault sobre análise arqueológica do discurso, principalmente sobre formações discursivas, além disso o conceito de lugar de fala de Djamila Ribeiro. Neste sentido, estruturou-se três grandes formações discursivas que permearam o aporte teórico e a análise do *corpus*, sendo o discurso religioso, o discurso médico científico e o discurso liberal econômico. Isso é feito, a partir do relato da autora, enquanto mulher gorda, sobre suas experiências com a gordofobia e como, a através de seu contato com o feminismo, sai de um lugar de não aceitação de si, para uma postura de empoderamento. A análise considerou trechos do livro, bem como fatores de recepção e circulação de seu lançamento, avaliação e comentários do público, para assim, problematizar as relações de subjetivação da autora enquanto sujeito e enquanto reprodutora de discursos que se chocam, atravessam e produzem efeitos em seu público. Considerou-se que em sua jornada de aceitação de seu corpo, Alexandra Gurgel sai de experiências de gordofobia que envolvem principalmente suas relações sociais envolvidas por confluências de discursos religiosos e médicos, através do feminismo que desempenha um papel de empoderamento de Alexandra, enquanto mulher gorda. Contudo o discurso liberal econômico que faz parte de práticas de subjetivação sobre o ideal de corpo a partir de uma lógica de consumo e se associa a uma opressão estética, é em muitos momentos, incorporado pela autora também produzindo efeitos de empoderamento e reproduzindo uma lógica do feminismo ou aceitação do corpo gordo como um bem de consumo.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Subjetividade. Lugar de Fala. Feminismo. Corpo da mulher gorda.

## ABSTRACT

This is an analysis of the trajectory of Alexandra Gurgel - youtuber and creator of content about self-love, fatness and feminism - reported in her book *Stop hating yourself: because loving your own body is a revolutionary act*. In this study, we aim to understand the power relationships that subject the fat woman's body through discursive crossings - such as Christian religious discourse, medical scientific discourse and liberal discourse - that produce effects of control, regulation and regularization of bodies and behaviors . As a methodological support, Michel Foucault's theoretical assumptions about archaeological discourse analysis were started, mainly about discursive formations, in addition to Djamila Ribeiro's concept of place of speech. In this sense, three great discursive formations were structured that permeated the theoretical contribution and the analysis of the corpus, being the religious discourse, the medical scientific discourse and the liberal economic discourse. This is done, from the author's account, as a fat woman, about her experiences with fatophobia and how, through her contact with feminism, she leaves a place of not accepting herself, to a posture of empowerment. The analysis considered excerpts from the book, as well as factors of reception and circulation of its release, evaluation and public comments, in order to problematize the subjectivity relationships of the author as a subject and as a reproducer of discourses that clash, cross and produce effects in your audience. It was considered that in her journey of acceptance of her body, Alexandra Gurgel comes out of experiences of fatophobia that mainly involve her social relationships involved by confluences of religious and medical discourses, through feminism that plays a role in empowering Alexandra as a fat woman. However, the liberal economic discourse that is part of subjectivation practices about the ideal of the body based on a logic of consumption and is associated with aesthetic oppression, is often incorporated by the author, also producing effects of empowerment and reproducing a logic of feminism or acceptance of the fat body as a consumer good.

Keywords: Discourse Analysis. Subjectivity. Place of Speech. Feminism. Fat woman's body.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa e contra capa do livro .....	66
Figura 2 – Avaliação do público no site da Amazon .....	67
Figura 3 – Primeiro comentário mais avaliado no site da Amazon .....	68
Figura 4 – Segundo comentário mais avaliado no site da Amazon .....	69
Figura 5 – Postagem de lançamento no livro no perfil do Instagram .....	70
Figura 6 – Comentários da postagem do livro no perfil do Instagram .....	71

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2</b>	<b>UM CORPO NO MUNDO: O CORPO E SUAS RELAÇÕES DE SABER E PODER.....</b>	<b>14</b>
2.1	O CORPO E A RELIGIÃO: UMA INTERDIÇÃO DOS PRAZERES SEXUAIS.....	15
2.2	O CORPO E A MEDICINA: UM NORMATIZAÇÃO DO CORPO SAUDÁVEL....	22
2.3	O CORPO E AS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E CONSUMO: O OLHAR VIGILANTE DO LIBERALISMO ECONÔMICO.....	38
<b>2.3.1</b>	<b>O líder.....</b>	<b>39</b>
<b>2.3.2</b>	<b>A persona sexual .....</b>	<b>53</b>
<b>3</b>	<b>UM OLHAR METODOLÓGICO.....</b>	<b>49</b>
3.1	LUGAR DE FALA.....	49
3.2	ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DO SABER.....	55
3.3	ESTUDOS SOBRE O CORPO GORDO.....	59
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE UMA JORNADA RELATADA DA GORDOFOBIA AO EMPODERAMENTO DE ALEXANDRA GURGEL .....</b>	<b>63</b>
4.1	O ÓDIO AO CORPO: RELAÇÕES DE PODER QUE PERPASSAM O CORPO DA MULHER GORDA.....	72
<b>4.1.1</b>	<b>O ódio ao corpo gordo: a representação de si mesma .....</b>	<b>72</b>
<b>4.1.2</b>	<b>O desejo pelo corpo desejado: o olhar do outro .....</b>	<b>75</b>
<b>4.1.3</b>	<b>O corpo e o sexo como pecado: um olhar da religião e da família.....</b>	<b>78</b>
<b>4.1.4</b>	<b>O corpo anormal: um olhar da ciência médica.....</b>	<b>84</b>
4.2	O FEMINISMO COMO EMPODERAMENTO DA MULHER GORDA.....	88
<b>4.2.1</b>	<b>O empoderamento de si pelo feminismo .....</b>	<b>90</b>
<b>4.2.2</b>	<b>O sucesso profissional como elemento de poder .....</b>	<b>94</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Sobre libertação: um outro olhar para o discurso de amor-próprio .....</b>	<b>97</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>103</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>107</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Questões de corpo, gênero e sexualidade parecem estar historicamente em movimentos de interdição e rupturas transgressoras. Todas as possibilidades de marcas e movimentos que nosso corpo oferece parecem duelar entre o permitido e o proibido ao se viver em sociedade. O tamanho do corpo, a cor do corpo, a postura do corpo, com o que se cobre o corpo, o que se desnuda do corpo é regulado por sentidos que vão do olhar velado ao ataque violento. A lei, a moral, a medicina, a religião e a publicidade estão sempre a pronunciar acerca de nossos corpos e de como eles podem transitar de maneira normatizada. A cultura vai tecendo ciclicamente o que é possível ou não, aceitável ou não, tolerado ou não.

O corpo marcado transborda sentidos e historicidade, seja pelas marcas de idade, cicatrizes, pelas estrias de transformações ou pelas pinturas e tatuagens que carregam a pele de signos. As intervenções cirúrgicas estéticas, os biquínis, as burcas, os tecidos e a pele vão modificando e reinventando e sendo atravessados por discursividades. E essa discursividade não está dissociada de um gesto de identidades ou identificações. Tudo que fazemos em nossos corpos vai ressignificando nossa imagem e nossa percepção social enquanto sujeitos. A busca por um 'eu' passa pelo olhar do outro e pelas possibilidades de sentido que essa interação ecoa e reverbera entre as imagens de si.

O corpo parece ter uma voz ativa em nossa construção identitária e essa construção está sempre atrelada ao nosso gênero e sexualidade. É por todas essas marcas e vestes do corpo que somos percebidos socialmente enquanto homens ou mulheres, transgênero ou cisgênero, heterossexual ou homossexual. Todas as pistas que nosso corpo oferece para esse movimento binário de significação de si e do outro. De que forma essas relações e interações irão acontecer? Quais são as regras do jogo social e como vou significar discursivamente o sujeito a partir de seu gênero e sexualidade. A própria língua já é um primeiro passo que pede por um gênero masculino ou feminino. O indefinido ou não passível de identificação num primeiro olhar causa desconforto. Como dizer o outro?

Neste sentido de significar a si e ao outro, nos propomos, a partir do nosso problema de pesquisa, a compreender como as formações discursivas cristãs, médico e econômicas sobre a mulher gorda constituem um discurso de empoderamento a partir de uma perspectiva feminista na obra *Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário* (2019) da jornalista e youtuber Alexandra Gurgel. Nosso objetivo a partir desse recorte será o de investigar e compreender como acontecem essas práticas discursivas, como produzem e são afetados por efeitos de poder, quais as formações discursivas que se atravessam nessa

constituição, e, por fim, como engendram subjetividades acerca do corpo da mulher gorda tendo como efeito o discurso de empoderamento feminista.

Adentrar o texto é posicionar-se de um lugar discursivo em relação ao que se fala e de onde se fala. Ao escolhermos o *corpus* de pesquisa, nossa escolha já se faz a partir de um lugar de fala, então, antes de iniciarmos nossa análise, consideramos necessária para a construção metodológica da pesquisa, explicar a relação de quem escreve com o objeto de pesquisa, enquanto uma escolha de recorte discursivo.

Neste momento vou falar de mim, de alguns aspectos de minha trajetória de vida e de meu contato com Alexandra Gurgel e seu canal no youtube, o Alexandrismos. Considero importante ressaltar que fui criada por uma mãe solo, independente financeiramente e com uma forte formação religiosa católica. Junto a isso, um ponto importante durante toda minha criação foi a preocupação familiar com meu corpo, pelo fato de eu ter uma tendência a engordar que foi sempre incentivada a ser combatida. Esses fatores influenciaram minha criação e me constituem enquanto sujeito, seja para aderir aos modelos familiares ou a recusar. Neste sentido, a partir dos 20 anos eu cortei os laços com a religiosidade, tornei-me e me mantenho, desde, então, uma mulher independente financeiramente, e em relação ao peso, tive sempre uma relação conturbada que perpassou a anorexia até a obesidade, passando por variações durante esses anos e passando por situações diversas de gordofobia (entendida aqui como a construção social que parte do princípio que toda pessoa gorda é doente, preguiçosa e fracassada, bem como a falta de acesso social a uma estrutura pensada para um padrão magro de corpos que circulam e ocupam os espaços públicos e privados) em diferentes contextos. Outro fator relevante é dizer que sou, como grande parte das pessoas brasileiras, fruto de uma mistura de raças, e tenho em mim, a mistura de traços que a miscigenação do país resultou: filha de mãe branca e de pai negro, quando ~~muito~~ criança eu dizia: - meu pai é marrom, minha mãe é branca e eu sou bege. Estarei aqui analisando o relato de uma mulher branca e que, quando escreveu o livro, se considerava heterossexual e que, atualmente, se entendeu enquanto lésbica. Essa questão da sexualidade também ressoa em mim, pois me descobri bissexual depois dos trinta anos, então, a heterossexualidade compulsória que atravessa nossos corpos, é um fator que compreendo na pele. E isso é tudo que me sinto confortável em dizer sobre mim e que sinto ser importantes sobre minha identidade, a quem for ler esta pesquisa.

Em 2014, encontrei em livros e vídeos com a temática feminista uma forma de me autoafirmar e empoderar enquanto mulher independente. Por uma sugestão do próprio algoritmo do *Google*, um vídeo da Alexandra apareceu para mim em 2015, o qual assisti e, mesmo não lembrando qual vídeo era, lembro que ela falava sobre aceitação do próprio corpo, sobre amor-próprio. Uma mulher gorda e feminista com uma idade próxima a minha fazendo

vídeos e dizendo que eu deveria me amar como eu sou. Minha reação se dividiu entre concordar com ela, sim, é claro que eu como recém-feminista considerava que amor-próprio era importante e que eu não deveria me render aos padrões de beleza (ao menos era a repetição dos bordões de postagens feministas em redes sociais diziam que uma feminista deveria ser), e outra parte que se incomodou com o jeito com que ela falava, com o tom de voz. Achei que ela falava muito alto, que ela não me parecia uma mulher bonita e nem empoderada, algo me incomodava profundamente em olhar para aquela imagem. Então, eu assistia, mas não me inscrevia no canal, depois de um tempo parava de assistir porque ela me incomodava, depois voltava a assistir e essa luta continuou, pois ela parecia me mostrar algo que eu não queria ver ou que eu fingia que via. E eu continuava tentando emagrecer, ao mesmo tempo em que continuava tentando me amar.

Em 2017, o humorista Danilo Gentili, fez uma postagem no twitter com uma foto da Alexandra Gurgel sorrindo de biquíni em que o humorista dizia “vou falar uma coisa... eu sei que é difícil de acreditar... mas mano... eu juro... acabei de jantar aqui... e juro... é difícil acreditar mas... eu comi mais que essa mina” (referindo-se ao fato de Alexandra ser gorda, portanto, ele pressupõe que ela coma excessivamente, ao menos esta seria a “graça” da postagem, o que parte de uma construção gordofóbica do corpo gordo). Na época, Danilo Gentili tinha muitos seguidores em suas redes sociais, então houve muita repercussão sobre essa postagem, jornais como BBC Brasil e O Estadão fizeram materiais noticiando essa postura e dando espaço para que Alexandra, pudesse responder ao ocorrido. A reação de Alexandra foi fazer em seu canal no YouTube um vídeo resposta dizendo como tinha se sentido mal em relação a isso, mas mais do que isso, como esta postagem evidenciava o problema da gordofobia naturalizada em nossa sociedade e, assim, incitou que seus seguidores fizessem postagens usando a *hashtag* “#gordofobianãoépiada”. De um dia para o outro a *hashtag* foi para os *Trendic Tópicos* do Twitter, que mede os assuntos mais comentados através do uso das *hashtags*. Alexandra foi procurada por sites e canais de televisão para dar entrevista, ganhou muitos seguidores, tanto pessoas que se identificaram com ela quanto os chamados *haters*, que são pessoas que seguem para comentar de forma agressiva e negativa o conteúdo criado. A partir desse momento, instigada pela movimentação que a polêmica provocou, eu voltei a seguir mais assiduamente o canal e o perfil no Instagram da Alexandra, mas ainda me sentia desconfortável.

Foi nesse ano que decidi que iria ingressar no mestrado e que meu tema seria relacionado ao feminismo. Em 2018, foi a última vez que eu fiz dietas restritivas para emagrecer. Foi nesse ano ainda que me descobri enquanto alguém com interesse afetivo também por mulheres. Foi uma descoberta que trouxe leveza e maior compreensão subjetiva. Ainda nesse mesmo ano,

Alexandra se descobriu lésbica e entrou em um relacionamento com uma mulher com quem está morando até o presente momento. Percebi que depois desse processo a imagem dela começou a mudar para mim, deixou de ser tão desconfortável e incômoda, passei a considerá-la uma mulher atraente e até seu tom de voz pareceu não ser mais exagerado como ouvia antes. Nesse sentido, é notável que meu processo de autoaceitação se refletia na forma como eu olhava para Alexandra. Em 2019, decidi que não iria mais tentar emagrecer e que meu trabalho seria na terapia no sentido de me conhecer, lidar comigo mesma, e minhas questões, e procurei por diversas formas terapêuticas de lidar com o amor-próprio, que percebi que não tinha.

Em fevereiro de 2020, estava no banco, tentando entender porque meu cartão de crédito estava bloqueado para compras online, e o gerente solicitou que fizesse uma compra teste, não sei de que forma automática, e motivada pelo que exatamente, acessei um site de compra de livros e comprei *Pare de se Odiar*, pois não lembro de ter pesquisado por ele, então, como o livro estava batendo recordes de venda, aliado ao fato de eu ser público de Alexandra, podem ter influenciado, mais uma vez, o algoritmo do *Google* em sugerir na página inicial esse título. Quando o livro chegou e comecei a ler as primeiras páginas, em que Alexandra relata sua trajetória familiar, bem como a relação com seu corpo, percebi que se tratava de uma mulher gorda e feminista. Também percebi que era um aspecto difícil de lidar: o do ódio ao corpo e de como o feminismo foi uma forma da autora se aceitar, percebi que ela representava os assuntos que me interessavam: feminismo, sexualidade, corpo e relações de poder. E foi assim, então, que essas duas trajetórias se encontraram e defini minha pesquisa: compreender como as formações discursivas cristãs, médico e econômicas sobre a mulher gorda constituem um discurso de empoderamento a partir de uma perspectiva feminista.

Parafraseando Gabriel García Márquez, esta pesquisa está sendo escrita em tempos de coronavírus e a cólera da população se mostra nos embates políticos, cujo campo de batalha é a internet. Estamos todos passando por uma pandemia global, os que têm esse privilégio, em quarentena dentro de nossas casas, e dentre muitas preocupações como a da própria morte ou a morte de pessoas amadas, uma preocupação que surgiu, desde a primeira semana, foi a de engordar. Muitos memes satirizando o antes e depois da quarentena mostravam no “eu inicial” uma pessoa magra e no “eu pós quarentena” uma pessoa com, pelo menos, quarenta quilos a mais. Esse acontecimento por si só daria uma dissertação inteira, mas trazemos aqui para introduzir esta pesquisa, pois percebemos, no efeito discursivo, no medo de engordar, uma evidência do quanto nossa sociedade é construída a partir de um pensamento gordofóbico, que teme a gordura mais do que a própria morte.

A relação com nosso corpo, com nossa imagem, em tempos de redes sociais parece ter chegado a patamares patológicos, mas, por enquanto, continua sendo vista como uma

preocupação pautada na saúde e não um psiquismo doentio. Ter medo de engordar é normalizado em nossa sociedade, assim como ter repulsa por pessoas gordas. O cenário se agrava quando falamos da relação das mulheres com seu corpo. Conquistamos, historicamente, muitas liberdades que antes não nos eram concedidas como o direito de votar, de trabalhar fora de casa (para mulheres brancas, pois as negras já trabalhavam), conquistamos nossa independência financeira e a possibilidade de nos divorciarmos, mas continuamos presas a uma busca incessante e desgastante por sermos magras e nos adaptarmos ao padrão de beleza vigente, conforme Wolf:

Mesmo assim, em termos de como nos sentimos do ponto de vista *físico*, podemos realmente estar em pior situação do que nossas avós não liberadas. Pesquisas recentes revelam com consistência que, no mundo ocidental, entre a maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e equilibradas, existe uma “subvida” secreta que envenena nossa liberdade: impregnada de conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle. (WOLF, 2019, p. 26)

Essa constante preocupação em “não perder o controle” parece estar associada a uma ideia externa de controle, a uma regularização e normalização do corpo e dos comportamentos que nos diz o que é adequado ou não para uma pessoa, ainda mais para uma mulher ser e fazer ou, sejamos justos, parecer. Conforme veremos no primeiro capítulo, tanto a Igreja quanto a medicina nos dizem que o equilíbrio e a ponderação acerca dos prazeres é o que se espera de uma pessoa saudável, então, se o corpo não aparenta equilíbrio físico, é sempre encarado como um sintoma de descontrole. Assim, milhares de mulheres, desde a mais tenra idade, se sujeitam a dietas restritivas no intuito de alcançar um ideal de beleza e de corpo. Mas nos perguntamos: quando a mulher busca ser magra para ser bonita ela busca ser bela para quem? Quem é esse espectador que regula o que é atraente ou não no corpo feminino?

Se nos voltarmos para as milhares de revistas produzidas para mulheres, da década de 1980 para cá, veremos que, em geral, esta construção imagética se deu a partir de “o que os homens gostam nas mulheres” ou “como conquistar os homens”. O jogo da conquista está sempre atrelado a um condicionamento do gênero, enquanto binário, e da sexualidade, enquanto heterossexual. Nesse sentido, quando a mulher se preocupa com seu corpo e tem medo de engordar é um medo de não ser atraente para o homem e, ao mesmo tempo, se coloca num jogo competitivo em ser mais atraente do que as outras mulheres.

Desta forma, nossa escolha de material de análise, não se coloca como uma análise do gênero livro, nem da categoria autor, e nem nos predispomos numa tarefa exaustiva de tomar o livro enquanto sua totalidade. E sim, selecionamos trechos do relato de Alexandra sobre sua trajetória de vida, desde a infância até a criação de seu canal do Youtube, para, a partir da análise

discursiva destes trechos, compreendermos como o sujeito sai de um lugar de quem sofre gordofobia e das pressões para emagrecer para um lugar de empoderamento feminista e aceitação de seu corpo. Para isso, as formações discursivas que serão tratadas no Capítulo 1, que representam espaços socialmente construídos de poder: Igreja e Família, Ciência médica do corpo e da mente, bem como a sociedade de produção e consumo (trabalho/publicidade), serão um norte em nossa busca por pistas de análise discursiva.

Este estudo está organizado em três capítulos, sendo que no Capítulo 1 - *Um corpo no mundo: o corpo e suas relações de saber e poder* – trataremos de um olhar histórico para as relações sociais com o corpo, principalmente o corpo da mulher gorda, e a partir disso, foram traçados quatro subcapítulos temáticos que trarão olhares discursivos específicos a dizer: o olhar cristão, o olhar médico científico e o olhar do liberalismo enquanto regime econômico de produção e consumo em nossa sociedade. A trajetória teórica é feita a partir de recortes temporais considerados relevantes para entender as atuais dinâmicas de poder sobre o corpo da mulher gorda, logo, não se trata de um trabalho extensivo e exaustivo e nem de uma tentativa de suprir toda a linha histórica acerca do tema, essas escolhas partem do princípio que, historicamente, são esses os principais discursos institucionalizados que constroem saberes com carga de verdade sobre o corpo e que impactam até hoje nas relações dos sujeitos com seu próprio corpo e sexualidade. No Capítulo 3 - *Um olhar metodológico* –, fizemos um recorte metodológico dos conceitos utilizados para fazer a análise. As escolhas teóricas que conduzem o fio metodológico são feitas a partir do histórico de leituras e estudos dentro da linha de práticas discursivas e subjetividades, bem como, pela relevância e atualidade das obras selecionadas. A escolha pelo feminismo negro, para além do uso dos conceitos que conversam com a forma com que escolho escrever o texto, dizendo quem sou, também é o feminismo com o qual me identifico e o qual considero trazer para a pauta lugares de intersecção necessários para o debate feminista. Neste sentido, tratamos, de forma breve e resumida, sobre lugar de fala, pela filósofa e militante Djamila Ribeiro, passando pelo feminismo negro, a partir da visão da autora e militante bell hooks, o conceito de intersecção a partir da escrita da teórica e militante Carla Akotirene, e formações discursivas, pelo filósofo Michel Foucault, além das contribuições da filósofa e ativista Maria Luisa Jimenez Jimenez acerca dos estudos sobre o corpo gordo. O conceito de lugar de fala de Ribeiro conversa com o conceito de formações discursivas propostas por Foucault, já que os dois partem do princípio da historicidade constitutiva do sujeito como um ser social. Assim como o feminismo negro e o conceito de intersecção trazem para a pauta a necessidade de se levar em consideração que o as teorias em geral são escritas a partir de uma suposta objetividade científica, que é dada quando um homem branco escreve. Já os estudos do corpo gordo, por mais recentes que possam ser, em comparação com o feminismo

negro, tem ainda nomes dispersos no mundo e que começam a ganhar relevância teórica dentro do debate feminista. A escolha por uma autora brasileira, e que está para lançar sua tese em livro neste ano, se dá pela possibilidade de acesso à sua obra e pela relevância de sua militância nas redes sociais e na academia. Já no Capítulo 4 - *Análise de uma jornada relatada da gordofobia ao empoderamento de Alexandra Gurgel* - temos a análise propriamente dita do *corpus* a partir dos conceitos teóricos que se dividem em dois subcapítulos, um que dá conta dos efeitos de sentido a partir das formações discursivas, tratadas no Capítulo 2, e o outro, que aborda a relação com o feminismo e o discurso de empoderamento. A análise se deu a partir de trechos do livro de Alexandra Gurgel, e podemos perceber que ao mesmo tempo em que a autora propõe uma libertação das opressões que o corpo gordo sofre socialmente – e que tem sua base no regime patriarcal vigente –, ela, enquanto sujeito, é atravessada por discursividades contraditórias que ora reforçam uma lógica liberal ora querem ser resistência a essas práticas discursivas, que perpetram o machismo e a gordofobia.

As referências que temos, e que ganham visibilidade, ainda são as menos incômodas dentro do espectro dos corpos e discursividades, por isso, uma mulher como Alexandra Gurgel, por mais que sofra opressões consegue acesso e alcance muito maiores por seus privilégios de gorda menor<sup>1</sup> e branca do que se fosse uma mulher gorda maior e negra, por exemplo. E é desse lugar de privilégio, dentro das opressões, que tem mais facilidade em ter sua autonomia financeira, fruto de seu trabalho enquanto militante, diferente de outras mulheres.

Afinal, quando isso não acontece o que podemos perceber é que continua se reproduzindo uma lógica de opressão que perpassa um discurso que se quer libertador. Se o feminismo ajuda mulheres brancas gordas a se aceitarem e terem autonomia e libertação, o mesmo não parece acontecer com mulheres gordas maiores e negras, pois além de serem afetadas pelo racismo, são a última camada da esfera econômica. Por isso, a resistência da luta das mulheres, enquanto luta política, precisa ser uma luta contra a lógica econômica liberal, já que é esse regime um efeito do patriarcado e que oprime pessoas negras antes de chegar a oprimir mulheres brancas, sejam gordas ou magras.

O acesso a produtos de consumo para corpos gordos é apenas um passo muito ínfimo ainda, por mais que não conquistado para gordas maiores. Para além de normalizar nossa existência e nossos corpos, é preciso, a meu ver, ir à raiz de todos os males que é a lógica liberal. Este estudo, é ainda muito superficial para dar conta de respostas nesse sentido, mas é possível que se diga que, ao fazer uma análise crítica dos modelos de corpos gordos que ganham

---

<sup>1</sup> Os termos gorda menor e gorda maior são utilizados no meio gordo, pois mesmo que o corpo gordo esteja fora dos padrões de beleza e seja passível de sofrer gordofobia independente de seu tamanho. Corpos maiores tem questões de acesso ainda mais excludentes do que corpos menores, mesmo que gordos.

visibilidade na mídia, e começam a ter acesso e ser referência, como é o caso de Alexandra Gurgel, avançamos um pouco nessa superficialidade para entender a direção dos estudos futuros acerca do corpo gordo da mulher.

## 2 UM CORPO NO MUNDO: O CORPO E SUAS RELAÇÕES DE SABER E PODER

*“Eu sou um corpo, um ser, um corpo só / Tem cor, tem corte / E a história do meu lugar / Eu sou minha própria embarcação / Sou minha própria sorte”* (LUNA, Luedji. Um corpo no mundo, 2016)

Antes mesmo de nascermos, antes de termos consciência de nossa existência no mundo, nos constituímos enquanto corpo. E esse corpo virtual, que ainda não existe no mundo enquanto matéria, já se faz perceber dentro de outro corpo e, desde então, vai se constituindo enquanto um corpo político, isto é, carregado de signos, interpretações, historicidade, subjetivações e relações de saber e poder. “Será menino ou menina?”, “Vai se parecer com o pai ou com a mãe?”, “Vai ter essa ou aquela característica?”, “Virá ao mundo de parto normal ou cesárea?”, nem nascemos e já vamos sendo constituídos por dualidades binárias às quais, mais tarde, iremos corresponder ou não.

**Um corpo que carrega informações requeridas em formulários quanto ao sexo, parece muito importante saber se é menino ou menina por toda a vida. Essa importância atribuída socialmente nos traz pistas significativas de que nosso corpo é** marcado quanto ao gênero não apenas e, inicialmente, de forma biológica, por nossos órgãos genitais, mas pela forma como nos vestimos, portamos e nos colocamos no mundo. Seria apenas uma marcação inocente para saber qual gênero linguístico utilizamos ou realmente haveria uma diferença social e política entre as respostas de “É menino ou menina?”? Ser mulher é diferente de ser homem fora as questões biológicas? Existe uma relação cultural diferente para os gêneros?

A filósofa feminista Judith Butler, ao tratar das questões de gênero em sua obra *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2017) traz problematizações relevantes acerca do tema, para ela “o ‘corpo’ é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de ‘corpos’ que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero” (BUTLER, 2017, p. 30). Isto é, o corpo seria carregado de discursividade e essa relação não seria necessariamente passiva, neste sentido, a autora propõe que:

Se o gênero ou o sexo são fixos ou livres, é função de um discurso que, como se irá sugerir, busca estabelecer certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero. O *locus* de intratabilidade, tanto na noção de “sexo” como na de “gênero”, bem como no próprio significado a noção de “construção”, fornece indicações sobre as possibilidades culturais que podem e não podem ser mobilizadas por meio de quaisquer análises posteriores. Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como

a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como domínio imaginável do gênero. (BUTLER, 2017, p. 30)

Quando é levantada à questão da coerção, não se pensa aqui nos movimentos coercitivos como um poder exercido de cima para baixo, apenas, ou sem a possibilidade de resistência, pelo contrário, as construções de efeito de verdade e saber sobre o gênero que exercem poder sobre os corpos é aqui entendida, aos moldes de Foucault, como algo que circula de forma não padronizada e que muda de direções, em dinâmicas de produtividade e não apenas num sentido repressivo ou coercitivo. Conforme o autor, em sua obra *Microfísica do Poder* (1981):

[...] se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. (FOUCAULT, 1981, p. 148)

Sendo o poder produtor de discursividade, exerce sobre o corpo efeitos de saber. Nesse sentido, fizemos um recorte ao nos debruçarmos teoricamente sobre o corpo e especificar nosso interesse de pesquisa enquanto o corpo da mulher. Esse recorte de gênero sofrerá ainda mais uma especificação, pois aqui trataremos do corpo da mulher gorda. A inviabilização do corpo da mulher gorda encontra espaço de problematização nas pautas feministas, ao que se refere ao empoderamento e amor-próprio, um movimento de autoaceitação em contrapartida a padrões de beleza impostos social e culturalmente. Trataremos, no terceiro capítulo, destes temas relacionados à análise.

Através dos efeitos discursivos percebidos no *corpus* analisado no terceiro capítulo, e de nossa escolha metodológica de trabalhar com formações discursivas, no segundo capítulo, nos propomos a traçar um perfil histórico do discurso religioso cristão, do discurso médico científico, e do discurso liberal econômico. Isso foi feito, a partir de alguns teóricos que pesquisam sobre corpo, sexualidade e feminismo e como isso produz relações de poder e saber que normatizam, regulam e controlam o corpo da mulher gorda, nosso sujeito de interesse nessa pesquisa. Porém, não nos propomos a uma historicidade linear e completa sobre as formações discursivas selecionadas, já que tal tarefa não se faria possível nem no tempo e nem no espaço desse estudo, o que faremos será selecionar alguns marcos de épocas diferentes, cada subcapítulo irá tratar de uma formação discursiva, a começar pelo discurso religioso cristão.

## 2.1 O CORPO E A RELIGIÃO: UMA INTERDIÇÃO DOS PRAZERES SEXUAIS

Para o padre francês, Pierre Teilhard de Chardin, que viveu no século XX e tentou conciliar a ciência com a teologia “somos seres espirituais vivendo uma experiência humana.” (CHARDIN, s/d, online) Vamos aqui propor uma paráfrase: “somos sujeitos vivendo uma experiência corpórea.” Jogos linguísticos à parte, a dualidade entre corpo e mente ou corpo e alma segue repercutindo e nos fazendo refletir sobre a existência humana. Acreditemos ou não em visões espiritualistas da vida, social e culturalmente, somos sujeitos constituídos a partir de uma civilização com forte base religiosa.

Desde as experiências pagãs de tribos antigas, passando pelos deuses gregos, chegando ao cristianismo ou versões exotéricas modernas sobre o universo, a religião e as igrejas nascem numa tentativa de compreender o mundo e o sentido da vida. Dentre as várias vertentes religiosas, o cristianismo parece ser a de maior impacto em nossa cultura. Passando por altos e baixos, a figura da Igreja Católica tem um peso histórico na forma como nos relacionamos conosco e com os outros, independente de fazermos parte desta crença ou mesmo de ter alguma crença espiritual ou religiosa.

O peso das condutas postas com o poder de verdade, são condutas de salvação ou expiação da alma, mas sempre através de interdições do corpo. A Igreja Católica sugere a rejeição aos prazeres do corpo para a purificação da alma, o único corpo puro e santo que deve nos alimentar é o corpo de Cristo. A psicanalista Regina Navarro Lins, em sua obra *O livro do Amor* (2013), traça uma trajetória das relações afetivas desde a antiguidade até a atualidade e deixa clara a influência religiosa nessas interações, pois segundo a autora:

O cristianismo criou um sentimento esmagador de culpa a respeito do prazer sexual, que, por sua vez, era visto como transgressão contra Deus. Morton M. Hunt examina como essas atitudes se tornaram dominantes. Ele, assim como outros historiadores, considera que se isso aconteceu foi porque coincidiu com um conjunto de forças sociais na própria estrutura do império, levando à corrosão e a deterioração de um mundo anteriormente inexpugnável. [...] Na tentativa de agradar a Deus por meio da renúncia espontânea de si próprio, era inevitável que a vida sexual das pessoas – a mais intensa das satisfações – fosse a mais severamente atingida. (LINS, 2013, p. 145-146)

É interessante analisarmos esse “conjunto de forças sociais” que levou a sociedade do século II a III a fazer essa “renúncia de si”. A queda do Império Romano, as secas afetando as colheitas, a miséria e a fome pela qual o povo estava passando o fez acreditar que agradar a Deus renunciando ao prazer sexual o faria mandar chuvas e fartura. A noção de um Deus punitivo, um princípio ainda muito próximo com as oferendas do paganismo, é uma das principais bases do cristianismo. A perspectiva de que para obtermos de Deus recompensas seria preciso agir de acordo com sua vontade, e essa vontade de Deus é ditada por seus representantes a partir da escritura bíblica, ou ao menos dos textos escolhidos no Concílio de

Trento pela Igreja para comporem a chamada Bíblia Sagrada.

Ao se falar em renúncias e punições, o trabalho de Foucault problematizando sobre a teoria da repressão sexual, em *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (1983), traz algumas contribuições importantes para compreendermos como essa “vontade de verdade” sobre o sexo engendra relações de poder sobre nossos corpos. Sob a vórtice da obediência e o temor a Deus, o discurso religioso vai sendo engendrado. Para o autor:

Um discurso obediente e atento deve, portanto, seguir, segundo todos os seus desvios, a linha de junção do corpo e da alma: ele revela, sob a superfície dos pecados, a nervura ininterrupta da carne. Sob a capa de uma linguagem que se tem o cuidado de depurar de modo a não mencioná-lo diretamente, o sexo é açambarcado e como que encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir obscuridade nem sossego. (FOUCAULT, 1993, p. 23-24)

A tentativa da Igreja em tornar o sexo um assunto velado, com as palavras corretas, os momentos e pessoas apropriados para pronunciá-los, ajudou a fazer do sexo um assunto falado, buscado, pensado em profusão. A interdição do prazer do corpo produziu e ainda produz uma relação ambígua entre culpa e prazer, conforme Foucault, funciona a partir de um

[...] ciclo da interdição: não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo que nada mais é do que sua supressão. Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que joga com a alternativa entre duas inexistências. (FOUCAULT, 1993, p. 81)

A renúncia ao sexo, ou ao prazer, parece levar a uma renúncia de si. Se o sexo é expressão corporal, se somos feitos de corpo, negar essa constituição do corpo acaba por ser uma negação da existência. Não se entregar aos prazeres da carne seria uma forma, então, de expurgação dos pecados para que nossa alma se purificasse e fossemos os mais próximos de Deus. E esta renúncia se faz tanto pelo temor à punição maior do inferno, mas também numa negociação de um prazer que virá depois, o da eternidade no céu. Ao menos esse é o entendimento da Igreja e é nisso que se fia a fé cristã.

E essa relação de obediência a Deus se faz a partir de mecanismos de vigilância e punição, em que não apenas Deus, onipresente e onisciente vigia e pune, mas todas as suas formas de representação na terra, padres, freiras, instituições oficiais de disciplina como a escola, a família, por fim, toda a sociedade vai se tornando um grande olho que tudo vê, conforme o esquema de panóptico proposto por Foucault em *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*, aquele que tudo vê, mas que não pode ser visto e, desta forma, vai

introjetando a noção de vigilância nos sujeitos que passam a vigiar os outros, mas também, e principalmente, a se auto vigiar. Neste sentido, a noção de vigilância funciona muito bem pelo medo da punição, para o autor:

A punição disciplinar é, pelo menos por uma boa parte, isomorfa à própria obrigação; ela é menos a vingança da lei ultrajada que sua repetição, sua insistência redobrada. De modo que o efeito corretivo que dela se espera apenas de uma maneira acessória passa pela expiação e pelo arrependimento; é diretamente obtido pela mecânica de um castigo. Castigar é exercitar. (FOUCAULT, 1996, p. 161)

E esse castigo não precisa acontecer. Não é pelo castigo em si que o efeito de poder é exercido e sim pela ideia de um possível castigo que virá caso a disciplina não seja mantida, e as regras seguidas. No caso, o vigiar já é em si punitivo e seu maior efeito produtivo é a autovigilância, afinal, Deus sabe o que estamos fazendo, mas não só isso, sabe também o que pensamos, desejamos, ocultamos dos olhos sociais. Conforme Lins, ainda sobre os séculos II e III, “evitavam-se os banhos, a sujeira tornou-se virtude” (LINS, 2013, p. 142). A moral cristã se reforçava pela ideia de que o corpo não deveria ser tocado nem para a própria higiene, pois iria “incentivar o pecado” e a nudez era algo do qual uma mulher virtuosa deveria sentir vergonha.

Para o século XXI, pode parecer exagero, mas o temor a Deus e às suas punições era tanto que o que a Igreja dissesse tinha o peso de uma lei. A proliferação de doenças advindas da má higiene não era uma preocupação para a época, já que o discurso médico ainda não exercia um papel tão forte na sociedade. Era melhor morrer de doença e ter a alma pura e salva do que viver em pecado. Um exemplo disso, é o relato sobre o procedimento com os mortos na antiguidade, a autora relata que havia uma divisão de sexos até para o sepultamento dos mortos, já que se considerava que nem estes eram impotentes, e “se a vitória significava vigilância eterna, para alcançá-la era necessário pagar um alto preço.” (LINS, 2013, p. 148)

A vigilância com o corpo e com o sexo não termina em vida, afinal, o corpo perece, mas a alma continua, na visão religiosa. Mas quando se trata do corpo da mulher, essas interdições tornam-se ainda mais severas e atentas. Afinal, para a visão cristã a culpa de não vivermos mais no paraíso é de Eva. Lins traz um trecho bíblico que coloca em termos explícitos essa visão:

A mulher aprenda em silêncio com toda a submissão. Pois não permito que a mulher ensine nem tenha domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão, salvar-se-á, todavia, dando à luz filhos, se permanecer com sobriedade na fé, a caridade e na santificação, com modéstia. (I Tim. 2:11-15 *apud* LINS, 2013, p. 152)

O silenciamento da mulher na sociedade não ficou na antiguidade, ele vem sendo

reforçado por várias instâncias e instituições e criando movimentos de resistência. Nesse ir e vir que se constroem os discursos históricos e se reatualizam sentidos, o corpo da mulher carrega a pecha de transgressor e parece carregar junto a culpa do pecado original. São muitas as condutas solicitadas a este corpo que vai normatizando sua conduta desde a antiguidade até os dias atuais. Ser mulher, no sentido bíblico, já é ser errada. É do desejo feminino, de sua vontade de saber, que a maçã é mordida. Se nosso corpo é por si transgressor, é também em nosso corpo que irá se formar a objetificação de todo o desejo sexual. Ser desejante, objeto desejado, as mulheres, em sua condição transgressora, são vistas ainda, segundo a pesquisa de Lins, como

[...] fracas, débeis, lerdas de raciocínio, simples, instáveis, enganadoras, o tipo de pessoa que não se devia confiar. Deus amava mais os homens porque criara uma mulher da costela de Adão, a mulher era feita do homem e para ele. Finalmente, a queda do Paraíso não fora por culpa de Adão comer a maçã, mas de Eva – ela dera a ele! Embora os homens devessem ter bons motivos para sentir rancor das mulheres, não era cristão sentir rancor de um ser inferior, e sim cuidar dele. (LINS, 2013, p. 152)

Ora, se as mulheres receberam essa chance cristã de redenção, e foram colocadas aos cuidados do homem, é na figura masculina que parece repousar o olho vigilante da norma, bem como o poder da punição sobre o corpo da mulher. O preço a ser pago por esta transgressão tem sido pago desde então. A punição vem tanto com o olhar punitivo e acusatório que dita as normas de conduta, quanto pelo olhar desejoso de despir os corpos femininos e dele fazerem objeto de seu desejo, até a violência física, sexual, chegando nos casos de feminicídio.

Anne-Marie Sohn, em seu texto sobre *O corpo sexuado*, que compõe o livro *História do Corpo 3 – As Mutações do olhar: Século XX* (2006), organizado por Jean-Jacques Courtine, reflete sobre a relação do corpo com a sexualidade num perfil histórico e analítico das relações de poder advindas disso, para a autora:

Os corpos são portadores de valores, inculcados pelos gestos, mas também pelos discursos científicos que proliferam desde a *Belle Époque*. São igualmente lugar de poder e muito especialmente o corpo das mulheres, que é “um forte trunfo de gestão e controle coletivo”. (SOHN, 2009, p. 153)

Além da culpa cristã herdada de Eva, existe outro fator a definir que o corpo da mulher seja foco de maior atenção da Igreja, afinal, são neles que vidas são geradas. Neste sentido, a Igreja deixava claro, desde a antiguidade, que as relações sexuais deveriam acontecer a partir do matrimônio. Instaura-se, então o padrão do casal heterossexual e monogâmico, como o ideal cristão de vida familiar. O sexo deveria acontecer somente após o casamento, e mesmo assim, para fins de procriação. Para Foucault:

No cerne desse problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis [...] é verdade que já há muito tempo se afirmava que um país devia ser povoado se quisesse ser rico e poderoso. Mas é a primeira vez em que, pelo menos de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira com cada qual usa seu sexo. (FOUCAULT, 1993, p. 28-29)

|Assim, vai sendo construída toda uma economia conjugal, familiar e que vai constituindo as práticas normatizadoras sexuais. A família passa a ter status, tanto para a Igreja quanto para a política econômica, de uma nação. Regular sua população não só quanto a números, mas quanto a condutas tornam o corpo da mulher, lugar de geração de vida, patrimônio público. Até hoje é a lei, sob influência religiosa e política, quem diz se a mulher pode ou não abortar, por exemplo. Ao nascer a mulher é propriedade da figura paterna, ao casar-se, passa a ser do marido, conforme Foucault, o casamento:

[...] constituía, portanto, uma “transação privada, um negócio realizado entre dois chefes de família um real, o pai da moça, e o outro virtual, o futuro marido”; esse negócio privado era “sem ligação com a organização política e social”. (FOUCAULT, 1985, p. 79)

Essa negociação do corpo da mulher é vista durante muitos séculos como natural dentro das sociedades organizadas patriarcalmente. Se Deus é visto como uma figura masculina, já que é o pai, ao mesmo tempo é aos homens que é permitido representar este poder nos altos cargos clericais, para a constituição familiar, é também na figura masculina que esse poder autorizado se concentra, ao menos figurativamente. Isso não significa dizer que a mulher não exerça poder social, mas que seu poder vem desse lugar transgressor, não autorizado e não reconhecido, principalmente, mas não só, fora do lar.

É relevante lembrar que esta transgressão original de Eva está associada ao desejo, a vontade de saber. Esse desejo, que a impulsiona a provar do “fruto proibido” da “árvore do conhecimento” é, para o cristianismo, o mesmo desejo que torna a mulher impura e não confiável. Durante a Idade Média, mulheres foram perseguidas pela Inquisição e queimadas em fogueiras por qualquer menção que remetesse ao que era visto como satanismo, na época, como exemplo, o prazer sexual, conforme Lins:

Mulher diabolizada; desejo sexual reprimido; trabalho manual depreciado; homossexualidade banida; riso e gesticulação reprovados; máscaras e maquiagem condenadas; luxúria e gula associados... O corpo é considerado a prisão e o veneno da alma. O culto do corpo praticado na Antiguidade cede lugar, na Idade Média, a uma derrocada do corpo na vida social. A dinâmica da sociedade e da civilização medievais resulta de tensões: entre Deus e o homem, entre o homem e a mulher, entre a cidade e o campo, entre a riqueza e a pobreza, entre a razão e a fé, entre a violência e a paz.

Mas uma das principais tensões é aquela entre corpo e alma. E, ainda mais, as tensões no interior do próprio corpo. (LINS, 2013, p. 179)

O conceito da mulher diabólica permeou não só a Idade Média num sentido mais brutal, como foi mote poético-literário do Romantismo no século XVIII. A obra *Lucíola* (2004), de José de Alencar, é um típico caso da mulher impura que só consegue expiar sua culpa dos anos de prostituição com a própria morte, levando junto o fruto de seu amor por Paulo.

Narrativas literárias à parte, um ponto que nos causa interesse neste trecho de Lins é a associação da luxúria e da gula. Quando nos propomos a olhar para as interdições dos prazeres sexuais provenientes do cristianismo, existia um fio condutor que nos traria a este ponto específico e que se relaciona com nosso tema de pesquisa, a gordofobia dirigida a mulher gorda, especificamente. Desta forma, parece haver uma relação, para o cristianismo, entre o sexo e a gula enquanto pecados relacionados ao prazer. Desta forma, sendo a mulher a representante de Eva, a que carrega a culpa original da expulsão do paraíso, é no corpo da mulher que o controle sobre os prazeres irá ser mais forte. Segundo Lins:

A recusa do corpo não se reduz à sexualidade ou ao sofrimento voluntário de uma minoria religiosa. A luxúria passa a ser cada vez mais associada à gula. As recomendações da Igreja se dirigem tanto à boca quanto aos prazeres alimentares. Pecados da carne e pecados da boca caminham de mãos dadas. O “homem novo” do cristianismo tomará assim o caminho de Agostinho, longe do barulho das tavernas, do furor dos desejos e dos tormentos da carne. Dessa forma a condenação da luxúria será acompanhada frequentemente da condenação da gula e do excesso de bebida e de alimentação. Vitória sobre a sexualidade, vitória sobre a alimentação. Ao longo de toda a Idade Média, a luta contra a concupiscência do comer, do beber, a vitória sobre a abundância alimentar e sobre a embriaguez acompanham quase sempre a luta contra o desejo sexual. (LINS, 2013, p. 183)

A partir disso, podemos perceber que o discurso religioso, historicamente, o da Igreja Católica, mas o do cristianismo em geral, teve e tem um papel de interdição, normatização e regulamentação do que é permitido ou recomendado no que diz respeito ao corpo em todos os seus âmbitos de prazer: vida sexual e alimentação. Ademais, conforme as leituras foram apontando, o corpo da mulher é o que mais está no centro destas interdições. A mulher gorda, estaria então, na visão religiosa, pecando duplamente: por ser mulher, que carrega a culpa de Eva, por ser gorda e, conseqüentemente, estar se entregando ao prazer da gula. Nesse sentido, poderíamos pensar a subjetividade da mulher gorda enquanto um efeito de um desdobramento do discurso do prazer como pecado. O prazer do sexo e o prazer de comer como pecado e a mulher gorda, e sexualmente ativa, como sujeito dele.

Por mais profundas que sejam as influências que a Igreja tenha provocado sobre as mentes e corpos das pessoas, por maiores que tenham sido as interdições que a moral cristã tenha exercido sob a constituição dos sujeitos, impulsionou também movimentos de resistência

ou oposição de outras correntes religiosas ou até mesmo de pessoas que não se identificam conscientemente com este discurso. De qualquer forma, seja para acatar as normas ou para contra elas se rebelar, os mecanismos de poder que produzem efeitos sobre os corpos e condutas é o mesmo, sejam seus efeitos positivos ou negativos.

Entretanto, a Igreja foi apenas uma das formações discursivas preponderantes na cultura Ocidental, talvez uma das mais antigas. Trataremos, no próximo subcapítulo de outro expoente com ramificações discursivas ainda muito fortes em nossa sociedade que é o discurso médico.

## 2.2 O CORPO E A MEDICINA: UM NORMATIZAÇÃO DO CORPO SAUDÁVEL

Se por muitos séculos a única cura possível para os males das pessoas eram as orações, pedidos de milagres ou mesmo a perspectiva de uma felicidade eterna no céu, com o desenvolvimento das civilizações, outra visão foi tornando-se relevante para a sociedade: a ciência.

Nosso intuito, nesta pesquisa, não é fazer uma trajetória linear do surgimento da ciência ou da história da medicina, e sim, propor alguns recortes temporais que mostram a relação da ciência, mais especificamente da medicina, com a construção de um saber que age sobre os corpos e comportamento do sujeito.

Um destes recortes é a constituição da moral que regia a forma de se viver da Grécia Antiga, com seus filósofos e pensadores que influenciam muitas das teorias sociais contemporâneas. Neste sentido, um dos principais nomes é o de Hipócrates, já que é considerado o pai da medicina, por ter sido o líder da chamada Escola de Cós, bem como por ter estudado, e praticado durante toda sua vida, cuidados com a saúde que se pautavam em estudos, deixando as crenças nos deuses para trás. Como nosso interesse principal não são seus estudos propriamente ditos, e sim, as relações discursivas destes, tomaremos a obra de Foucault, *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres* (1994), para abordar alguns recortes sobre o tema.

É interessante ver a teoria de Hipócrates sobre distinção entre animais e humanos com o passar dos tempos, conforme Foucault

A humanidade, segundo ele, ter-se-ia separado da vida animal por uma espécie de ruptura de dieta: com efeito, originalmente os homens teriam usado uma alimentação semelhante à dos animais: carne e vegetais crus e sem preparação. Tal forma de se alimentar podia enrijecer os mais vigorosos, mas era severa para os mais fracos: em suma, morria-se jovem ou velho. Os homens teriam, portanto, procurado um regime mais adaptado à “sua natureza”; é esse regime que caracteriza, ainda, a atual maneira de viver. Mas graças a essa dieta mais branda as doenças tornaram-se menos imediatamente mortais: percebeu-se, então, que a alimentação daqueles que estão bem de saúde não podia convir aos dos doentes: outros alimentos lhes eram necessários. A

medicina teria então se formado como “dieta” própria aos doentes e a partir de um a interrogação sobre o regime específico que lhes convém. (FOUCAULT, 1994, p. 91)

Quando se pensa o surgimento da medicina como uma prática alimentar que normatizava e prescrevia as “dietas” a serem seguidas pelas pessoas, dependendo de sua constituição e saúde, começamos a vislumbrar aqui a valorização da saúde enquanto algo vinculado de forma direta com a alimentação, isto é, os hábitos alimentares passam a ser um ponto de atenção para a sociedade grega. Ora, esse foco no que é ingerido, em quantidades, tipos de alimentos, nutrientes e seu efeito em nosso corpo não nos parece uma preocupação que tenha ficado na antiguidade, ainda hoje, seja na mídia, nas clínicas ou postagens de redes sociais, tudo isso ainda é atual e cada vez mais valorizado.

Se nossa origem humana, enquanto conhecemos, e sua constituição civilizatória tem base em nossas escolhas alimentares, é a ciência e a medicina que vão tomando para si esse lugar reconhecido e autorizado de fala sobre nossas práticas alimentares.

Na organização da sociedade, a partir de uma perspectiva política e econômica, as pessoas passam a ser vistas coletivamente enquanto população. Neste sentido, se perde um pouco da identidade e individualidade, para ser visto através de demandas numéricas seja de natalidade, mortalidade ou outras questões socioeconômicas que impactam na vida coletiva. Neste aspecto, a medicina exerce um papel importante na disseminação e prescrição de práticas reguladoras e normativas de controle populacional. Foucault ressalta que “o indivíduo e a população são dados simultaneamente como objetos de saber e alvos de intervenção da medicina, graças à tecnologia hospitalar. A redistribuição dessas duas medicinas será um fenômeno próprio do século XIX.” (FOUCAULT, 1981, p. 111)

Quando falamos do controle da natalidade, pensamos em uma das práticas que acabam por afetar principalmente o corpo e conduta da mulher. Seja pelo uso de contraceptivos ou de fertilidade, o olhar sempre é voltado primeiramente para a mulher e não para o homem. Até hoje ainda não temos comercialização de pílulas anticoncepcionais para homens, por exemplo. Portanto, o corpo da mulher, antes alvo principal da Igreja, agora torna-se o foco da medicalização da medicina. Conforme Moulin:

No início dos do século XX, um programa de experimentação humana, expressão que desperta hoje tanto mal-estar, foi então reivindicado pelos médicos como sinônimo de poder e não abuso de poder, como se ignorasse a importância de um consentimento. [...] A experimentação, portanto, teve um grande impulso. O objeto dela foram principalmente os pobres, as minorias, os colonizados, as mulheres e as crianças, os militares, numa palavra, os mais dependentes. (MOULIN, 2009, p. 41)

A noção de consentimento ou da falta de necessidade dele para os exames,

experimentos, para a invasão médica aos corpos vivos, ou mortos, parece ser bem-aceita pelo efeito de verdade que o saber científico tem na sociedade. Essa autoridade que o discurso médico exerce o autoriza a tomar decisões sobre os corpos até mais efetivas do que as que a Igreja conseguiria alcançar séculos antes. Se Deus é tido como onisciente e onipresente, a ciência, parece tentar chegar a este mesmo patamar em relação às condutas e às normas efetivas dos corpos de forma personalizada. Conforme, Foucault:

Mas vê-se também que, com a disciplinarização do espaço hospitalar que permite curar, como também registrar, formar e acumular saber, a medicina se dá como objeto de observação um imenso domínio, limitado, de um lado, pelo indivíduo e, de outro, pela população. Pela disciplinarização do espaço médico, pelo fato de se poder isolar cada indivíduo, colocá-lo em um leito, prescrever-lhe um regime, etc., pretende-se chegar a uma medicina individualizante. (FOUCAULT, 1981, p. 111)

Essa individualização médica, não é só no sentido de encontrar formas particulares de tratar ou prescrever doentes, mas de examinar os corpos, mentes, condutas e todo tipo de fuga do padrão físico ou médico. O que consistiria em uma caça a tudo que fuja do padrão de normalidade.

A ideia de dieta até hoje, ainda tem um efeito conotativo de restrição. Quando se pensa em fazer uma dieta, logo se imagina os cortes de carboidratos, os alimentos demonizados do momento pelos nutricionistas, mas todo esse efeito da modernidade com a dieta e as proporções que este conceito tomou será analisado mais adiante, vamos, por hora, compreender um pouco mais sobre o pensamento dos gregos e como Foucault analisou esses efeitos discursivos. Conforme o autor observa:

O domínio que um regime convenientemente refletido deve cobrir é definido por uma lista que, com o tempo, assumiu um valor quase canônico. É a que se encontra no IV livro de *Epidemias*; ela compreende: “os exercícios (*ponoi*), os alimentos (*sitia*), as bebidas (*pota*), os sonos (*hupnoi*), as relações sexuais (*aphrodisia*)” – todas sendo coisas que devem ser “medidas”. A reflexão dietética desenvolveu essa enumeração. [...] O regime, portanto, deve levar em conta numerosos elementos da vida física de um homem, ou pelo menos de um homem livre; e isso ao longo de todos os dias, do levantar ao deitar. [...] ao longo de todo tempo, e a propósito de cada uma das atividades do homem, o regime problematiza a relação com o corpo e desenvolve um modo de viver cujas formas, escolhas e variáveis são determinadas pelo cuidado com o corpo. (FOUCAULT, 1994, p. 93)

Isto é, quando se falava em dieta, não era simplesmente no sentido de uma categorização e prescrição alimentar, a dieta foi ganhando traços mais profundos em relação às condutas, relacionando-se intimamente com as condutas sexuais – novamente os dois prazeres do corpo relacionados agora por uma outra formação discursiva, além da religiosa – e construindo todo um aparato discursivo que regulamenta a própria forma das pessoas viverem.

O efeito de verdade deste discurso pode ser compreendido quando pensamos na figura dos pensadores e filósofos gregos na sociedade. Se por um lado, a Igreja trabalhava com o medo de uma imagem virtual de um Deus onisciente e onipotente, a ciência ganha adeptos pelo seu extensivo trabalho de pesquisa, argumentação e comprovação a partir de experimentos e testes, mesmo que com o tempo estes estudos tenham sido revistos ou desvalidados, na época, era tido com uma força de autoridade sobre o assunto e assim parece ser até os dias de hoje. Neste aspecto, podemos pensar, através de Foucault, que:

[...] é claro que a própria “dieta”, o regime, é uma categoria fundamental através da qual pode-se pensar a conduta humana; ela caracteriza a maneira pela qual se conduz a própria existência, e permite fixar um conjunto de regras para a conduta: um modo de problematização do comportamento que se faz função de uma natureza que é preciso preservar e à qual convém conformar-se. O regime é toda uma arte de viver. (FOUCAULT, 1994, p. 92-93)

E essa problematização do comportamento vai tendo raízes profundas na concepção de moral e de bons costumes não só acerca do corpo e da saúde, mas, como dito, do comportamento e conduta das pessoas. Não cuidar de sua saúde não é simplesmente uma questão de escolha na história da sociedade Ocidental, e sim uma forma de pertencimento social a um discurso normatizador produtivo, afinal, se você cuidar de sua saúde, você irá viver mais e melhor. Como não ser seduzido por essa promessa? Se a Igreja prometia vida eterna através da salvação da alma, a ciência, na figura da medicina, oferece formas de se ter uma vida longínqua e cada vez mais saudável. A única certeza é a da morte, mas a forma de se viver passa a ser uma responsabilidade cobrada não só pela medicina, mas por todas as instituições sociais. E de todas as marcas visíveis para o olhar vigilante da saúde, a obesidade parece ser a mais difícil de disfarçar ou esconder, mesmo que se cubra o corpo com vestes, os olhares recriminatórios e as perguntas acerca da saúde de uma pessoa gorda vão sendo naturalizados. E essa foi tornando-se uma preocupação moral, segundo Foucault:

Ora essa medida deve ser compreendida não somente na ordem corporal, mas na ordem moral. [...] As numerosas proibições alimentares que eles se prescreviam tinham significações culturais e religiosas; e a crítica que faziam a qualquer abuso na ordem do alimento, da bebida, dos exercícios e das atividades sexuais, tinham ao mesmo tempo valor de preceito moral e de conselho eficaz para a saúde. (FOUCAULT, 1994, p. 94)

Todos, e qualquer um, podem ser vigias da saúde alheia, conselheiros com prescrições de dietas, exercícios, fórmulas mirabolantes de se esconder o que culpabiliza uma pessoa em relação a sua conduta moral: o peso, a forma do corpo, a gordura. Os mecanismos de poder se reforçam pelas práticas disciplinares sobre o corpo, produzindo um efeito regulador e

normatizador através da punição. Para Foucault,

Em suma, a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto – que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida “valorizada”, a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal (a “classe vergonhosa” da Escola Militar). A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza. (FOUCAULT, 1996, p. 163)

Esse poder normalizador que a exclusão exerce socialmente sobre o corpo gordo é muito forte e pode ser percebido em detalhes muito além do olhar vigilante e punitivo social, vai desde não caber em roupas, assentos e catracas de transporte público, até a rejeição afetiva e sexual. Tudo que foge ao padrão social do que é aceito como bom, saudável e belo vai sofrendo uma exclusão inconsciente das pessoas em diferentes níveis e contextos.

Quando se fala de medições, muito além do peso, do IMC, das medidas das partes do corpo, do nível de gordura, dos exames de sangue, foi se criando toda uma tecnologia médica para os exames físicos. Muito além do médico, o treinador, o nutricionista e muitas outras profissões foram sendo criadas para que o corpo fosse se tornando o mais saudável possível em todos os sentidos, para Foucault:

O exame, cercado de todas as suas técnicas documentárias, faz de cada indivíduo um “caso”: um caso que ao mesmo tempo constitui um objeto para o conhecimento e uma tomada para o poder. O caso, não é mais, como na casuística ou na jurisprudência, um conjunto de circunstâncias que qualificam um ato e podem modificar a aplicação de uma regra, é o indivíduo tal como pode ser descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade; e é também o indivíduo que tem que ser treinado ou retreinado, tem que ser classificado, normalizado, excluído. (FOUCAULT, 1996, p. 170)

A individualização dos corpos, a partir desse exame, é efeito do poder que se mescla com a vigilância de uma prática moral. Para corresponder ao padrão físico, não é só com o corpo que é necessário trabalhar, e sim, com todo um exercício mental de cuidado de si. Vigiar os próprios pensamentos, ser seu próprio motivador e vigia, motivar e programar a mente para que obedeça às regras disciplinares para que toda a forma de se viver ou conduzir a vida seja moral, seja saudável, e não só seja como pareça ser. Para Anne Marie Moulin, em seu texto – que integra o já citado livro *História do Corpo* (2006), intitulado *O corpo diante da medicina*, “O corpo é o lugar onde a pessoa deve esforçar-se para parecer que vai bem de saúde.

(MOULIN, 2009, p. 19-20).

Esse “parecer” saudável remete a noção de que um corpo que esteja dentro do padrão considerado com aspecto saudável, não recebera o impacto do olhar vigilante e punitivo, ao menos não de forma tão incisiva e excludente quanto um corpo que em sua aparência esteja fora desse padrão. E é aqui que começamos a trazer a noção da gordofobia, se este conceito moderno é o de “repulsa por pessoas gordas”, esse preconceito não é necessariamente consciente, ele vai se constituindo a partir de todo um atravessamento discursivo que integra a ideia de que um corpo gordo seja algo ruim, seja algo associado a doença, a feiura, a algo não atraente aos olhos. Porém, por mais que a gordura não esteja associada à beleza, os olhares se voltam para os corpos gordos num sentido de exercer controle sobre sua forma. Segundo a escritora Jarid Arraes:

[...] a própria preocupação com a saúde de quem é gordo já demonstra indícios de gordofobia, uma vez que se assume que aquele sujeito tem problemas de saúde só por estar acima do peso, enquanto pessoas magras não são abordadas e questionadas a respeito de seus níveis de pressão arterial por exemplo. Alegremente, acontece que, culturalmente, quem é magro é visto inicialmente como saudável independente de outros fatores. (ARRAES, 2015, online).

O que é considerado feio ou bonito, bom ou ruim, saudável ou doentio e toda a construção cultural e social de valores atribuídos ao corpo, não se referem somente ao corpo, mas à moral das pessoas. Quando uma pessoa é vista como gorda, não é simplesmente sua aparência que está em jogo, e sim, sua capacidade moral de disciplina e controle, de julgar o que é certo ou errado e por aí se vai em um caminho de exclusão social de um tipo de corpo inadequado ao padrão vigente não só de beleza, mas de estilo de vida. Segundo Ory:

Enquanto discurso que centra a conservação da boa saúde e a cura das enfermidades em torno da obediência a uma “dieta” que, etimologicamente, constitui todo um estilo de vida, todo um modo de relacionar-se com o cosmos, a dietética não é apenas tão antiga quanto a medicina, em particular sob as suas formas gregas e medievais: confunde-se plenamente com ela. (ORY, 2009, p. 162)

Essa obediência médica a uma dieta de saúde, não é muito diferente da obediência religiosa às restrições sexuais que falávamos no subcapítulo anterior. Alimentação e sexualidade se encontram como dois pontos de prazeres físicos a serem controlados a partir de uma vigilância e disciplina dos corpos e condutas dos sujeitos. Seja em nome de Deus ou da ciência, a relação com estas duas instituições continua sendo a de temor e obediência ao mesmo tempo que de resistência e transgressão. As punições sociais exercidas sobre os corpos transgressores sejam da sexualidade ou da comida, são semelhantes, olhares punitivos e exclusão do que se considera moralmente adequado ao convívio. Mas essa não é uma exclusão

silenciosa, para Foucault, um dos efeitos desta repressão ao sexo e aos prazeres, é exatamente o de instaurar uma política linguística e discursos autorizados sobre o assunto:

Daí o fato de que o ponto essencial (pelo menos em primeira instância) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso”. Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. (FOUCAULT, 1993, p. 16)

Isto aponta não para uma interdição discursiva e sim para um direcionamento tanto do que se fala quanto de quem fala. Nesse sentido, a ciência e a medicina, vão tomando seus lugares construídos historicamente como instâncias autorizadas e com autoridade para falar não só da saúde, mas do corpo, do sexo, das condutas. E não é só no aspecto físico que existe essa autorização. O século XX inicia com estudos acerca da psique, Freud, considerado o pai da psicanálise, propõe que se olhe para o inconsciente e os desejos sexuais reprimidos. Se antes as confissões eram feitas ao padre, na igreja, agora, o divã passa a ser o lugar das confissões e da análise de si. Mais do que ouvir as “confissões”, a psicanálise propõe todo um olhar analítico aos sonhos e principalmente a sexualidade. Conforme Sohn “A teoria freudiana, tal como expressa pela primeira vez em 1905 em *Três ensaios sobre a sexualidade*, fazendo do prazer o motor da sexualidade, constitui uma considerável ruptura, visto que se passa de uma sexualidade reprodutiva a uma sexualidade hedonista.” (SOHN, 2009, p. 119). Essa mudança do olhar para a sexualidade como não mais focada na reprodução pode soar muito positiva quando se olha para a Idade Média e todo seu puritanismo, porém, as teorias freudianas, por mais importantes que sejam para os avanços psicanalíticos sobre o sujeito, deixou muitas lacunas e propagou o que hoje pode ser percebida como uma visão sexista em relação à sexualidade da mulher. Para Sohn:

É, pois no período entre as duas grandes guerras (1914-1939) que vai se desenvolver a sexologia e a palavra começa a ganhar espaço na linguagem corrente. [...] Os autores, seja qual for o tema abordado, raciocinavam através do binômio feminino/masculino e seus complementos implícitos > passiva/ativo, iniciada/iniciador, conquistada/conquistador. A sexualidade feminina é a principal vítima dessa leitura distorcida. O clitóris, percebido como uma anomalia “viril”, vê-se assim permanentemente desvalorizado, sobretudo entre os adeptos da psicanálise. Freud, com efeito, define a libido como masculina e conclui que rapazes e moças devem organizar sua sexualidade em torno do pênis. (SOHN, 2009, p. 120-121)

Essa visão falocêntrica da sexualidade não é nenhuma novidade instaurada por Freud,

muito antes da psicanálise a organização social e cultural já se dava de uma forma binária, branca, masculina e heterossexual. Seja na igreja ou na ciência, em casa ou na sociedade, o papel do homem, na civilização ocidental, sempre esteve atrelado ao da voz autorizada a falar, escrever, negociar, agir fora da vida privada. Freud, ao perpetuar em seus estudos a ideia de que o falo ou a falta dele, seriam o centro da sexualidade, apenas reforçou as práticas sexuais vigentes.

O papel da mulher enquanto “polo passivo”<sup>2</sup> das relações, replicava-se na organização política e econômica da sociedade. Quando falamos da Idade Média, anteriormente, já ficava claro como a mulher era negociada entre pai e marido em sua vida, tida como propriedade e que devia obediência, por toda sua vida, a alguma figura masculina, mesmo em caso de viuvez, o temor a Deus, imagem masculina de ser, continuava cumprindo esse papel.

Na maior parte dos contextos e instituições oficiais, a voz do homem se fazia ouvir mais facilmente ou de forma mais natural pela sociedade. Era menos silenciado e desautorizado em questões consideradas “sérias” do que a da mulher. Neste sentido, vão se constituindo sujeitos a partir de valores do que é tido enquanto feminino e o que é tido enquanto masculino, e quando homem ou mulher, aproximam-se das fronteiras estabelecidas desta feminilidade ou masculinidade, os olhos vigilantes e punitivos fazem seu papel disciplinar.

Essas construções sociais do papel da mulher e do homem vão permeando as práticas médicas e também por ela sendo construídas. O discurso biológico tem muita força na ciência, enquanto as diferenças fisiológicas de cada um. E a noção do que é permitido para homem e mulher, do que a cada um é atribuído em relação a sua sexualidade, passa pelo crivo da medicina, sob a égide do discurso científico, com efeito de verdade, assim, conforme Sohn:

Inserida no quadro de crescente medicalização da sociedade, a medicalização da sexualidade é multiforme. Ela abrange tanto os “scripts sexuais” os cenários e representações sexuais dos indivíduos, quer reais ou fantasiosos, como a reprodução ou o controle da fecundidade. Ela põe em campo especialistas diversos e vai acompanhada por uma bateria de exames e tratamentos. Pode culminar em políticas de saúde pública. Efetua-se, porém, de forma diferente para homens e para mulheres. [...] O corpo feminino é em primeiro lugar, para os médicos, um corpo grávido que se deve conduzir até o parto seguro e, depois, colocar ao serviço do bebê. (SOHN, 2009, p. 126)

A partir disso, a ciência vai ganhando cada vez mais uma voz autorizada e de autoridade para examinar, medir, prescrever, ordenar, normatizar e regular a nossa relação com nossos corpos, mentes e em todas as práticas que constituem a nova forma de viver. Para Moulin:

---

<sup>2</sup> Quando dizemos que o papel da mulher era tido como passivo, não significa que nessa aparente passividade, a mulher não exercesse poder em suas práticas cotidianas, não estamos aqui colocando a mulher no papel de vítima do patriarcado, e sim, analisando como as relações de poder foram se construindo e quais vozes e em que contextos eram autorizadas a falar e serem ouvidas enquanto efeito de verdade.

Propõe-se ao homem de bem da modernidade, intimado a uma prestação de contas de seu corpo, tal como antigamente da alma, um cálculo de probabilidades. Como o Estado ocidental institui uma ordem dos corpos, cujas energias e competências contabiliza, pretende otimizar o seu funcionamento. Se a intervenção dos poderes em matéria de saúde pública comprova aquilo que Michel Foucault denominava a governamentalidade da vida, estimula também o cuidado consigo mesmo. O cidadão de bem não deve reformar seu comportamento em função dos decretos da ciência? (MOULIN, 2009, p. 21)

E essa noção de “cidadão de bem” diz respeito muito aos valores morais que a cultura de uma sociedade constitui enquanto positivos, desta forma, ser saudável vai ganhando a conotação de ser “do bem”, ser uma pessoa disciplinada, responsável, que exerce controle sobre sua mente e corpo. Pois estar dentro dessa medida considerada a ideal tem a ver com uma regulação de autocontrole de seus impulsos, desejos e vontades inconscientes. Uma pessoa que sabe se controlar em relação à alimentação, ao sexo, certamente seria uma pessoa confiável, um “cidadão de bem”. Como já citado anteriormente a partir dos estudos de Lins, a ideia de virtude foi construída num aspecto religioso a partir de uma imagem de sujeira e feiura, já para a medicina, a higiene e a aparência do corpo estão associadas, isto é, muda a normatização e regulamentação sobre os corpos, mas o efeito de controle e vigilância que estruturam essa relação de poder continuam.

Em oposição a isso, a pessoa gorda vai sendo vista ou recebendo os valores contrários, como alguém que não tem controle sobre si e sobre seus desejos, logo alguém que necessita de cuidado e controle externo, e aí está a figura do médico, nutricionista, instrutor físico para fazer cumprir essa necessidade de adequação do corpo. Neste sentido, a pessoa gorda vai sendo vista como uma pessoa incapaz ou doente, autorizando que outras pessoas façam o papel de vigilância de seus corpos e condutas no interesse de “ajudar” essa pessoa a ser saudável, a “ser de bem”. Conforme Moulin:

Paralelamente, a preocupação com a saúde é superior taticamente à preocupação com a doença. Se a palavra-chave do século XVIII era a felicidade, e a do século XIX a liberdade, pode-se dizer que a do século XX é a saúde. [...] Ela aparece, nos dias de hoje, na maioria das constituições nacionais. A definição de saúde pela OMS como estado de completo bem-estar físico, mental e social, tornou-se referência inevitável. Colocando a noção positiva de saúde no lugar da ausência de enfermidade ou de uma deficiência conhecida, a OMS propõe um novo ideal, mas um ideal dificilmente acessível. [...] A saúde passou a ser a verdade e também a utopia do corpo, aposta da ordem social e de uma ordem internacional futura, mais equitativa e mais justa, no conjunto do mundo. (MOULIN, 2009, p. 18)

O século XX traz com ele todo um aparato tecnológico da medicina para que, caso pela disciplina e autocontrole não seja possível regular essa aparência, que o seja pelos procedimentos estéticos cirúrgicos. Por isso, “graças à descoberta de sua plasticidade relativa e

aos avanços da cirurgia estética, passou-se da ideia de melhorar os contornos a inventar um rosto, ou mesmo transformar um sexo, em busca de uma adequação maior da imagem corporal à verdade da pessoa.” (MOULIN, 2009, p. 52). A população, se não pode aderir, ao menos passa a ver como algo desejável a plástica simétrica e o corpo saudável. Neste sentido, Pascal Ory, em seu texto sobre *O corpo ordinário* (2006), também integrante do livro *História do Corpo*, observa que:

Essa preocupação crescente das sociedades desenvolvidas, tendendo em certos indivíduos à ansiedade, ou até a obsessão, ainda mais quando combinada com o diagnóstico complexo, e de difícil tratamento, da anorexia, alimenta, logo, uma vulgata dietética sempre mais difundida e, em função dos avanços do conhecimento biológico, sempre mais sofisticado, como comprova a temática da “celulite” à do “colesterol”, depois à da distinção entre colesterol “bom” e “mau”, etc. (ORY, 2009, p. 164)

Algumas consequências da preocupação extrema com a saúde e a aparência do corpo, vão se transformando em transtornos alimentares, compulsões, desencadeando problemas psíquicos, isto é, na tentativa de aparentar saúde física, em alguns casos, quem está pagando o preço é a saúde mental. Independente disso, parece haver uma maior aceitação das doenças alimentares relacionadas ao corpo e mente quando elas resultam em um corpo magro do que quando elas resultam em um corpo gordo. A obesidade, assim como a anorexia são consideradas doenças de descontrole alimentar que se fazem perceber no corpo, mas produzem subjetividades diferentes, já que o corpo magro é mais valorizado por nossa cultura, então, historicamente, mulheres anoréxicas costumam estar nas passarelas, nas mídias, na publicidade. Mas chegaremos neste ponto. Por hora, é interessante observarmos que toda a preocupação com a saúde parece esconder, ou ter tido como efeito colateral, uma preocupação com a estética, com a imagem.

Um dos papéis sociais que a medicina desenvolve frente as políticas públicas de controle de natalidade, é o de normatizar práticas de vigilância sobre o corpo e a sexualidade da mulher, afinal, se é no corpo da mulher que será gerada a criança, é esse corpo que receberá o olhar vigilante quanto às práticas sexuais. Um produto farmacêutico que representa essa relação entre controle de natalidade e controle da sexualidade da mulher é a pílula anticoncepcional, segundo Sohn:

Ela abala a vida das mulheres. Implica, todavia, maior vigilância médica. A primeira visita ao ginecologista e a prescrição da pílula marcam em geral, para uma jovem, o começo da vida sexual. O acompanhamento ocasional obstétrico é substituído por uma gestão que dura toda a vida, da contracepção ao aborto, sem esquecer as ecografias e gravidez que modificam a percepção do corpo grávido e os tratamentos hormonais de substituição. (SOHN, 2009, p. 127-128)

Se por um lado, a mulher moderna ganha maior autonomia e poder de decisão sobre seu corpo com o uso da pílula, por outro essa vigilância parece apenas mudar de instituição, deixa de ser a Igreja a regular seu corpo e conduta, e passa a ciência médica a ditar as normas de regulação. Durante toda a sua vida, a mulher continua tendo seu corpo examinado e medicado, seja para evitar filhos, para aumentar a fertilidade, para regulação hormonal. O consultório médico passa a ser tão visitado quanto o confessionário da Igreja era em outros tempos. De qualquer forma, o inquérito sobre corpo, conduta, e a forma de se viver continuam fazendo parte da vida, principalmente da vida da mulher.

Além deste aspecto mais biológico ou físico da questão da psicanálise desvendando as mentes, a ciência médica começa a se ramificar e passa a haver uma área que olha para a questão da sexualidade sob uma perspectiva ~~mais~~ de compreender o prazer ou a falta dele. Neste sentido, a sexologia, enquanto um estudo médico científico das práticas sexuais, torna-se um espaço de confissões. Conforme Sohn:

Não se conhecem muito bem os efeitos dos primeiros discursos sexológicos. Estes, no entanto, contribuíram sem dúvida para tirar a sexualidade do silêncio e da vergonha. Progressivamente, por outro lado, legitimaram o prazer. Balizaram assim o terreno da sexologia científica da segunda metade do século XX, cujo momento fundador foi o Relatório Kinsey. [...] Sem qualquer preocupação conjugal ou reprodutiva, a sondagem de opinião se interessa apenas pelo prazer, pela produção de orgasmos e pelos meios de alcançá-lo: sonhos eróticos, relações extraconjugais e homossexuais, relações com animais, etc. Sob o rigor científico transparece uma liberdade sexual em contradição com o arsenal repressivo ainda em vigor nos EUA. (SOHN, 2009, p. 121-122)

É importante atentarmos para a questão que a aparente desopressão da repressão sexual ou a percepção de uma maior liberdade ao se falar de sexo e praticá-lo, não significa, em nenhum momento, que os mecanismos de vigilância, controle e poder afrouxaram suas rédeas, pelo contrário, quanto mais se olha para o corpo e a vida sexual, quanto mais se fala, se estuda e se prescrevem normas de conduta, quanto mais essas práticas vão sendo introjetadas no inconsciente coletivo como algo natural, maior é o poder exercido. Conforme Foucault, “[...] de um extremo a outro o sexo se tornou, de todo modo, algo que se deve dizer, e dizer exaustivamente, segundo dispositivos discursivos diversos, mas todos constrangedores, cada um à sua maneira.” (FOUCAULT, 1993, p. 34).

Nesse sentido, a diversidade sexual e étnica já foi historicamente tida pela ciência enquanto um não padrão genético positivo a ser perpetuado. Muitas teorias médicas que hoje podem ser vistas como preconceituosas, tiveram, em sua época, grande aceitação para pautar exclusões sociais. Como exemplo, Moulin (2009) cita a AIDS que foi vista, desde seu surgimento, nos anos 60, como “vingança divina” o que reforçava as atitudes de intolerância

com os homossexuais.

Portanto, podemos perceber como o discurso científico tem um efeito de saber verdadeiro, não questionado, na maior parte dos casos, pela sociedade, suscitando, assim, o reforço, muitas vezes, de estereótipos sociais e morais excludentes. Porém, quando se fala da homossexualidade feminina, o discurso é diferente, conforme Sohn:

Em toda parte, porém, a homossexualidade feminina permanece impune. A sociedade ignora as lésbicas e, no começo do século XX, os homossexuais as englobam na maioria das vezes, salvo na Alemanha, em uma relação misógina. Reprimir o lesbianismo significa, ainda por cima, admitir que as mulheres poderiam ter uma sexualidade autônoma. Ademais, se a sua função reprodutora não sofresse alteração, acreditava-se que elas fossem reeducáveis. (SOHN, 2009, p. 146)

Essa regularização tem efeitos nas práticas morais e sociais das pessoas na forma de o sujeito ver a si mesmo. Toda a autoanálise que a filosofia grega propunha e que influenciou o início das prescrições médicas, acabam por terem raiz na construção imagética de si e dos outros. Essa noção de medicina individualizante, acaba por não ser uma percepção de identificação, mas de normatização dos corpos. Estar fora desta norma, corresponde a toda uma cobrança interna de inadequação e não pertencimento de si do corpo coletivo padrão. Conforme Moulin:

A doença crônica significa a longa convivência do paciente com a deficiência orgânica. A identificação de um sem-número de anomalias, na fronteira de uma normalidade de contornos sempre mais frouxos, leva o enfermo a um grau de intimidade com a medicina que jamais se vira no passado. [...] o diagnóstico instaura uma reorganização do dia-a-dia do paciente, uma medicação permanente, ao menos uma vigilância regular. O paciente aprende a integrar sua condição particular a seu projeto de vida e à sua auto-imagem. (MOULIN, 2009, p.37)

Conforme Foucault, o efeito confessional tomado pela medicina enquanto um braço do governo “[...] só pode atingir esse objetivo através do conhecimento que possui dessas diferentes vantagens. Polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição.” (FOUCAULT, 1993, p. 28). E toda essa incitação para que se fale do sexo enquanto práticas pessoais, desejos ou repressões, tem um efeito de produtividade discursiva sobre os sujeitos, neste sentido, diz o autor que:

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostra-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. (FOUCAULT, 1993, p. 27)

Esse papel de gerência das condutas sexuais permite que a ciência, em todas as suas ramificações e subáreas, multiplique seu efeito de poder sobre as pessoas. Esse viés de administração dos corpos, instaura um olhar analítico não só de vigilância punitiva, mas de uma necessidade de rotulação e classificação. O olhar da ciência médica individualizante cria mecanismos disciplinares e, através disso “o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam os efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam.” (FOUCAULT, 1996, p. 153)

Essa invisibilidade das técnicas de coerção fortalece o efeito de poder, porém, quando falamos de coerção ou interdição, não é no sentido de sugerir que os efeitos sejam apenas repressivos ou negativos, pelo contrário. Muito da aceitação e legitimidade com a ciência médica que tomou corpo na sociedade moderna, tem a ver com a percepção de libertação em relação a um discurso religioso e moral que a Igreja passou séculos aplicando sobre os corpos e condutas. Ora, em comparação, a medicina parece trazer liberdades, porém, essa liberdade está atrelada a uma maior vigilância. Conforme relata Sohn:

O sucesso do vocabulário fisiológico deve muito à medicalização da sociedade e ao avanço das práticas abortivas. A irrupção da linguagem anatômica, muito apreciada pelas mulheres até por sua neutralidade, constitui um novo progresso que permite nomear de maneira distanciada órgãos e gestos. Essas evoluções linguísticas tiram a sexualidade da clandestinidade e favorecem audácias sempre maiores na alcova. (SOHN, 2009, p. 133)

Além disso, é a ciência médica quem introduz uma nova linguística discursiva sobre a sexualidade, já que ao permitir uma “a ‘liberdade dos costumes’, como se diz no princípio do século XX, passa ao mesmo tempo pela liberação da palavra e dos gestos, pela transgressão da moral conjugal tradicional e, enfim, pela suspensão dos tabus.” (SOHN, 2009, p. 132) Porém, não é realmente uma libertação, e sim, uma mudança de perspectiva discursiva, mudam os meios ou os mecanismos, mas o efeito de interdição continua. Neste sentido, “as proibições lançadas pela Igreja e pelo corpo médico, em compensação, rapidamente caem em desuso. Ocorrem assim relações sexuais durante a gravidez ou nos dias das regras, submetidas agora somente aos preceitos da saúde e da higiene.” (SOHN, 2009, p. 133-134)

Para a mulher, as interdições são mais extensivas, tanto sexuais quanto estéticas, se a liberação do sexo durante a gravidez e do período menstrual soam como um avanço na sexualidade, por outro lado, colocam uma pressão para que a atividade sexual aconteça independente se a mulher se sente em condições ou não para isso, já que agora conta com o aval médico. Isso é, o discurso médico parece saber mais sobre o corpo da mulher do que ela mesma,

ou ao menos, ter um efeito de verdade mais legitimado.

Pela figura da mulher não estar naturalmente atrelada a espaços de produção de saberes e de legitimação de poder, é comum ainda hoje, quando uma mulher ocupa esses espaços e tem atitudes consideradas masculinas, como uma fala impositiva ou assertiva, que estas sejam consideradas “loucas” ou “agressivas”, e se peça que adéquem seu tom de fala, sua postura para algo mais delicado ou visto enquanto feminino. Existe uma forte contribuição do discurso médico nesse sentido, conforme Foucault, a

histerização do corpo da mulher: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar) com o corpo familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é “mulher nervosa”, constitui a forma mais visível desta histerização. (FOUCAULT, 1993, p. 99)

Quando a mulher é vista, primeiramente, como uma mãe em potencial, levando em conta mais o seu aspecto biológico, por mais que essa maternidade se dê por meio da atividade sexual, há um apagamento do seu desejo sexual enquanto mulher, já que não é esse o objetivo do sexo reprodutivo. Relegar a potência sexual feminina enquanto reprodutiva está muito veiculado a um discurso religioso, conforme vimos na seção anterior, mas o discurso médico científico reforça esse efeito, mesmo que de outras maneiras ou por outros recursos discursivos.

Um exemplo da distinção entre a cobrança sobre os corpos das mulheres e dos homens, é em relação ao peso ou a gordura aparente, já que o corpo considerado atraente sexualmente de forma normativa é o corpo magro. De acordo com o ISAPS (International Society of Aesthetic Plastic Surgery), o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking de maior número de cirurgias plásticas, sendo que a lipoaspiração e as próteses mamárias são as duas principais procuradas. Além disso, segundo a fonte, 86% das cirurgias realizadas no mundo são feitas por mulheres. (CIRURGIA PLÁSTICA, 2014, online) Se observarmos a procura por procedimentos de intervenção cirúrgica, cosméticos, dietas que estejam relacionadas a obter um corpo e uma aparência mais jovem, magra ou atlética, veremos que a procura é muito maior, por mais que não seja exclusiva, de mulheres. E isso não necessariamente pode ser atribuído a uma preocupação nata maior das mulheres, mas sim, como um efeito das práticas discursivas advindas de diversas instâncias de poder que regularizam a normalidade dos corpos femininos segundo um padrão de beleza. Conforme Vigarello:

Uma mudança das representações a partir dos anos 1920, privilegiando a silhueta feminina, é igualmente profunda, convertendo em imagem a interminável passagem do “magro” para o “gordo”, os defeitos contínuos do “engordar”, por exemplo, são transpostos em curvas por Paul Richer: o crescimento progressivo das bolsas sob os olhos, o aumento progressivo do tamanho do duplo queixo, a perda progressiva do perfil arredondado dos seios, os pneuzinhos dos quadris, o engrossamento das coxas, o afundamento do sulco das nádegas. [...] A linha caída suscita, em outras palavras, o investimento numérico. As curvas mais pesadas, até aqui negligenciadas pela ciência, tornam-se objeto de suas prospecções: curiosidades de anatomista e de médicos. (VIGARELLO, 2009, p. 219)

Essa especificidade detalhada em relação ao corpo e seu progressivo aumento para um corpo gordo, tem sempre um olhar mais atento quando se trata de uma mulher gorda. A pressão estética social, e pessoal, que uma mulher sofre vem de uma vigilância maior, uma expectativa de que o corpo e a aparência de delicadeza e jovialidade associadas à feminilidade sejam mantidos. É muito comum, desde os tempos antigos, que homens mais velhos casem ou busquem relacionamentos sexuais com mulheres mais jovens o que é socialmente aceito de forma muito mais branda do que se for uma mulher mais velha com um homem mais jovem, já que se tem uma expectativa de que um dos dotes de conquista da mulher seja seu corpo. O autor relata que:

Aparecem sintomas, aliás, que não existiam, claramente listados no livro diversas vezes reeditado de Georges Hébert, *Músculo e beleza plástica feminina*, em 1919. Os tipos de aumento de volume do ventre, por exemplo, o “ventre inflado em toda a volta”, o “ventre em forma de balão e arredondado embaixo”, “o ventre pendente ou caído”. As áreas de “depósito gorduroso” também: “a cintura gorda superior”, “a cintura gorda umbilical” somente para o abdômen, ao passo que são identificados “três estágios de queda” dos seios. E isto transforma a carga adiposa em volumes de camadas regulares com suas imperceptíveis quedas que permitem melhor observar quando se começa a engordar. (VIGARELLO, 2009, p. 220)

Os mecanismos de controle sobre o corpo gordo parece ~~ser~~ ganhar cada vez mais terminologias, profissionais e aceitação cultural. Os termos médicos citados pelo autor, hoje, são vistos por nós enquanto reprodutores de gordofobia. O corpo saudável tem sido cada vez mais tido como o corpo magro, malhado, treinado, definido, com aparência jovial e atlética.

Para a mulher, o peso da cobrança de si e sobre si, em relação a sua imagem, impacta ainda mais em sua tentativa de adequação, seja por meio de regimes alimentares ou de procedimentos cirúrgicos, as intervenções na psiquê feminina e a expectativa a corresponder ao que se espera de seu corpo e de sua sexualidade, acaba por deixar marcas psicológicas e emocionais só percebidas a partir de mais estudos sobre sua mente, afinal, na tentativa de se libertar das amarras sociais de beleza e da repressão sexual, a mulher procura outro profissional da ciência, o terapeuta.

O discurso médico científico, vai ganhando espaço e prestígio cada vez maiores na

modernidade, e vai também tendo ramificações no papel da psicanálise, sexologia, como já citados, mas também em espaços mais específicos como o nutricionista e o do treinador físico. Mesmo sendo estes, vistos enquanto braços da ciência médica, nesse estudo, percebemos que o discurso médico ganha voz e espaço ao associar-se com outro discurso muito presente em nossas vidas, o do trabalho. Neste sentido, no próximo subcapítulo, partiremos desse olhar de treinamento e condicionamento físico para a produtividade que o mercado de trabalho exige dos corpos e mentes.

### 2.3 O CORPO E AS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E CONSUMO: O OLHAR VIGILANTE DO LIBERALISMO ECONÔMICO

Ao pensarmos as relações construídas com o corpo e as condutas, tanto pelo viés religioso quanto pelo médico, pontos de encontro vão sendo reconhecidos em relação a uma economia moral dos comportamentos e isso, pautado numa ideia de controle e disciplina dos desejos e práticas tanto sexuais quanto alimentares. Ter um corpo saudável, como vimos, tem extrema relação com o parecer saudável dentro dos parâmetros reguladores considerados como a norma. E esta relação de saúde não tem apenas a ver com longevidade, mas sim com uma tripla dinâmica intrínseca: o potencial de produção de trabalho do corpo saudável, o mercado de consumo de produtos e serviços para a obtenção e manutenção do corpo saudável e, por fim, o uso do corpo saudável como modelo para a publicidade e mídia que vende os produtos e serviços, bem como o estilo de vida a ele associado.

São muitos os estereótipos associados a esta noção de saúde e beleza, conceitos que se confundem, já que a beleza e a magreza parecem personificar no que o sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (2001) chama de sociedade de consumo que seria pautada na noção de estarmos vivendo uma modernidade líquida, isto é, a infinidade de possibilidades de escolha que o mercado nos oferece e que nunca parece saciar nosso desejo (dentre elas, a magreza seria validada como um padrão de maior prestígio social, porém, o corpo gordo e a ideia de positividade em relação a ele, também é uma dessas possibilidades, contudo, com menor validação social e cultural), conforme o autor:

O arquétipo dessa corrida particular em que cada membro de uma sociedade de consumo está correndo (tudo numa sociedade de consumo é uma questão de escolha, exceto a compulsão da escolha – a compulsão que evolui até se tornar um vício e assim não é mais percebida como compulsão) é a atividade de comprar. [...] O consumismo de hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades [...] de identificação ou a autosssegurança quanto à “adequação”. Já foi dito que o *spiritus movens* da atividade consumista não é mais o conjunto mensurável das necessidades articuladas, mas o desejo [...]. (BAUMAN, 2001, p. 95-98)

E esse desejo que se materializa em consumo, parece ser uma falta psíquica ou emocional inerente ao ser humano ou talvez construída em nossa forma de viver, já que parecemos estar sempre em busca de algo novo, de novos horizontes a serem desbravados, novas experiências que parecem trazer uma sensação muito breve de satisfação, mas como diz o autor “um desejo que certamente nunca será saciado. É uma boa notícia, uma promessa de permanecer no ramo, para os vendedores, mas para os compradores é a certeza de que continuarão aflitos.” (BAUMAN, 2001, p. 82) A aflição contínua vira um círculo vicioso em comprar novos produtos que nos façam sentir novamente aceitos, adequados ao que a sociedade parece querer.

Para compreendermos esta tripla relação, a partir da leitura de Bauman (2001), vamos propor uma relação entre possíveis arquétipos da modernidade que são utilizados pelo mercado de produção e consumo: o líder e a persona sexual. Ambos são pautados em estereótipos que tanto se deseja reproduzir em si, bem como conquistar para si. Não partimos do princípio de que haja uma divisão no sujeito e de que ou se seja um ou outro, mas que, são imagens vendidas para nosso desejo e para que movamos o mercado de consumo. Iremos, para questões de organização, dividir em subitens.

### 2.3.1 O Líder

Conforme o trabalho foi se tornando mais intelectual do que manual, a noção de saúde passa a ser muito mais atrelada a aparência de beleza do que a de força. Para Foucault (1981) historicamente mecanismos de biopolítica foram sendo desenvolvidos para o controle do corpo enquanto força de produção da sociedade capitalista. E conforme pontua Vigarello (2009), a construção destes corpos e comportamentos se dão através de “higiene moral” que necessita ser demonstrada a partir de uma determinação em busca pelo sucesso, ao treinar seu corpo e mente para “tornar-se alguém”.

Este “tornar-se alguém” tem um efeito de verdade e impõe-se na vida moderna de forma cada vez mais imponente e subjetiva em que a competitividade do mundo profissional remete a competitividade do mundo esportivo. A necessidade de estar sempre saudável, estar sempre presente, é estimulada por essa competitividade. A ideia de virtude incutida pelo pensamento cristão se faz presente e perpassa essa busca pelo padrão moral de autocontrole de si. Não há espaço para falhar e quando se adoecer “os médicos propõem tratamentos mais energéticos para abreviar o sofrimento e mandar o quanto antes o enfermo de volta para o *front*, para a escola, para a fábrica ou para o escritório.” (MOULIN, 2009, p. 16-17)

Assim como nossos corpos podem ser treinados, nossas mentes precisam ter um treinamento para a autodisciplina e o autocontrole ainda mais fortes para que o corpo esteja adequado e passe uma imagem de sucesso, seja na vida pessoal ou profissional. O corpo saudável para o trabalho tem muito a ver com aparentar saúde, e, para a medicina e sociedade em geral, o corpo magro representa essa imagem de saúde e potência.

Um termo muto utilizado, inicialmente pelos quartéis, depois tomado pelas academias e agora muito comum no campo profissional, é a noção de “treinamento”. Se o treinamento do corpo para a força potencial de trabalho ou de capacidade física tem toda uma regularização de práticas físicas, é pela motivação da mente que se chega a este resultado físico. Neste sentido, o mercado profissional, utiliza-se deste conceito de treinamento do corpo para que haja também um condicionamento ou subjetivação desta força de produção através do trabalho com a mente e o que se chama de “engajamento” do profissional. Conforme Georges Vigarello, no texto *Treinar* que compõe o livro *História do Corpo* (2006):

Isto equivale a dizer que essa exigência de “modelagem” do próprio corpo reforça o tema do trabalho, o da vontade aplicada ao corpo: constância e tenacidade apesar das férias e do tempo passado ao ar livre, obstinação e teimosia apesar do repouso e das escapulidas. O projeto vai, aliás, se aprofundar a partir das empresas do século XX, as das primeiras iniciativas para a aquisição de força e de “autoconfiança”. (VIGARELLO, 2009, p. 220)

Ter autoconfiança não é algo que se aplique à imagem corporal apenas, mas sim a todo um trabalho de si num sentido mais profundo das raízes da constituição da identidade do “eu”. “Ser confiante”, “ser controlado”, “ser disciplinado” passam a ser palavras de ordem para uma construção de si enquanto utopia de uma individualidade e pertencimento coletivo ao mesmo tempo. Ser quem se é, mas ser como se espera que seja dentro de uma expectativa cultural e social de cada época. Essa observação de si e modelagem do ser passa por uma sondagem de cada pensamento, cada atitude, cada movimento. Conhecer seus desejos e controlá-los, não ser controlado por seus impulsos. A cultura grega já preconizava esses mandamentos que ainda são presentes na base de várias discursividades com efeito de verdade em nossa sociedade, conforme Moulin:

O convite socrático à viagem interior, “Conhece-te a ti mesmo!”, que marcou a filosofia ocidental, descartava o corpo, não somente como contingência, mas até como obstáculo ao trabalho reflexivo. Na virada do século XX, a exploração freudiana do inconsciente representou uma tentativa de introduzir novamente a pessoa em seu próprio corpo. Hoje, o corpo inteiro parece mais acessível e ligado a expressão de um *eu*. (MOULIN, 2009, p. 81)

Muito mais do que uma adequação ao corpo, o que estamos vivenciando é uma

constituição identitária através de uma disciplina imposta aos corpos e comportamentos, segundo Foucault, “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.” (FOUCAULT, 2006, p. 36). Neste sentido, o atravessamento discursivo que conduz de forma não linear a uma identificação social em que “ser alguém” é ter sucesso e ter sucesso é “parecer atraente e bem-sucedido”, a valorização de uma padronização de corpos propõe uma relação em que somos nosso corpo, somos um corpo no mundo e através da imagem física tentamos ir além do mar de corpos, se destacar e ser o corpo bem-sucedido. Conforme Vigarello:

O corpo atual e seu treinamento acentuam de modo extremo em última análise uma dupla experiência de identidade, uma dupla maneira também de se “encontrar” a si mesmo em uma sociedade que enaltece a realização pessoal. Buscar no primeiro caso o que constitui o potencial próprio de cada um, no segundo o que possibilita estender o território de si mesmo. O “desenvolvimento” do corpo se tornou de fato para muitos, hoje, o coração de uma experiência íntima: o exemplo privilegiado de uma exploração da identidade. (VIGARELLO, 2009, p. 250)

Se a forma como conseguimos treinar nossos corpos e chegar ao seu potencial de trabalho muscular tornou-se parte de quem somos, e tem efeito de verdade por vir de um discurso médico científico, ser um corpo gordo, de certa forma, é ter falhado consigo mesmo. É não ter tido o autocontrole e disciplina necessários para alcançar o corpo considerado belo, atraente e bem-sucedido em uma sociedade que cada vez mais se constrói a partir de sua imagem. Vivemos em tempos de redes sociais em que imagens geram seguidores e *likes*, em que o estilo de vida “vendido” nas imagens e vídeos podem fazer alguém passar de mero mortal a uma pessoa com relevância e de fama e sucesso. E essa construção é uma construção disciplinar, para Foucault:

A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. (FOUCAULT, 1996, p. 153)

A partir disso, ao trabalhador não é mais solicitado apenas uma força de trabalho de produtividade em resultados, mas também que “vista a camisa” da empresa e comporte-se a partir de valores e de uma cultura muito bem definida por esta. Desta forma, fica perceptível a relação da conduta moral com os mecanismos disciplinares de exercício de poder voltados ao que a empresa espera de seus colaboradores não só enquanto corpos de produção, mas também, enquanto a forma de pensar e agir num sentido interpessoal. Conforme Foucault “a vigilância

hierarquizada, contínua e funcional não é, sem dúvida, uma das grandes ‘invenções’ técnicas do século XVIII, mas sua insidiosa extensão deve sua importância às novas mecânicas de poder que traz consigo.” (FOUCAULT, 1996, p. 158)

Porém, para que haja produtividade, com o passar das gerações, as figuras de autoridade com um discurso autoritário foram perdendo sua efetividade. Por isso, o “chefe” aquele que grita e faz imperar sua vontade, que não escuta seus subordinados e não os leva em consideração, passa a dar lugar para a figura do “líder”, que surge com uma postura de “empatia”, disposto a ouvir e a “trabalhar em equipe”, ele não grita ele “motiva” os seus “colaboradores”. Para Bauman “o ‘líder’ foi um produto não intencional, e um complemento necessário, do mundo que tinha por objetivo a ‘boa sociedade’, ou a sociedade ‘certa e apropriada’, e procurava manter as alternativas impróprias à distância.” (2001, p. 83)

Se o corpo, na modernidade, volta a estar conectado a ideia da “expressão de um eu”, modelar o próprio corpo, trabalhar em sua aparência, mostrar-se forte, mostrar-se disciplinado passa a ter cada vez maior relação com adequar seu corpo, através da disciplina das práticas de si, para um padrão físico de beleza. O nosso padrão de beleza física já mudou muito conforma o passar dos séculos. Um exemplo disso, conforme nos aponta Bauman, é o fenômeno da ginástica dos anos 80:

Jane Fonda é bastante explícita sobre a essência do que oferece e bastante direta sobre o tipo de exemplo que seus leitores devem seguir “Gosto muito de pensar que meu corpo é produto de mim mesma, é meu sangue e entranhas. É minha responsabilidade.” A mensagem de Fonda para toda mulher é que trate seu corpo como propriedade (*meu sangue, minhas entranhas*), seu próprio produto e, acima de tudo, sua própria *responsabilidade*. Para sustentar e reforçar o *amour de soi* pós moderno, ela invoca (ao lado de uma tendência de consumidora de autoidentificar-se pela propriedade) a memória do muito pré-pós-moderno – em verdade mais pré-moderno do que moderno – instinto de artesanato: o produto do meu trabalho é tão bom quanto (e não melhor que) a habilidade, atenção e autocuidado que ponho em produção. Quaisquer que sejam os resultados, não tenho ninguém mais a elogiar (ou culpar, se for o caso). (BAUMAN, 2001, p. 86-87)

Nesse sentido, Jane Fonda personifica a imagem da líder que consegue, antes de tudo, liderar a si mesma, controlar sua mente para moldar o seu corpo. O corpo aqui é adjetivado como “produto”, “propriedade” e “responsabilidade”, todos os termos remetem a ideia da lógica da sociedade de consumo que produz e toma para si a responsabilidade de gerir a si para motivar os outros. Ora, se Jane Fonda, molda o seu corpo através de treinamentos físicos e dieta, ela também vende a sua imagem e o seu método para todos que queiram ser como ela. Agora, se não formos capazes de seguir seu exemplo e chegar ao mesmo resultado “você *deve* a seu corpo cuidado, e se negligenciar esse dever, você deve sentir-se culpa e vergonha. Mas a redenção do pecado está ao alcance das mãos da pecadora, e só de suas mãos.” (BAUMAN, 2001, p. 87)

O apelo ao discurso religioso aparece quando se fala em redenção e pecado, novamente, a noção da Eva e sua culpa original que é transmitida a todas as mulheres. Então, se nosso corpo é gordo, a culpa de não ter a força moral de modificá-lo para adaptar-se ao modelo de liderança e sucesso que o mercado de trabalho exige, é nossa. Afinal, a imagem de pessoas gordas, principalmente de mulheres gordas, não é associada a imagem de sucesso ou de um exemplo a ser seguido, de alguém capaz de motivar sua equipe, já que, pelo visto, não é capaz de motivar a si mesma a ser magra.

Como consolo, nos é oferecida a possibilidade de consumo: “‘vamos às compras’ pelas habilidades necessárias e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que as temos; pelo tipo de imagem que gostaríamos de vestir e por modo de fazer com que os outros acreditem que somos o que vestimos [...]” (BAUMAN, 2001, p. 95-96)

### **2.3.2 A persona sexual**

Se partimos do princípio de que a sensação de adequação pode ser comprada, mesmo que nunca venha a suprir essa falta psíquica ou emocional, existe todo um mercado publicitário que lucra muito com as inseguranças e sensação de culpa ou vergonha em relação a si mesmo. E novamente, tanto a publicidade sabe muito bem disso e se utiliza de toda uma construção da linguagem imagética e verbal para fazer as mulheres – principalmente, sentirem que não estão bonitas, magras, adequadas o suficiente para serem aceitas pelo olhar alheio e assim consumir produtos e serviços como já mencionamos – como também o mercado de trabalho exige uma imagem não só de beleza e profissionalismo, mas de produtividade.

Se, por um lado, o corpo produtivo do trabalho precisa vender saúde, essa imagem de saúde torna-se produto de consumo e se retroalimenta no sistema pautado no capital. Um dos muitos subterfúgios que parece continuar sendo uma tática funcional para vender é associar o produto ou serviço ao sexo. Seja a embalagem, as cores, o comercial, a temática ou explicitamente colocar um corpo historicamente sexualizado para oferecer este produto/serviço para as pessoas, obviamente que falamos aqui do corpo da mulher.

Faz muito sentido pensarmos na sexualização do corpo da mulher na publicidade se levarmos em consideração o fato de que a sociedade ocidental contemporânea se construiu e organizou historicamente de forma patriarcal, isto é, o dinheiro esteve por muito tempo nas mãos dos homens, bem como o poder de decisão de compra. A partir disso, é compreensível que associar produtos/serviços a imagem da mulher de forma sexualizada teria um apelo forte junto aos homens heterossexuais.

Porém, a partir do momento em que a mulher ingressou no mercado de trabalho e passou

a ter poder de consumo e poder de decisão, por que ainda parece ser tão eficaz a utilização do corpo feminino para vender? Nossa análise é que um dos fatores parece ter a ver com a cobrança que a mulher tem em relação ao seu corpo, em parecer magra, atlética, jovem, feminina. Isso é, para a mulher parece ser vendida a ideia de que esse corpo pode ser comprado, consumido. Produtos e serviços são oferecidos na promessa de que o corpo ideal será obtido com maior facilidade ao consumir esse ou aquele produto. Caso não se consiga alcançar, o corpo e suas imperfeições podem ser disfarçados e modificados para “parecer” mais próximos do padrão de beleza vigente em nossa cultura. E quando falamos em corpo idealizado ou dentro dos padrões, falamos de um corpo que é sexualizado, não simplesmente bonito. Tanto os extremos da magreza quanto da gordura parecem não estar contemplados nessa sexualização do corpo da mulher, por mais que se venda para estes corpos. Como analisa Sohn:

Nunca antes, no século XX, o corpo sexuado fora objeto de cuidados tão atenciosos. Cada um o exhibe, o corpo está onipresente no espaço visual, ocupa igualmente um papel sempre maior nas representações tanto científicas como midiáticas. Chegou mesmo a se tornar um desafio médico e comercial. Seu lugar central no último quarto de século tende assim a fazer olvidar a história subterrânea da libertação do desejo até os anos 1968 em que, pela primeira vez, práticas sexuais e discursos sobre a sexualidade se conjugam publicamente e impõem a irrupção da vida privada nas questões políticas. Foi, no entanto, necessário um longo processo para que o direito ao prazer para todos se impusesse, bem como o seu corolário: a recusa de uma sexualidade sob pressão. Liberdade de um lado e exigência de transparência de outro. Envolvem agora o dia-a-dia do corpo sexuado. (SOHN, 2009, p. 109)

A padronização dos corpos belos e atraentes a partir do porte atlético vem desde o discurso médico, do regime alimentar, e da noção da Igreja (e dos gregos) sobre um equilíbrio e comedimento em relação aos prazeres da comida, bem como dos prazeres sexuais, assim, “[...] homens e mulheres não podem mais trapacear com o corpo, os cânones da beleza física se mostram muito exigentes. A partir da *Belle Époque*, o modelo do homem e da mulher magros e longilíneos predomina. (SOHN, 2009, p. 111)

Outro fator que contribui para a imagem dos corpos erotizados e em como eles devem ser expostos para serem erotizados é a forma como a indústria pornográfica vende a ideia das práticas sexuais, conforme a autora “o filme pornográfico introduz uma profunda ruptura nas representações da sexualidade e dos corpos. Pela primeira vez, ela reproduz atos sexuais não simulados, realizados de maneira estereotipada por profissionais e destacados de toda relação afetiva ou pessoal.” (SOHN, 2009, p. 116).

As expectativas em relação ao corpo e a performance sexual que os filmes pornográficos instauram na psiquê humana, é ainda mais latente no inconsciente das mulheres. Esse desejo por adequar-se ao padrão de beleza esperado, a ânsia por satisfazer os estereótipos de sexualidade e corporeidade são propícias para que a publicidade se utilize dessas carências e

faltas em relação ao corpo para vender ideias de maior desempenho, facilidade em se conquistar um corpo ideal e demais questões relacionadas ao corpo e a sua sexualização. Conforme Sohn:

A publicidade não demora a se liberar. Desde 1900 ela não hesita em mostrar mulheres no toalete, usando espartilhos sedutores. Essas propagandas, aliás, contribuíram para a dessacralização do corpo feminino. Os cartões postais, um dos principais vetores da cultura de massa até a década de 1940, se enfiaram na brecha. [...] É nos anos 1930 que a sexualidade não é mais somente sugerida, mas apresentada em cena, tanto nos filmes como nos cartazes: sedutoras em combinação e ligas, amantes desfalecidas sobre a cama, beijos cheios de paixão, tudo isso como prova do desejo e do prazer. (SOHN, 2009, p. 113)

O sexo ou a sugestão de sexo parece funcionar como um bom gatilho para o consumo, ao lidar com o desejo sexual ou com o desejo em parecer belo, atraente ao seu próprio olhar, mas principalmente ao olhar alheio, a publicidade deixa de focar em vender para ter como seu objetivo despertar o desejo das pessoas e associar esse desejo com o consumo de algum produto ou serviço. Há muito tempo se deixou de comprar o necessário para a sobrevivência e se passou a consumir o que desejamos na ilusão de satisfazer nosso desejo e aplacar a sensação de falta que sentimos. A sociedade de consumo é rápida em criar desejos, seja para a ingestão de alimentos ultraprocessados e sem muito teor nutritivo, seja para comprar novas roupas a cada estação conforme a moda muda e dita o que é tendência e o que ficou no passado. Segundo Ory:

[...] é com uma concepção estritamente individualista que os países ocidentais têm que defrontar-se da parte dos pacientes, conscientes de disporem agora dos meios práticos que lhes permitem satisfazer dois sonhos de dominação tão antigos como a humanidade, o da conformidade com os cânones da beleza, em particular no que tange aos atributos sexuais (lábios, seios, nádegas...), e ao da luta contra o envelhecimento ou, pelo menos, da sua aparência corporal. (ORY, 2009, p. 167)

A “luta contra o envelhecimento” propicia a criação de diversos produtos de beleza desde maquiagens, cremes até a toda uma gama de alimentação e chás que prometem auxiliar na manutenção de uma aparência jovial. Além, como já falado, dos procedimentos cirúrgicos estéticos que a medicina comercializa. A juventude parece significar automaticamente beleza, porém, mesmo as pessoas jovens têm seus produtos específicos para que essa aparência se mantenha, além de toda uma pressão em relação ao corpo e a tonicidade esperada de seus corpos jovens.

Um termo muito utilizado na modernidade por academias de musculação e demais produtos e serviços associados à manutenção física é a do “corpo de verão”, isso é, para mostrar o corpo de biquíni ou sunga, as pessoas precisam apresentar um determinado tipo de corpo que seria o tal “corpo de verão”. Conforme analisa Sohn:

Com a nudez do verão, é necessário ainda por cima exibir músculos firmes. O recuo do pudor implica assim um novo trabalho obre o corpo entre musculação e dietética incipiente. Mas é só depois, na década de 1960, que o regime passa a ser uma preocupação unanimemente compartilhada, dado que, segundo Luc Boltanski, três quarto dos franceses das classes altas, mas igualmente 40% dos operários, se considerava muito acima do peso. Inversamente, os homens muito magros ficam desolados e depositam as esperanças em sessões de musculação acelerada, ao passo que as moças gordinhas se deixam seduzir pelas promessas maravilhosas do tratamento “Oufiri”. (SOHN, 2009, p. 111-112)

E o que faz o papel de controle e regularização destes corpos enquanto sendo adequados a serem exibidos em roupas de verão ou não? O olhar vigilante e punitivo do outro. Esse outro é um outro virtual, todos são o outro e nós somos o outro dos outros. Essa relação de vigilância mútua gera um desconforto em relação ao próprio corpo e ao comportamento social. Ninguém quer ser visto como inadequado aos olhos sociais. Todos queremos ser aceitos e é nesse olhar externo que buscamos respaldo e aceitação para sermos. Quando essa validação não acontece, buscam-se meios para mudar essa realidade e a publicidade, por utilizar-se de imagens de beleza é um ponto de referência para sabermos se somos ou não belos e atraentes. Conforme Foucault “como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’” (FOUCAULT, 1981, p. 147)

Essa relação de poder com os corpos se mostra eficaz e produtiva no controle dos comportamentos. Os imperativos da publicidade “coma”, “beba”, “compre”, “seja” tem um efeito de verdade sobre as condutas. Na maioria das vezes, é pela venda de uma ideia de liberdade e libertação do estabelecido ou da norma vigente que o discurso publicitário subjetiva os sujeitos. Para Ory:

Esta mistura de libertação das coerções coletivas herdadas do século precedente e de adoção, na escala individual, de novas coerções justificadas pela saúde do organismo e pela exibição de um corpo sem dúvida saudável, mas sobretudo, conforme aos cânones da beleza da época [...]. (ORY, 2009, p. 183)

Nesse sentido, é a própria ideia de vida que se vende. Ser saudável para viver mais, ser bonito para viver melhor e aproveitar os prazeres da vida, porém segundo uma economia e controle, sem excessos ou abusos, afinal, é preciso se manter jovem, mas também mostrar uma postura de equilíbrio. São muitas as “recomendações” e palavras de ordem da medicina e a cada novo estudo temos novos alimentos banidos e alimentos tendência com promessas de nutrientes e benefícios milagrosos. Em algumas épocas o café foi o mocinho em outras o vilão. E a partir dessas recomendações todo um comércio farmacêutico gira e se fortalece. Mas uma máxima tem sido mantida, a de que “o peso, por exemplo, mais que nunca, é declarado sinal de saúde. Seu excesso constituiria um perigo: curvas de mortalidade e curvas de peso se cruzam para

sublinhar os riscos de doença a que se expõem os ‘gordos’.” (VIGARELLO, 2009, p. 218)

Ser uma pessoa gorda parece ter um peso de má conduta moral perante a sociedade. Por mais que tenha havido toda uma libertação dos valores puritanos num sentido aparente, no aspecto mais profundo ainda há toda uma influência destes valores em nossa forma de conduzir nossas ações e de olhar para os outros e para nós mesmos.

Ao mesmo tempo, as pessoas gordas, principalmente as mulheres, têm se tornado um nicho cada vez mais forte com as seções *Plus Size* ou de “Tamanho Especial” que as lojas de departamento tem produzido. Porém, quando pensamos que é preciso ter uma seção especial e a parte, a ideia da exclusão continua acontecendo dentro de um sistema de aparente inclusão, pois não será encontrado o tamanho maior da roupa P, será toda uma outra fabricação de moda, sempre mais envelhecida em seus modelos e cores que atendem esse nicho.

O contraponto publicitário do *plus size*, historicamente, foi o padrão Barbie que influenciou gerações de crianças em relação ao corpo. Conforme Ory:

De resto, o começo da popularização desse novo saber dietético, perceptível com a chegada das rubricas *ad hoc* nas revistas femininas, corresponde ao apogeu do modelo da magreza extrema, trazido para cá pela moda da boneca Barbie [...]. Mesmo que os cânones tenham se movimentado em sentido inverso posteriormente, o critério do esguio continua predominantemente, apoiado por um discurso médico [...] (ORY, 2009, p. 165)

Também não podemos dizer que não haja nenhuma resistência a esse modelo, já que nos últimos 10 anos começou um movimento de não aceitação às imagens manipuladas em exagero no *photoshop* para parecerem mais magras e sem defeitos de pele, bem como corpos que beiravam a anorexia nas passarelas e revistas. O discurso publicitário potencializa esses mecanismos disciplinares de “fabricação” de comportamentos e corpo, pois ao vender a ideia de libertação dos discursos médico e religioso e parecer incitar aos prazeres, tem um efeito de poder muito eficaz sobre os sujeitos e a maneira como os corpos se apresentam socialmente. Se o que consumimos molda nossos corpos e se nossa identidade está atrelada em muitas camadas a como esse corpo é posto no mundo, seríamos nós nosso corpo? Conforme problematiza Butler:

Se a “identidade” é um *efeito* de práticas discursivas, em que medida a identidade de gênero – entendida como uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo – seria o efeito de uma prática reguladora que se pode identificar como heterossexualidade compulsória? Tal explicação não nos faria retornar a mais uma estrutura totalizante em que heterossexualidade compulsória tomaria meramente como causa monolítica da opressão de gênero? (BUTLER, 2017, p. 45)

Ora, se a identidade é uma construção social e o objeto de nosso desejo também é

perpassado por essa construção, podemos pensar que as relações de produção e consumo que fazem girar as engrenagens de nossa lógica de desejo, tem subjetivado nosso desejo identitário, e pelo outro, dentro de um padrão que parece condicionar ~~a mulher~~ a mulher gorda como duplamente falha ao não se encaixar nem no modelo físico de liderança – já que não demonstra controle de si – e nem como persona sexual de desejo do outro para venda, já que nosso corpo gordo também não se adéqua aos padrões vigentes do que é vendável para o mercado.

Ao mesmo tempo, podemos pensar, então, a mulher gorda como o grande nicho de mercado consumidor de todos os produtos e serviços que poderiam nos dar a possibilidade de ser vistas de forma diferente. Isso é, a lógica gordofóbica que está no cerne no mercado de produção e consumo é um motor lucrativo e que tem ganhado tanto com o medo de pessoas magras em se tornarem gordas, quanto com as tentativas de encaixe no padrão de beleza por pessoas gordas.

Existe realmente possibilidade de resistência? Ser mulher e gorda num mundo em que ser magra e ser homem é um lugar de poder mais privilegiado pode ser ressignificado? A gordofobia enquanto repulsa por esses corpos gordos é uma construção do discurso médico e religioso que fundam nossa sociedade ocidental? E o empoderamento da mulher gorda consegue sair dessa lógica do mercado de produção e consumo ou é mais uma forma de gerar lucro através de uma perspectiva diferente?

Não são perguntas, são provocações em forma de pergunta que nos incitam ao próximo capítulo onde iremos problematizar estas questões a partir dessa trajetória de recortes históricos sobre discursos que parecem exercer poder sobre os corpos e condutas sociais e moldar, disciplinar, regulamentar, interditar certos corpos e certas práticas.

### 3 UM OLHAR METODOLÓGICO

Na introdução dessa pesquisa, deixei marcado meu lugar de fala por ser um movimento que pensamos ser parte de uma escolha teórico-metodológica que se dá a partir do reconhecimento da importância do feminismo negro para a luta contra as opressões de classe e de gênero, bem como por partir do princípio que ao nos escondermos atrás de uma pretensa objetividade acadêmica que não considera a subjetividade de quem escreve, acabamos por cair em uma reprodução de um academicismo branco, classista e machista. Conforme a filósofa e feminista Donna Haraway:

Os adeptos da construção social deixam claro que as ideologias oficiais sobre a objetividade e o método científico são péssimos guias, particularmente no que diz respeito a como o conhecimento científico é realmente fabricado. Quanto ao resto de nós, há uma relação muito frouxa entre o que os cientistas acreditam ou dizem acreditar e o que eles realmente fazem. As únicas pessoas que acabam realmente por acreditar e, as deusas nos livrem, agir a partir das doutrinas ideológicas da objetividade científica descorporificada, entronizada nos manuais elementares e na literatura de divulgação da tecnociência, são os não cientistas, inclusive um número muito pequeno de filósofos confiantes. (HARAWAY, p. 9-10, 1995)

Desta forma, é importante falar sobre o conceito de lugar de fala que será utilizado nessa pesquisa tanto para olharmos para nosso lugar de escrita analítica para o *corpus*, quanto para analisarmos o lugar de Alexandra ao relatar a gordofobia sofrida e ao incitar as mulheres a pararem de odiar seu corpo, a partir de uma abordagem feminista. Para tanto, traremos para a conversa a filósofa política e ativista feminista Djamila Ribeiro, que é quem, a partir de um aporte teórico do feminismo negro sobre questões problemáticas no interior do que se entende por feminismo, trata sobre o conceito de lugar de fala. Junto com ela, traremos também a intelectual negra e teórica feminista bell hooks para nos ajudar a compreender a problematização acerca do feminismo negro.

#### 3.1 LUGAR DE FALA

A partir dessa percepção da importância das pautas do feminismo negro e invisibilização das vozes e corpos que não são vistos como representativos de uma objetividade, entendemos que ao marcar o lugar de fala na escrita acadêmica, estamos fazendo voz a um ato de resistência para a descentralização do lugar que se escreve enquanto um lugar patriarcal. Se o lugar de onde falamos influencia nossa escrita e produz discursividades, partimos do pressuposto que isso é parte constitutiva do sujeito ao enunciar. Da mesma forma, não acreditamos na

possibilidade de neutralidade como um estratagema para a objetividade, afinal, somos constituídos de subjetividades e não é possível engavetá-las ou estar do lado de fora para que escrevamos. Assim, para Ribeiro:

Os trabalhos e obras de Gonzalez também tem como proposta a descolonização do conhecimento e a refutação de uma neutralidade epistemológica. Importante ressaltar o quanto é fundamental para muitas feministas negras e latinas a reflexão de como a linguagem dominante pode ser utilizada como forma de manutenção do poder, uma vez que exclui indivíduos que foram apartados das oportunidades de um sistema educacional justo. A linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, além de ser um – entre tantos outros – impeditivo para uma educação transgressora. (RIBEIRO, 2017, p. 26)

Concordamos com a necessidade de uma perspectiva transgressora para a educação - enquanto sendo uma educação questionadora e libertadora dos modelos de opressão patriarcais, classistas e racistas que colocam à margem vozes de mulheres, pessoas negras e que não reproduzam o elitismo acadêmico -, a escrita desta dissertação é para ser veiculada num meio acadêmico e educacional, o próprio ato de escrita e orientação faz parte do processo educativo pelo qual passamos para obter o título de mestrado, mas para muito além do título, é um processo de acesso ao conhecimento e esse saber precisa transbordar para além das paredes da academia para que possa ser transgressor. A escrita acadêmica precisa se abrir às narrativas marginais, urgentemente, para se aproximar do público que está fora dela, senão estaremos sempre falando para nós mesmos de uma forma compreendida por nós mesmos e que não afetará as estruturas sociais, para além de um relato de si e uma leitura entre pares. Dessa forma, autoras como bell hooks, apontam um caminho, já que, conforme relata Ribeiro ao romper com o estereótipo que condiciona a mulher negra ao corpo e não ao pensar “ultrapassando essa fronteira, bell hooks se define como uma intelectual, aquela que une pensamento à prática, para entender sua realidade concreta. Pensamento e prática não são realidades dicotômicas, ao contrário, conversam entre si.” (RIBEIRO, 2017, p. 28)

Quando levamos em consideração nossa constituição social, histórica e cultural ao enunciar, estamos pensando no lugar de onde nos posicionamos enquanto sujeitos em relação ao que estamos falando e aceitamos que essas subjetividades constituem não apenas nossa identidade, mas também nosso olhar para o mundo e para o que dizemos de nós e dele. Para Ribeiro, então:

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugar de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termo de *locus* social, consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta

diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternos. (RIBEIRO, 2017, p. 86)

Ao concordarmos com esta afirmação, percebemos a escolha por marcar nosso lugar de fala antes de iniciar a análise e, levar em consideração o lugar de fala de Alexandra ao escrever o livro *Pare de se odiar* (2019), como uma abordagem metodológica em nossa pesquisa. Nesse sentido, escrevo enquanto mulher branca (filha de mãe branca e pai negro) e analiso também a trajetória de outra mulher branca (filha de pais brancos), importante ressaltar o aspecto econômico, já que tanto na teoria sobre formação discursiva quanto na análise, este foi um fator relevante, assim, falo do lugar de quem foi criada apenas pela mãe e apenas do sustento financeiro desta, mas que tive o privilégio de ter acesso à casa, comida e educação pública. Já Alexandra vem de uma classe social mais alta tendo sido criada por pai e mãe e tido acesso a viagens ao exterior nas férias, morar fora do país, morar em condomínio e ter acesso à educação privada, é um lugar de mais privilégio do que o de onde eu falo.

Ressaltar as subjetividades acerca de quem escreve e do sujeito que será analisado, é importante, afinal, se nosso estudo faz parte, na organização do Programa de Mestrado em Estudos Linguísticos da UFFS – Chapecó, da linha de pesquisa *Práticas discursivas e subjetividades*, é porque nosso interesse teórico está exatamente nisso, em investigar e compreender como acontecem essas práticas discursivas, como produzem e são afetados por efeitos de poder, quais as formações discursivas que se atravessam nessa constituição, e, por fim, como engendram subjetividades. Desse viés, concordamos com Ribeiro ao falar sobre a produção científica:

Essa insistência em não se perceberem enquanto marcados, em discutir como as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais, faz com que pessoas brancas, por exemplo, ainda insistam no argumento de que somente elas pensam na coletividade; que pessoas negras, ao reivindicarem suas existências e modos de fazer político e intelectuais, sejam vistas como separatistas ou pensando somente nelas mesmas. Ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falarem pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais. (RIBEIRO, 2017, p. 31)

Nesse aspecto da universalização, é importante ressaltar que, na história das lutas feministas, num âmbito mundial, a luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres sempre foi um tema central. Seja para requerer o direito ao voto, o ingresso no mercado de trabalho, ou sobre o direito em relação ao próprio corpo como a legalização do aborto. Porém, quando falamos em feminismo como um conceito único, deixamos de falar que quando dizemos que é uma luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres, não nos atentamos para que homens são esses e que mulheres são essas, da mesma forma que não nos perguntamos que

feminismo é esse e para quem. Essa universalização do termo feminismo, bem como do termo mulher, é um dos pontos que bell hooks, junto com diversas outras intelectuais e ativistas negras trazem à tona em relação ao feminismo. No livro *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2019) a autora chama a atenção para este assunto, segundo hooks “as pessoas notam que essas mulheres são, em geral, brancas e economicamente privilegiadas. Sabem, através da mídia de massa que a liberação das mulheres tem foco em liberdade para abortar, para ser lésbica e para desafiar situações de estupro e violência doméstica.” (hooks, 2019, p. 18)

Esse protagonismo ilustrado na figura da mulher branca, segundo a autora, é uma imagem mais aceitável para o consumo do feminismo. Nesse sentido, é sintoma de uma estrutura patriarcal não apenas construída de forma machista, mas racista e classista. Sendo esses dois últimos, temas que o feminismo ainda vem falhando em abordar, já que denunciaria posturas perpetuadas dentro do próprio movimento. Ao não considerarmos que a luta por igualdade precisa ser pautada na luta pela desigualdade racial e de classes, não chegamos ao ponto central do problema da sociedade patriarcal e capitalista que é subjugação de um grupo para a ascensão de outro. Conforme continua a autora “ao aceitar, e de fato conspirar a favor da subordinação de mulheres trabalhadoras e pobres, elas não somente se aliaram ao patriarcado existente ao concomitante sexismo como se permitiram o direito de levar uma vida dupla, [...]” (HOOKS, 2019, p. 22-23), isto é, para hooks, mulheres brancas têm o privilégio de escolha em relação as questões domésticas e ao trabalho externo que não é possível às mulheres negras.

Além dessa perpetuação das relações de poder de forma dominadora, hooks também ressalta que o fato de o movimento feminista estar acontecendo muito mais nos meios acadêmicos do que nas ruas, sugere uma outra forma de exclusão, que é a do acesso ao conhecimento. Novamente, nessa fila, mulheres negras viriam por último. Para a autora:

Nesses círculos, a produção de teoria feminista revolucionária progrediu, mas com muita frequência não estava disponível para o público. Tornou-se, e permanece assim, um discurso privilegiado, disponível para aqueles entre nós que são altamente letrados, educados e economicamente privilegiados. (HOOKS, 2019, p. 22)

Ao ser um acesso de privilégio, o intelectualismo feminista, falhou muitas vezes ao não olhar para a realidade e para o alcance de sua produção, além disso, a própria linguagem acadêmica que usamos ao escrever não é adequada para conversar com todas as esferas sociais e econômicas que o feminismo precisa alcançar se quiser se considerar uma proposta de luta política e não meramente um discurso vazio que pode ser consumido como a um adesivo ou camiseta da Frida Kahlo. Segundo bell hooks:

O feminismo como estilo de vida introduziu a ideia de que poderia haver tantas versões de feminismo quantas fossem as mulheres existentes. De repente, a política começou a ser aos poucos removida do feminismo, E prevaleceu a hipótese de que não importa o posicionamento político de uma mulher, seja ela conservadora ou liberal ela também pode encaixar o feminismo em seu estilo de vida. Obviamente, essa maneira de pensar fez o feminismo ser mais aceitável, porque seu pressuposto subjacente é de que mulheres podem ser feministas sem fundamentalmente desafiar e mudar a si mesmas ou à cultura. (HOOKS, 2019, p. 23)

Uma perspectiva que parte da interseccionalidade não é uma forma de categorizar e dividir as mulheres e sim de tornar suas pautas de luta abrangentes e representativas para toda a sociedade. Isso é, um movimento de reconhecimento dos lugares de privilégio que ocupamos na sociedade. Neste sentido, eu sendo uma mulher branca e que analiso o relato de uma mulher branca, não tenho lugar de protagonismo ao falar de feminismo negro, porém, a ele passo a aderir enquanto perspectiva teórica da qual me inscrevo enquanto feminista, conforme já citado na introdução deste estudo. Assim, conforme a filósofa e militante Carla Akotirene:

O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, (LGBT), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras. Visto isto, não poderemos mais ignorar o padrão global basilar e administrador de todas as opressões contra mulheres, construídas heterogeneamente nestes grupos, vítimas das colisões múltiplas do capacitismo, terrorismo religioso, cisheteropatriarcado e imperialismo. (AKOTIRENE, 2019, p. 16)

E essa perspectiva interseccional do feminismo negro é importante para nosso estudo, pois ao nos posicionarmos a partir de uma marcação em primeira pessoa do lugar de fala, reconhecemos que esse conceito e esse olhar para as subjetividades discursivas do sujeito são possíveis pelos estudos feitos que levem em consideração a invisibilização histórica e acadêmica dos grupos minoritários enquanto protagonistas da narrativa teórica. E é então que trazemos Djamila Ribeiro que afirma, sobre o discurso da abolicionista negra Sojourner Truth conhecido como *Eu não sou uma mulher?*, que:

Esse discurso de Truth, ainda no século XIX, já evidencia um grande dilema que o feminismo hegemônico viria a enfrentar: a universalização da categoria mulher. Esse debate de se perceber as várias possibilidades de ser mulher, ou seja, do feminismo abdicar da estrutura universal ao se falar de mulheres e levar em conta outras intersecções, como raça, orientação sexual, identidade de gênero, foi atribuído mais fortemente à terceira onda do feminismo, sendo Judith Butler um dos grandes nomes. Entretanto, o que percebemos com o discurso de Truth e com a história de resistências e produções de mulheres negras desde antes o período escravocrata e consequentemente com a produção e atuação de feministas negras, é que esse debate já vinha sendo feito; o problema, então, seria a sua falta de visibilidade. (RIBEIRO, 2017, p. 21)

Isto é, não é que não houvesse pensadoras negras falando sobre estas questões, apenas não tinham a mesma visibilidade de questões levantadas por outro recorte discursivo. É nesse ponto que precisamos reconhecer que os lugares de produção intelectual, bem como os de poder econômico, isto é, todos os lugares autorizados e legitimados na sociedade enquanto produtores de saber e que exercem poder forma, historicamente, lugares ocupados por homens brancos: a igreja, ciência, política, economia, e a própria família. Portanto, por muito tempo, o homem branco falou como quem fala de todos e por todos. Para Ribeiro, são exatamente as mulheres negras que “historicamente estavam produzindo insurgências contra o modelo dominante e promovendo disputas de narrativas. Nesse sentido, pensar a partir de novas premissas é necessário para se desestabilizar verdades.” (RIBEIRO, 2017, p. 24). A partir disso, propõe um olhar para a obra de Lélia Gonzalez:

A pensadora feminista Lélia Gonzalez nos dá uma perspectiva muito interessante sobre esse tema, porque criticava a hierarquização de saberes como produto de classificação racial da população. Ou seja, reconhecendo a equação: quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento. Segundo a autora, o racismo se constituiu “como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal).” Essa reflexão de Lélia Gonzalez nos dá uma pista sobre quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são. (RIBEIRO, 2017, p. 24-25)

Desta forma, reconhecemos a importância das pautas do feminismo a partir de um olhar para a história da mulher negra dentro dessa construção a partir de hooks e, por isso, escolhermos o conceito sobre lugar de fala de Ribeiro para olharmos para nosso objeto de análise. Afinal, entendermos o lugar de fala como uma perspectiva teórico-metodológica que irá nos possibilitar analisar nosso *corpus* a partir de um olhar para as subjetividades discursivas, considerando essas marcas socioculturais tanto de quem escreve a dissertação quanto de quem escreve o material de análise enquanto mulheres brancas, gordas, feministas e independentes.

Nesse sentido, lugar de fala é tomado a partir de Ribeiro, enquanto uma perspectiva que considera e reflete sobre o lugar social de quem se pronuncia discursivamente, bem como as implicações que falar desse lugar tem estruturalmente em nossa sociedade no sentido de perceber a legitimidade e a hierarquia social implicada nisso. Conforme a autora, “o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas.” [...]. (RIBEIRO, 2017, p. 69). Portanto, não significa dizer que a vivência social seja uma prerrogativa para alguém falar sobre um assunto, apenas que o lugar social seja considerado, continua a autora:

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugar de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que os indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social, consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternos. (RIBEIRO, 2017, p. 86)

Essa perspectiva de lugar de fala norteará nosso olhar para o que é escrito por Alexandra levando em consideração o lugar da qual ela escreve o livro *Pare de se odiar* (2019), além de pensarmos no público para o qual ela escreve. Ao mesmo tempo em que outro nome será chamado para esta conversa, o do filósofo e crítico social Michel Foucault. Suas teorias sobre sexualidade e sobre as relações de saber e poder já serviram como uma das bases do nosso primeiro capítulo, junto com diversos autores que falam sobre o corpo.

### 3.2 ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DO SABER

Para a parte metodológica de nosso estudo, partiremos de sua obra *Arqueologia do Saber* (2017) para compreendermos seu conceito sobre formações discursivas. Percebemos a constituição de uma formação discursiva não pela sua regularidade contínua, mas sim pela sua regularidade discursiva percebida na dispersão. Em diferentes épocas e culturas, a forma como o discurso médico enuncia, mais do que o que diz, deixa perceptível que existem mecanismos linguísticos que remetem ao que conhecemos enquanto aquilo que o médico diz ou diria. Se pensarmos, por exemplo, no sujeito mãe, ou no discurso materno, todos terão uma base de que determinado enunciado, seja dito por uma mãe ou não, é “coisa de mãe dizer”. Segundo o autor, então:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e no caso em que entre os objetos, os tipo de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...]. (FOUCAULT, 2017, p. 47)

Se as formações discursivas são entendidas a partir de sua similaridade através de diversos fatores, um destes, é o lugar de fala e suas implicações socioculturais dentro do contexto histórico de produção e de circulação. É neste ponto que os conceitos escolhidos para o recorte metodológico conversam em nossa pesquisa para olhar para a subjetividade da mulher gorda no livro *Pare de se odiar* (2019). Porém, quando falamos no livro como o material de análise, será de trechos selecionados a partir de nossa leitura em busca de indícios para análise

do atravessamento discursivo religioso cristão, médico científico e liberal econômico no discurso acerca das vivências gordofóbicas que constituem a experiência de Alexandra enquanto mulher gorda, bem como no discurso de empoderamento que Alexandra dirige ao seu público leitor. Essa seleção de trechos é necessária, afinal:

Fora de cogitação, entretanto, está o fato de se poder descrever, sem limites, todas as relações que possam assim aparecer. É preciso, numa primeira aproximação, aceitar um recorte provisório: uma região inicial que a análise revolucionará e reorganizará se houver necessidade. Mas como circunscrever essa região? [...] Mas, por outro lado, como se dar o máximo de chances de tornar a apreender, em um enunciado, não o momento de sua estrutura formal e de suas leis de construção, mas o de sua existência e das regras de seu aparecimento [...] A menos, talvez, que consideremos o conjunto dos enunciados através dos quais essas categorias se constituíram - o conjunto dos enunciados que escolheram como "objeto" o sujeito dos discursos (seu próprio sujeito) e que se dispuseram a desenvolvê-lo como campo de conhecimentos? (FOUCAULT, 2017, p. 36-37)

Outro ponto importante da perspectiva metodológica adotada é a compreensão dos conceitos de dispersão e regularidade para que entendamos de que forma iremos mapear as marcas linguísticas para, então, analisar e problematizar seus efeitos discursivos. Quando falamos em regularidade pode parecer algo contínuo e linear, mas não é este o caso para Foucault. A regularidade é compreendida no âmbito da repetição, termos ou frases que se repetem em um recorte de enunciados e esse recorte não procura um lugar de origem, não pensamos em começo ou fim quando falamos de efeitos discursivos. Conforme o autor:

Finalmente, eis a última precaução para colocar fora de circuito as continuidades irrefletidas pelas quais se organizam, de antemão, os discursos que se pretende analisar: renunciar a dois temas que estão ligados um ao outro e que se opõem. Um quer que jamais seja possível assinalar, na ordem do discurso, a irrupção de um acontecimento verdadeiro; que além de qualquer começo aparente há sempre uma origem secreta - tão secreta e tão originária que dela jamais poderemos nos reapoderar inteiramente. Desta forma, seríamos fatalmente reconduzidos, através da ingenuidade das cronologias, a um ponto indefinidamente recuado, jamais presente em qualquer história; ele mesmo não passaria de seu próprio vazio; e a partir dele, todos os começos jamais poderiam deixar de ser recomeço ou ocultação (na verdade, em um único e mesmo gesto, isto e aquilo). (FOUCAULT, 2017, p. 30)

Também é importante ressaltar que quando nos referimos a um recorte de enunciados o conceito de enunciado para o autor não é simplesmente o do já dito como aquilo que é passível de análise, o que já foi registrado seja na fala ou escrita e que pode ser tomado como um material de interpretação, mas sim “[...] e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um ‘jamais-dito’, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro.” (FOUCAULT, 2017, p. 30). Quando falamos de silêncio, entendemos o não-dito como passível

de discursividade tanto ou mais do que o não dito. Os silêncios significam, o não se posicionar é um posicionamento, então, continua o autor:

Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar. O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele diz; e esse não-dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz. O primeiro motivo condena a análise histórica do discurso a ser busca e repetição de uma origem que escapa a toda determinação histórica; o outro a destina a ser interpretação ou escuta de um já-dito que seria, ao mesmo tempo, um não-dito. (FOUCAULT, 2017, p. 30)

Neste sentido, ao analisar os enunciados além de procurar pelos efeitos do que está dito, também é preciso considerar que quando se diz x não se diz y, isso é, quando algo é dito outras possibilidades são silenciadas e toda essa formulação tem uma erupção discursiva atrelada ao campo social, cultural e histórico de seu surgimento, mas não só, de sua circulação também. É por isso, que por mais que consideremos importante para a análise pensarmos as condições de produção e de circulação, não é nosso intuito, enquanto analistas de discurso, buscar por sua origem ou por sua continuidade. Assim, para Foucault:

É preciso renunciar a todos esses temas que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida. É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. Essas formas prévias de continuidade, todas essas sínteses que não problematizamos e que deixamos valer de pleno direito, é preciso, pois, mantê-las em suspenso. Não se trata, é claro, de recusá-las definitivamente, mas sacudir a quietude cora a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que são sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas; definir em que condições e em vista de que análises algumas são legítimas; indicar as que, de qualquer forma, não podem mais ser admitidas. (FOUCAULT, 2017, p. 30-31)

A busca pela legitimidade dos efeitos não significa também que os sentidos periféricos e marginais não nos interessem, mas reconhecer que existem instâncias que regulam os discursos enquanto efeito de verdade exatamente por estarem em lugares reconhecidos enquanto legítimos e que exercem poder de forma mais produtiva e eficaz sobre os corpos, tendo uma relação de subjetivação dos sujeitos num sentido mais amplo. Quando escolhemos um livro com uma autora específica, nossa escolha não se dá para analisar as regularidades dela enquanto autora de um livro, não buscaremos o que faz desse um livro escrito por Alexandra Gurgel, isto é, não é por marcas linguísticas autorais que estaremos interessados. Ainda para Foucault:

Mas se isolamos, em relação à língua e ao pensamento, a instância do acontecimento enunciativo, não é para disseminar uma poeira de fatos e sim para estarmos seguros de não relacioná-la com operadores de síntese que sejam puramente psicológicos (a intenção do autor, a forma de seu espírito, o rigor de seu pensamento, os temas que o obcecaram, o projeto que atravessa sua existência e lhe dá significação) e podermos apreender outras formas de regularidade, outros tipos de relações. [...] Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações. (FOUCAULT, 2017, p. 35)

Afinal, nosso primeiro capítulo parte de quatro formações discursivas a saber, o discurso religioso, o discurso médico, o discurso profissional e o discurso publicitário (esses dois últimos a partir de uma ótica da construção das relações de produção e consumo do sistema econômico vigente, o capitalista), para compreendermos a constituição do discurso de empoderamento feminino no livro *Pare de se odiar* (2019) de Alexandra Gurgel, que surge como efeito de uma vivência pautada em uma experiência marcada pela gordofobia. A partir disso, o nosso *corpus*, será principalmente os relatos de Alexandra sobre as experiências gordofóbicas que a constituíram e, assim, poder analisar as práticas discursivas que a levam ao lugar de uma mulher gorda empoderada e que dissemina conteúdo sobre autoaceitação do corpo. Porém, ao fazer nosso gesto interpretativo, não partimos da ideia de que possamos extenuar as possibilidades discursivas, muito menos que encontraremos uma análise que sirva para outras experiências de mulher gorda, para além da que iremos analisar, que é a da Alexandra.

Ora se as formações discursivas podem ser tomadas a partir tanto da dispersão quanto da regularidade, nossa leitura do material de análise será no sentido de mapear esses acontecimentos enunciativos a partir do que eles têm de efeito discursivo quanto ao nosso objetivo de pesquisa. Antes disso, pensamos ser importante considerar que mesmo marcando meu lugar de fala em relação ao assunto e olhando para a experiência de Alexandra, não pretendemos aqui nos ver como representantes do discurso sobre a mulher gorda, afinal, iremos falar de uma experiência individual que resultou em um efeito positivo a partir de uma perspectiva feminista. Porém, ao falar de mulher não falamos de toda mulher, é uma mulher branca, independente financeiramente, com experiências heterogêneas em relação a sexualidade, cisgênero e gorda. Alexandra não representa todas as mulheres gordas, não iremos, então, considerar uma universalização da categoria, afinal, é exatamente essa prática que criticamos anteriormente. Alexandra é um corpo no mundo, num mundo repleto de diversidades de corpos.

### 3.3 ESTUDOS SOBRE O CORPO GORDO

Dentro de minha trajetória de leituras teóricas, os estudos sobre o corpo gordo foram o último conceito a que tive acesso em minhas pesquisas. O que temos são pequenos núcleos de estudo em diferentes lugares, mas ainda não temos um estudo conjunto e coeso sobre o assunto, é algo que começa a aparecer no campo teórico de forma mais aprofundada, por mais que nas redes sociais, de forma superficial, existe, cada vez mais, pessoas falando sobre o assunto.

Por ter escolhido um livro de uma produtora de conteúdo que tem repercussão nacional, achei coerente olhar para o que se fala sobre o corpo gordo no campo teórico no Brasil, já que o olhar para o corpo tem aspectos culturais diferentes de um lugar para o outro e, como disse, por ter sido o último conceito a que tive acesso às leituras, ainda é uma leitura superficial de alguns nomes que encontrei e que fazem uma leitura crítica do que se tem produzido sobre o corpo gordo no Brasil.

Considero que, por ser um tema que tem ganhado representatividade e espaço na mídia, em breve teremos estudos mais consistentes e coesos sobre o assunto que poderão elucidar melhor o que, aqui, trago de forma breve a partir da tese de doutorado defendida no início deste ano de 2020 (que virará livro) pela ativista e pesquisadora Maria Luisa Jimenez Jimenez *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. A tese de Malu foi indicada pela amiga jornalista, Agnes Arruda, que também defendeu sua tese sobre o corpo gordo e tem um projeto conjunto com Malu sobre pesquisa do corpo gordo. Em sua tese, parte de sua vivência enquanto mulher gorda maior e de suas experiências de ativismo para falar sobre o corpo gordo e a gordofobia, assim, conforme Jimenez:

A gordofobia é uma estigmatização porque ela exclui as pessoas gordas do direito de ir e vir, do direito sobre os próprios corpos, de estar em espaços públicos e/ou privados. É importante ressaltar que o gordo não é o único excluído, outros tantos corpos são negados. O corpo gordo não se encaixa literalmente na sociedade. Muitas vezes, essa exclusão é difícil de ser identificada porque ela sempre está disfarçada de uma preocupação com a saúde, e esse discurso funciona como coerção para o corpo gordo ser menor e poder se encaixar socialmente. Essa pressão gordofóbica é difícil de ser superada por corpos que são maltratados, invadidos e humilhados desde a infância. Como vimos, são corpos e mentes em sofrimento, que muitas vezes não conseguem mais lidar com toda essa discriminação, já que são anos tendo que aprender a lidar com algo que acontece estruturalmente, é institucionalizado e culpa a própria pessoa gorda por não se encaixar, a qual, como consequência, deve ser punida. (JIMENEZ, 2020, p. 72)

A autora, por ser o que se chama de gorda maior e ter questões de acesso distintas de uma gorda menor, traz uma perspectiva diferente de que Alexandra trabalha em seu livro sobre o corpo gordo, já que esta é considerada uma gorda menor. Isso é, conforme o tamanho do

corpo gordo, as experiências de gordofobia mudam, se tornam mais fortes e violentas. Desta forma, é importante entender a distinção entre pressão estética e gordofobia, segundo Jimenez:

Para entender a falta de acessibilidade do corpo gordo, primeiro temos de esclarecer que existe uma confusão generalizada sobre a estigmatização do corpo gordo. É preciso entender a diferença entre pressão estética e gordofobia, que não são a mesma coisa, e confundir isso leva à banalização desse estigma. A pressão estética é uma opressão que todo mundo sofre, os magros, os gordos, loiros, altos, negros e baixos, porque existe uma opressão a todos os corpos para acompanharem, buscarem e conquistarem o corpo padrão socialmente, ou seja, o corpo magro, malhado, etc. Como é muito difícil o alcance dessa padronização, como já dissemos, o descontentamento com o próprio corpo é geral. Mas uma mulher que não consegue emagrecer 3 quilos e se sente mal por isso não sofre de gordofobia. Não entrar na calça de numeração 38 também não é gordofobia. A gordofobia vai muito além dessa opressão, pois é uma discriminação que leva à exclusão social, visto que os corpos gordos perdem a humanidade, são estigmatizados, humilhados e banidos do convívio social. (JIMENEZ, 2020, p. 73)

Essa divisão de tamanhos dentro dos estudos do corpo gordo se dá, pois, o tipo de limitação que um corpo gordo maior tem socialmente é diferente de um corpo gordo menor. Seja para ocupar espaços públicos, seja para acessar produtos para seu corpo, seja a forma como é visto socialmente. Existe uma passabilidade, por assim dizer, do que seria um corpo gordo aceitável e palatável para ser mostrado pela mídia, publicidade: o corpo curvilíneo, com cintura fina e quadril grande, mas sem uma barriga proeminente. Já corpos gordos que saem desse padrão de curvas, passam por um julgamento social maior. Então, mesmo fora do padrão, ainda parece haver um padrão. Segundo Jimenez:

[...] muitas mulheres gordas começam a se aceitar primeiro, a amar seu corpo gordo, para depois participarem do ativismo contra a gordofobia de diversas maneiras, ou não. Existem outras mulheres que ficam nessa questão da beleza, da moda, do empoderamento, e está tudo bem também. Nada contra o empoderamento e a autoaceitação, isso salva vidas, entretanto veremos mais adiante que o ativismo gordo no Brasil está dividido, basicamente, em dois grupos: há quem defenda a autoestima como centro do movimento e há um grupo que entende que a autoestima não tem nada a ver com o ativismo gordo. Existe uma discussão atual sobre as diferenças entre o *body positive*, movimento este que conta com muitos seguidores, o ativismo gordo e o feminismo gordo. (JIMENEZ, 2020, p. 46)

Esses ciclos pelos quais nós mulheres gordas passamos é semelhante ao contato inicial com o feminismo, um passo é o se libertar pessoalmente das amarras do patriarcado, outro muito importante e que nem sempre segue, é o de entender o feminismo como uma luta coletiva contra o patriarcado, e, então, se tornar uma ativista ou militante do movimento com estudo teórico e ações práticas. Em relação ao processo de aceitação de si enquanto mulher gorda, geralmente é mais demorado o processo e nem sempre se passa dessa aceitação para a militância.

Além disso, nos relatos de Jimenez (2020) em sua tese, ela fala sobre as situações de gordofobia médica que passou, e esse é o tipo de gordofobia que mais dá respaldo para as outras, pois a ciência médica, como tratamos no capítulo 2, tem um efeito de verdade por ser um lugar de saber e, portanto, não era questionada socialmente quando diz que o corpo gordo é obesidade, uma doença e que precisa obrigatoriamente emagrecer para ser saudável. Eu mesma, já passei por situações de gordofobia médica ao longo da vida, algumas mais leves, outras mais pesadas, mas todas normalizadas até então. Atualmente, desde que comecei a ler sobre os estudos sobre o corpo gordo é que comecei a me dar conta de muitas violências pelas quais já passei dentro e fora de hospitais, mas sempre respaldada pela ciência médica como uma “preocupação com a saúde”. Porém, essa preocupação dificilmente se baseia em exames médicos e sim, no simples fato do corpo ser gordo. Conforme relata Jimenez, sobre uma ida ao hospital após sentir dor:

Lá fizeram inúmeros exames e descobriram que tinha uma pedra na vesícula também. Eles me internaram e anunciaram que quem iria me atender era um médico especialista em obesidade. Fiquei internada por uma semana no hospital ao lado de mulheres que estavam ali para fazer a cirurgia bariátrica; outras estavam retornando para fazer cirurgias reparadoras. A maioria estava internada ali a fim de emagrecer. Fizeram muitos exames, e o médico veio conversar comigo dois dias depois da internação. Ele se apresentou e disse que era gastroenterologista, especialista em cirurgia bariátrica e que eu precisava fazer a cirurgia porque era obesa e tinha muitas morbidades decorrentes do meu peso. Num primeiro momento, comecei a perguntar e discutir com o médico, já que meus exames estavam bons e eu gostaria de saber quais morbidades eram essas. Mas depois percebi que, ao invés de bater de frente com um preconceito institucionalizado dentro da saúde, na forma de tratar um paciente gordo, mudei a maneira de lidar com toda aquela pressão e disse a ele que faria a bariátrica depois de resolver minhas dores. Todos os dias ele me passava muitos exames e dizia: “*Você é um risco cirúrgico, temos que saber se está tudo bem*”. Em nenhum exame deu algum problema, mas ele continuava insistindo na bariátrica. [...] Essa experiência foi um divisor de águas para minha vida e pesquisa, porque pude ver de perto, com um olhar crítico, o que a cirurgia bariátrica tem se tornado dentro dos hospitais e como os médicos estão se tornando vendedores especializados em construção de corpos que se encaixem num padrão estabelecido dentro do IMC. (JIMENEZ, 2020, p. 50)

Essa estigmatização do corpo gordo pela ciência médica é reforçada pelo discurso liberal de sucesso meritocrático isso é, “se você quer, você consegue”. Da mesma forma, o corpo é lido como um corpo fracassado e uma mente descontrolada, já que se tivesse “força de vontade” conseguiria emagrecer. Não se chega a questionar se a pessoa quer emagrecer, é um pressuposto social de que todos querem ser magros e que todos querem ter sucesso e serem vistos como líderes. Dentre as muitas características que podem ser vistas de forma preconceituosa pela sociedade, o corpo gordo, não é possível de disfarçar. Segundo Jimenez

Alguns estigmas podem ser disfarçados, mas o tamanho do corpo e a cor da pele são evidentes, apesar de já ter ouvido histórias sobre ocultação de gordura pelas roupas

ou em manipulações fotográficas, assim como a evitação do sol, o alisamento de cabelo e os filtros nas fotografias de pessoas negras. (JIMENEZ, 2020, p. 70)

Compreender o que é a gordofobia e como ela afeta a vivência do corpo gordo, é importante para que entendamos que os discursos com efeito de verdade que atravessam nossos corpos e regulam nosso comportamento social, não só produzem efeitos e subjetivações, mas vão moldando nossa forma de resistir. Se a experiência da mulher gorda passa por lugares de opressão distintos de outros corpos, é compreensível que a resposta seja um ativismo gordo, um feminismo que pense na intersecção do corpo gordo.

#### 4 ANÁLISE DE UMA JORNADA RELATADA DA GORDOFOBIA AO EMPODERAMENTO DE ALEXANDRA GURGEL

“Você sabe o que é olhar para um espelho e desejar que aquele corpo não fosse seu? / Sabe o que é não se achar em telas e papéis? / Não é sobre ser gorda é sobre o peso de se estar acima de um peso / Chegamos, chegamos, chegamos para sentar nossa bunda gorda nessa sua ideia paranoica de que a gente não existe ou não devia existir” (Anná, Carta à boa forma, 2017)

Consideramos importante, antes de iniciar a análise dos trechos do livro em si, analisarmos os efeitos de circulação do livro *Para de se Odiar* (2019), de Alexandra Gurgel, bem como alguns aspectos do contexto em que foi publicado, o público para o qual é direcionado e como foi recebido. Estes aspectos por si só já dariam uma dissertação, porém, não é nosso objetivo de pesquisa, traremos aqui um recorte de dados a serem considerados para a compreensão da análise do relato de trajetória da autora. Sobre as questões de circulação, trazemos o exemplo da tese do professor Daniel do Nascimento Silva sobre os efeitos de circulação dos discursos:

Obviamente, os modos de determinar por onde o discurso vai circular são bem mais abrangentes do que a divulgação de tais pesquisas de opinião – elas estão inscritas na pragmática do discurso. Além dessa projeção da circulação, os textos utilizam seus elementos textuais-discursivos ideologicamente. Assim, personagens de notícias, acontecimentos, estatísticas, etc. transformam-se em metonímias de visões de mundo que as mídias querem levar adiante. (SILVA, 2010, p. 136)

Desta forma, é importante considerar o livro não apenas em sua materialidade discursiva, mas também alguns elementos que tragam evidências de sua recepção e circulação para compor um cenário mais amplo dos efeitos discursivos sobre o livro analisado. Traremos, então, a capa do livro, a postagem de venda do livro no site Amazon, a postagem de lançamento do livro no perfil pessoal do *Instagram* de Alexandra, bem como comentários destas duas postagens.

Antes, falemos um pouco do percurso da autora até o lançamento do livro. Alexandra iniciou seu canal no YouTube, *Alexandrismos*, em 2015 – alguns anos depois do surgimento do que são considerados os dois primeiros grandes *vloggers* de sucesso no Brasil, Felipe Neto com o *Não faz sentido* e PC Siqueira com o *Mas poxa vida*, ambos iniciaram em 2010 – quando muitos dos canais que hoje tem um público considerável e visibilidade nas redes sociais iniciaram (esses dados eu trago de conhecimento próprio, pois acompanho o surgimento dos canais do YouTube desde o início).

Os vídeos de Alexandra, em seu canal, no início falavam bastante sobre amor-próprio e aceitação do corpo de uma perspectiva feminista de empoderamento. Neste sentido, a maior parte de seu público é composto por mulheres jovens, segundo relato da autora em *stories* do *Instagram*, dependendo do vídeo e da repercussão surge uma leva de adolescentes, homens gordos e mulheres de meia idade que entram em contato por algum vídeo que viralizou ou alguma polêmica de pessoas que compartilham e comentam o conteúdo dos vídeos e das redes sociais da autora. No *YouTube*, ela tem atualmente 495 mil inscrições e no *Instagram* 880 mil seguidores, além disso, no perfil de seu projeto *Corpo Livre* (movimento de aceitação corporal para todos os corpos), ela tem 226 mil seguidores. Já suas contas no *Facebook* e *Twitter* eu não tenho como dizer os números, pois não faço uso destas redes sociais.

O livro foi lançado em meados de 2018, pela Editora Record, e entrou para a lista dos mais vendidos na categoria autoajuda na décima segunda posição no mesmo ano, segundo o site de ranking de vendas de livros *Publish News* (PUBLISH NEWS, 2018, online) Atualmente é vendido no formato impresso e *ebook* por diversas livrarias do país. Selecionamos alguns recortes de imagens para analisarmos os efeitos de circulação: a capa e contracapa, a postagem de lançamento no perfil de *Instagram* da autora na época, alguns comentários de seus seguidores nesta postagem, a forma como o livro é apresentado no site da *Amazon* (um dos principais sites de venda de livros no país), a avaliação que o livro recebeu pelos leitores no mesmo site, e os dois principais comentários de leitores no mesmo site. Para questões de organização, vamos utilizar as imagens a partir de uma numeração de figuras.

Figura 1 – Capa e contra capa do livro



Fonte: Amazon, 2020

A chamada de ordem “pare de se odiar” com o verbo parar no imperativo, é muito comum na linguagem publicitária e também em títulos de livros considerados de autoajuda, em que se escrevem orientações para se lidar com determinadas situações, além disso, revistas femininas também se utilizam dessa linguagem para indicar formas de emagrecimento, como lidar com relacionamentos, entre dicas de beleza e sexualidade. Esse tipo de linguagem tem um apelo de chamar para uma ação ou de motivar as pessoas em direção de um comportamento. Outros fatores que remetem à capa de revista é a diagramação do texto em que uma parte está em uma letra bem maior e temos informações secundárias em letra menor na lateral, além disso, a foto de Alexandra como toda capa de revista feminina sempre tem uma mulher na capa. Nas revistas geralmente são mulheres magras, modelos ou atrizes que estão associadas a imagem de padrão de beleza. Alexandra aparece sentada com um top, barriga à mostra e calça jeans o que já pode causar incômodo para pessoas que não estão acostumadas a ver as dobras de uma barriga de mulher gorda à mostra. Então, podemos dizer que é uma capa que irá chamar a atenção e até mesmo tirar do lugar de conforto em relação ao tipo de corpos e poses que se costumou a ver em caspas seja de livro ou revista.

Outro ponto a ser observado é o subtítulo que responde o motivo de as pessoas deverem parar de se odiar “porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário”. Podemos analisar a

relação binária entre amor e ódio em que o ódio é a si, já que é usado o pronome “se”, e amar é voltado ao corpo e não qualquer corpo, mas o próprio, o seu corpo, como se o corpo aqui fosse uma representação externa de si. O que parte do princípio, ao associarmos o título com a imagem da autora na capa, que seja uma chamada para pessoas gordas e, além disso, que pessoas gordas se odeiem e não amem seu próprio corpo. Outra questão é o fim do subtítulo que afirma que amar o próprio corpo é um ato revolucionário, e aí entra o efeito de sentido de revolução como um ato político, um ato transformador.

Depois aparece o nome da autora e sua descrição resumida que, como a descrição maior da contracapa, está pautada em seu trabalho como *youtuber*, ignorando sua carreira anterior e outras experiências com a publicidade e o jornalismo. Algumas palavras a que a autora é associada é a “autoaceitação”, “autoestima”, “*body positive*” e a “luta contra a gordofobia”. Os três primeiros termos remetem mais à temática da autoajuda no sentido de estar relacionado a um olhar para si mesmo, já a “luta conta a gordofobia” parece ter um sentido mais coletivo e político.

**Figura 2 – Avaliação do público no site da Amazon**

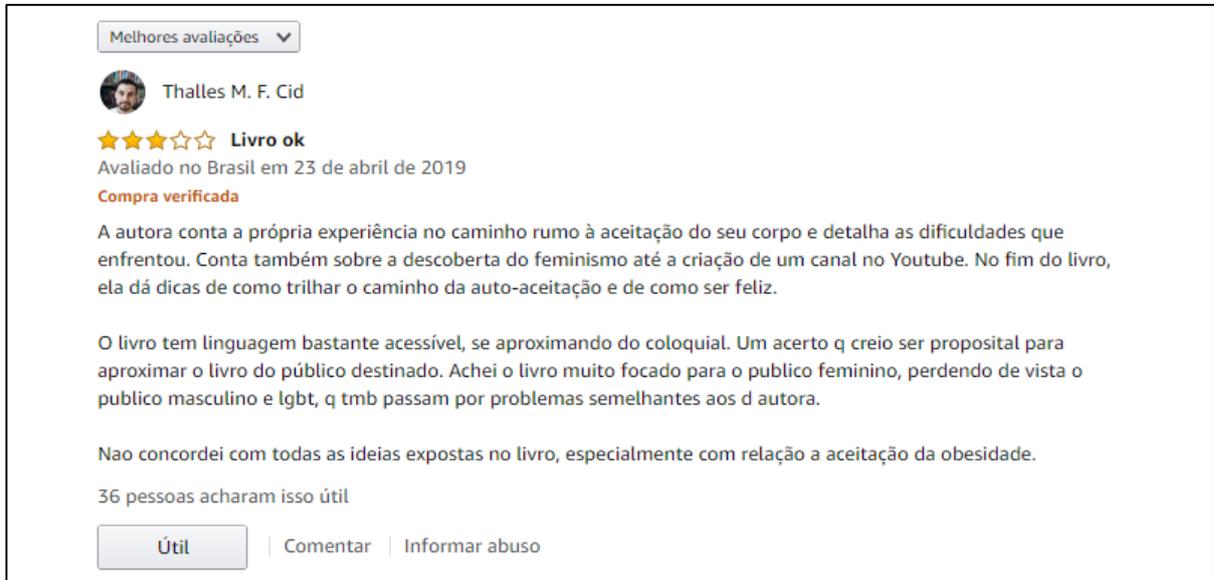


Fonte: Amazon, 2020

Dentre os muitos sites que disponibilizam o livro para a venda, escolhi o site em que eu mesma adquiri para analisarmos como as pessoas que compraram e, imaginamos que leram, avaliam o livro. No site a *Amazon* 140 pessoas classificaram o livro, sendo que a grande maioria avaliou com 5 estrelas, tendo poucas avaliações negativas do livro e pontuando, assim, o livro com 4,6 estrelas de 5 possíveis. Se levarmos em consideração o ranking citado anteriormente sobre o recorde de vendas e a boa avaliação do livro no site, podemos pensar que houve uma boa recepção do público da autora em relação ao seu livro. Ao mesmo tempo, se pensarmos em fatores numéricos dos 450 mil inscritos em seu canal e 800 mil seguidores no *Instagram*, a

venda poderia ser mais expressiva, já que segundo o Publish News em 2018 menos de mil exemplares haviam sido vendidos (PUBLISH NEWS, 2018).

**Figura 3 – Primeiro comentário mais avaliado no site da Amazon**

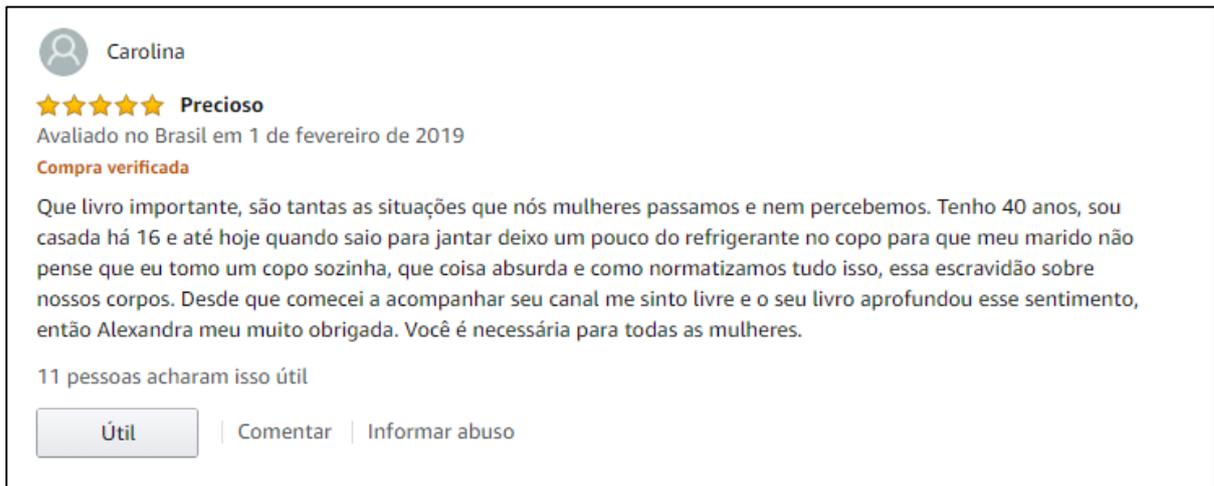


Fonte: Amazon, 2020

Dentre os comentários de avaliação no site da *Amazon* temos dois comentários votados como sendo mais úteis por outros leitores ou possíveis compradores do livro. O primeiro é de um homem que faz uma descrição resumida do que trata o livro e depois faz uma avaliação da linguagem que considera coloquial, julgando certa ao público que se destina, porém não diz quem é esse público destinado ou quem ele considera ser. Ao mesmo tempo que critica o fato do livro ter o foco no público feminino e que não considere os homens e mesmo pessoas LGBTQIA+ que também teriam essa relação com o corpo. O interessante é que, mesmo ele dizendo no primeiro parágrafo que a autora conta sua própria experiência, ele sente que o fato de ela não falar sobre experiências que não viveu como as masculinas ou de pessoas LGBTQIA+, é um problema no livro. Isso é, ele não se viu representando enquanto homem e, possivelmente homem homossexual, no livro. Além disso, diz que não concorda com tudo o que a autora escreve e principalmente sobre a “aceitação da obesidade”. Aqui é interessante analisarmos que ele não fala aceitação do corpo gordo, ele utiliza um termo da ciência médica, já que obesidade é considerada uma doença e é uma das pautas do movimento contra a gordofobia, pois um corpo gordo não é necessariamente um corpo doente e esse tratamento é um dos motivos de pessoas gordas serem vistas de forma tão negativa pela sociedade. Se pensarmos nesse sentido da doença, e levarmos em consideração o verbo “aceitar” usado por ele, soa a um discurso de vigilância em que as pessoas se sentem autorizadas a se dirigir a

peessoas gordas e falar sobre seu corpo, sobre a necessidade de emagrecer, pois esse controle é visto como uma preocupação relacionada a saúde. Esta é uma postura naturalizada socialmente, tanto é que 36 pessoas consideraram seu comentário “útil”.

**Figura 4 – Segundo comentário mais avaliado no site da Amazon**



Fonte: Amazon, 2020

Já o segundo comentário mais bem avaliado é de uma mulher de 40 anos, casada com um homem e que fala de sua experiência com esse olhar vigilante, já que ela relata ter posturas para não ser vista por seu marido como alguém fora do controle, capaz de tomar um copo de refrigerante cheio. O que ela chama de “escravidão sobre nossos corpos”, desta forma podemos pensar que ela se sente, enquanto mulher e talvez mulher gorda, representada no livro. Além disso, ela diz que acompanha os vídeos de Alexandra, então o contexto de leitura já parte de uma relação de identificação com o conteúdo da autora e com a necessidade que ela parece sentir de aceitação. Esse comentário foi considerado útil para 11 pessoas. É interessante pensarmos nesse sentido de utilidade dos comentários avaliativos, pois seriam comentários que iriam ser úteis para que as pessoas decidam ou não comprar o livro. E é nesses comentários que podemos perceber uma postura de julgamento em relação a um livro que se propõe a falar sobre a aceitação do corpo gordo.

Figura 5 – Postagem de lançamento do livro no perfil do Instagram



Fonte: Instagram, 2020.

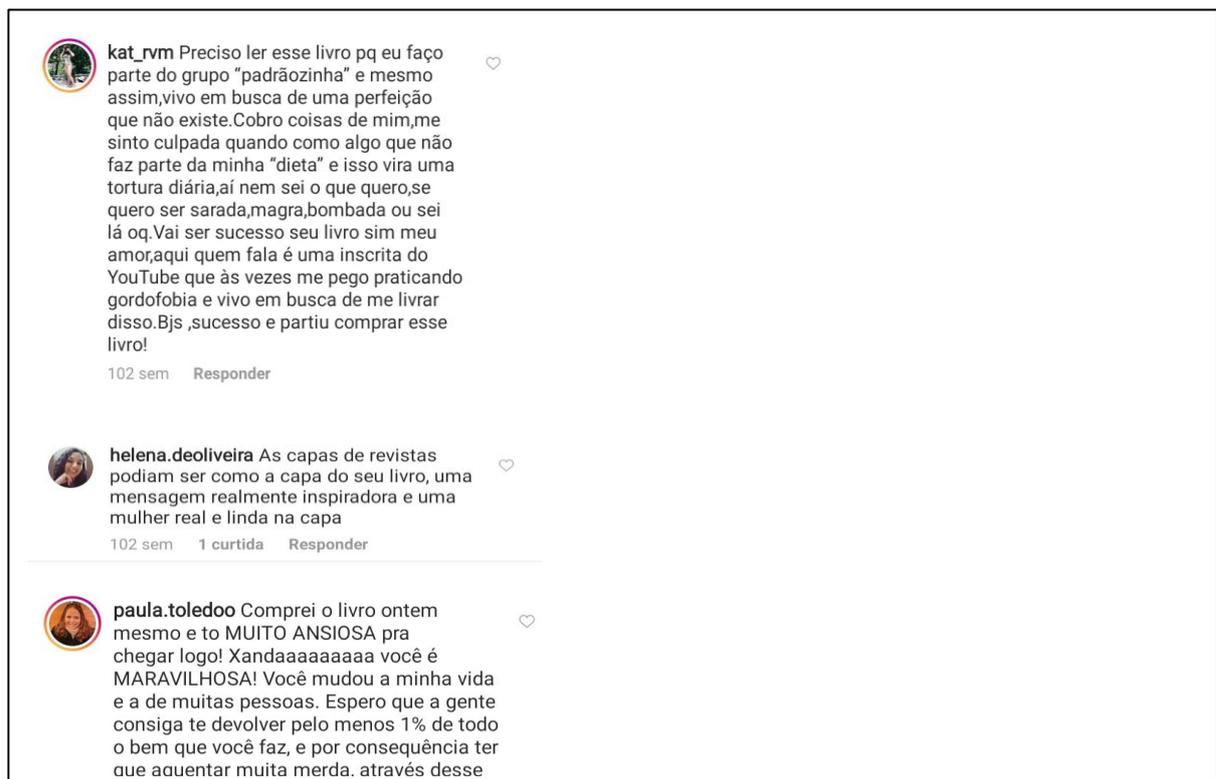
Outro lugar de análise da recepção do livro, bem como de sua circulação, além do site de venda, é a rede social da autora, nesse caso o *Instagram*. A postagem de Alexandra com a capa de lançamento do livro e um texto de apresentação, teve 1686 comentários, destes selecionamos quatro para representar o que percebemos ser a reação geral nesta postagem. É interessante observarmos que Alexandra motiva as pessoas a comprarem para entrar na “lista dos mais vendidos” e fala desse desejo como algo que seria parte da “nossa” história, isso é, associa o desejo de sucesso de vendas como algo que seria dela e de seu público.

A autora caracteriza o livro como “polêmico, espinhoso, gostoso e fácil de ler”. A ideia de algo polêmico, parte de um pressuposto da autora de que o tema do livro seria algo que não teria necessariamente uma recepção homogênea do público e que poderia causar reações contrárias. Ao utilizar o termo “espinhoso”, parece remeter a outro pressuposto, o de que será um tema difícil de ser lido e processado por seu público. Ao mesmo tempo ela diz que será “gostoso e fácil de ler”, então a ideia de que a linguagem, como avaliou, no comentário da

*Amazon*, um dos leitores, ser “acessível” por ser mais coloquial e que isso parecia proposital, parece ser realmente uma tática da autora para tratar do assunto que considera polêmico e espinhoso. Outra questão é que, a facilidade da leitura também parece ter o pressuposto de que seu público não irá consumir uma leitura considerada difícil.

Para além da celebração de sua conquista em lançar um livro e dos agradecimentos que faz, percebemos uma intenção de venda, de conclamar as pessoas a sentirem que o lançamento do livro é algo delas também, uma conquista por extensão, já que fazem parte do público do canal no *YouTube* ou a seguem no *Instagram*, e que comprar o livro seria uma forma de celebrar esse sucesso coletivo. Nesse sentido podemos perceber, na fala de Alexandra, a subjetivação do discurso liberal econômico, pois além de incentivar a compra de seu livro, há também na postagem a publicidade da roupa que usou na foto de capa com link direto para a compra dos itens pelas marcas que fabricaram as peças.

**Figura 6 – Comentários da postagem do livro no perfil do Instagram**



Fonte: Instagram, 2020.

Os três comentários selecionados dos 1686 (a seleção se deu por representarem o que a maior parte dos outros comentários dizem, mas com textos mais extensos), são uma mostra da recepção positiva e de identificação que as pessoas que comentaram demonstraram ter. O primeiro comentário é de uma mulher que diz ter um corpo padrão e que, mesmo assim, sente a pressão estética de necessidade de adequação. O que faz voz ao que tratamos no capítulo 2 de

que a pressão estética é algo que todas as mulheres sentem, mesmo tendo um corpo que possa ser visto como padrão, a ideia de controle, vigilância, manutenção e preservação desse corpo tem uma base discursiva advinda das mesmas relações de poder que o corpo de uma mulher gorda sofre.

Além disso, ela afirma acompanhar o conteúdo do canal do *YouTube* de Alexandra e, mesmo assim, se percebe sendo gordofóbica em muitas situações. A reprodução do discurso gordofóbico parece ter relação com a própria pressão estética sentida por ela, já que ao mesmo tempo em que sente que precisa regular e controlar a si e ao seu corpo, faz isso com o corpo de outras pessoas.

Já o segundo comentário faz menção às capas de revista e da falta de representatividade do que chama de uma beleza “real” da mulher. Além disso ela se sente inspirada pela capa do livro, por ver uma mulher gorda mostrando seu corpo. Podemos pensar, então, que a representatividade causa uma identificação e uma autoafirmação poderosa e que contribui para a boa recepção e venda do livro, da mesma forma que pessoas que não se sintam representadas, como foi o caso do homem que avaliou o livro acima, mesmo comprando o livro, tenham sua avaliação afetada pela não identificação da representação visual de si na imagem de capa ou no relato.

O terceiro comentário evidencia uma total identificação, já que ela afirma já ter comprado o livro que está em pré-venda, bem como afirma que Alexandra “mudou minha vida”. Além disso, ela parece encarar a compra do livro como uma forma de “devolver um pouco” do que sente que a autora fez por ela e por outras pessoas com o conteúdo veiculado em seu canal e redes sociais. Essa sensação de “dívida” vem da relação de identificação e representatividade que Alexandra causa nessa mulher, e da percepção de que os episódios de gordofobia que a autora passou é, de certa forma, algo que enfrentou pelo público.

Podemos perceber que o livro teve uma recepção e circulação positiva principalmente entre o público feminino, mas não apenas de mulheres gordas, e sim, diversos tipos de mulheres que sentem a pressão estética em relação a seus corpos. Além disso, o livro é lançado num momento em que o debate sobre o feminismo está em alta e tem boa aceitabilidade por um número cada vez maior de mulheres através das redes sociais.

#### 4.1 O ÓDIO AO CORPO: RELAÇÕES DE PODER QUE PERPASSAM O CORPO DA MULHER GORDA

Desta forma, os trechos e a análise deles não se dará necessariamente em uma ordem cronológica de aparecimento no livro de Alexandra Gurgel, mas sim, a partir de agrupamentos

de análise que destaquem efeitos discursivos das formações citadas acima. Então, para facilitar a leitura e entendimento, iremos separar a análise em subitens.

#### 4.1.1 O ódio ao corpo gordo: a representação de si mesma

Para adentrarmos o campo da análise, trazemos um recorte do nosso *corpus*, o livro *Pare de se odiar* (2019) escrito por Alexandra Gurgel, em que a autora relata sua relação com seu corpo e todo o caminho que construiu esse ódio em relação a si mesma.

##### TRECHO 1

Eu **me** odiei por 26 anos. Aprendi desde a infância a me odiar. Quando eu comecei a aprender a falar, já sabia falar palavras como “bonita” e “feia”. E não demorou muito para eu entender que **ser gorda significava que eu era feia e precisava emagrecer para ficar bonita**. Foi realmente bem cedo que isso rolou. E, **antes que você culpe alguém da minha família**, eu te falo: leia esse livro. (grifo nosso) (GURGEL, 2019, p. 15)

A autora começa a escrita de seu livro com este trecho, e o primeiro recorte que fazemos é o do pronome pessoal oblíquo “me”, afinal ela não diz que odiou o corpo por 26 anos e sim, que odiou a si mesma por 26 anos, assim como o próprio título do livro já sugere em pare de “se” odiar. Então, percebemos aqui que a relação com o corpo e com a gordura constitui a identidade do sujeito num sentido mais amplo em que se é o próprio corpo ou a aparência desse corpo. Se o ódio a si mesma é o ódio ao corpo, ser uma mulher gorda, ou antes mesmo, ser uma criança gorda torna-se o centro de constituição da relação consigo mesma. O corpo passa a dizer mais de si mesma do que sua subjetividade humana que não pode ser apreendida meramente em sua imagem física.

Essa percepção do próprio corpo e de ser um corpo gordo acontece ainda na infância, e não é só uma percepção da gordura, mas da inadequação dela. O efeito negativo que o corpo gordo tem vem do olhar externo e não de um olhar dela para ela mesma, é na comparação com outros corpos e na percepção do olhar dos outros sobre si mesma. Então, ela diz que passa a relacionar a beleza com a magreza e a feiura com a gordura.

Outro ponto interessante para a análise é o uso do verbo “precisar”. Alexandra afirma que “precisava emagrecer para ficar bonita”. Este precisar tem efeito de necessidade, de imposição e não de uma vontade ou um desejo interno de ser magra. Era preciso para ser vista enquanto bonita, aí vem o uso de outro verbo “ficar”, isto é, se é preciso ficar bonita, é porque como ela era não estava bonita. E percebe que não foi usado o verbo “ser”, não se falou em ser bonita como algo permanente, mas em “ficar” como um “vir a ser”, “converter-se em”, logo podemos inferir que a beleza enquanto magreza está associada a algo pelo qual é preciso fazer

um esforço, não é algo natural e sim uma conquista, então, depende do sujeito ter o controle sobre seu corpo para alcançar este objetivo.

Além desta noção de controle, que irá aparecer em outros trechos e se relacionar a outros fatores, o ódio ao corpo vai adentrando a mente do sujeito e adoecendo de forma mais profunda, desenvolvendo sintomas como o que podemos perceber no trecho abaixo:

TRECHO 2

Desde os 14 anos comecei a tratar depressão, pois foi a época que meu avô materno morreu, e fazia terapia, mas era algo que nunca dava certo, eu fazia e parava, não seguia o tratamento focado no assunto principal: o meu corpo. [...] Eu desejava ser anoréxica, desejava ser bulímica e me sentia fracassada por não conseguir seguir com todas as dicas. Até porque as pessoas que escreviam os blogs e participavam de fórum sobre Ana e Mia não eram muito unidas. Bastava uma dizer que não havia conseguido vomitar ou ficar sem comer que já era expulsa das conversas. Eu não via apoio nem naquele submundo cruel só porque não conseguia praticar tudo o que ensinavam. (GURGEL, 2019, p. 17)

A depressão é um sintoma que, neste caso, está associado com o ódio ao corpo e, por extensão o ódio a si mesma. Alexandra cita a “Ana e Mia”, que são apelidos dados para a anorexia e bulimia, doenças psíquicas relacionadas a busca do padrão estético de magreza que nunca chega. A anorexia é um distúrbio que afeta a forma como a pessoa se enxerga, isso é, mesmo quando a pessoa está magra, não consegue se enxergar assim, continua se vendo gorda e se negando a comer, fazendo exercícios de forma compulsiva, chegando a desenvolver doenças e podendo até mesmo morrer por inanição ou por problemas causados pela falta de alimentação. Já a bulimia é a prática de induzir o próprio vômito ou utilizar laxantes de forma regular. Neste caso a pessoa se alimenta, mas se sente culpada por isso e com medo de engordar, provoca a eliminação do que comeu. Esta prática é perigosa, além de psicologicamente, nutricionalmente, já que ao expurgar os alimentos, o organismo não absorve os nutrientes necessários para a saúde do corpo.

As duas doenças, que iniciam como comportamentos compulsivos, parecem sugerir uma vontade de que o corpo seja cada vez menor, como se quisesse sumir, não existir, nunca há um ponto em que se está satisfeita com o resultado. Essas práticas infelizmente são muito comuns entre adolescentes e jovens mulheres em busca de se encaixar no padrão de beleza, não é algo que se escolha fazer sem estar muito, mas muito mal psicologicamente. São distúrbios e não escolhas, como a própria Alexandra relata, ela se esforçou para desenvolver estas doenças, mas não conseguiu o que a fez se sentir ainda mais fracassada. O que soa a uma inversão de valores em relação à saúde, ~~era~~ pois se ela não consegue desenvolver doenças psíquicas que afetam seu corpo, podemos perceber que a pressão social pela estética do corpo está mais associada à saúde do que à preocupação com a saúde mental. Isto é, se você for uma pessoa magra, muito

provavelmente será naturalmente vista como saudável, já se for uma pessoa gorda, o contrário irá acontecer.

Outro fator que nos chama atenção no trecho é que ela diz que nunca chega ao ponto principal da terapia: seu corpo. Essa fuga do tema que ela considera central em relação a sua depressão é uma análise posterior que a autora faz, o que nos faz pensar que, naquela época, nem a psicologia encarava a ideia de que o ódio ao corpo gordo fosse um problema ou o fator principal de depressão. E ao não tratar do foco de seu problema psíquico, a depressão continua e chega ao sintoma extremo: a tentativa de suicídio, conforme o trecho abaixo.

### TRECHO 3

No dia 7 de outubro, um domingo, nem pensei duas vezes. Estava na casa dos meus pais, fui para minha avó. Entrei no apartamento nua de emoções: só sentia indiferença. Para mim tanto fazia viver ou morrer. Eu não queria saber de nada, só queria dormir. Então, me intoxiquei. Simplesmente fiz e deitei. Deitei, me cobri e dormi. O ódio era tanto, mas tanto, que eu tinha me acostumado a ele. Foi só a pontinha de um iceberg de ódio cultivado por 23 anos. Por isso que eu digo que a Alexandra, aos 23 anos, no dia 7 de outubro de 2012, se matou. A decisão tinha sido cumprida. O ato tinha sido concretizado. Só que eu fui socorrida. (GURGEL, 2019, p. 23)

A tentativa de suicídio é tratada por Alexandra como um passo natural para quem cultivava o ódio a si mesma, como ela diz estava “acostumada”, esse costume do ódio a si, a sensação de inadequação do corpo e por extensão de si mesma enquanto sujeito social, tornaram o ato um passo “indiferente”. Ela usa uma expressão interessante para explicar como estava seu emocional “nua de emoções”. Alexandra que relata ter passado sua infância e adolescência sempre com moletons, mesmo sento calor, para esconder seu corpo, se diz “nua de emoções” quando decide se intoxicar. Essa nudez do sentir é quase paradoxal ao ato de querer sumir, deixar de existir. É como se a morte fosse enfim um momento de possível nudez sem consciência do olhar alheio.

Outro verbo usado como eufemismo para a morte é o “dormir”. O dormir como a falta de desejo pela ação, e o dormir como um apagar-se da consciência, afinal, se o que a atormentava era a forma como se via, o ódio ao seu corpo, apagar a mente, dormir para sempre, seria uma forma de não sentir mais o ódio com um ato de anulação de si pela morte.

Desta forma, quando ela afirma que “por isso que eu digo que a Alexandra, aos 23 anos, no dia 7 de outubro de 2012, se matou.” Podemos pensar na ideia de que afirmar a morte desta versão de si parece ser uma vontade de sucesso, de que ao menos em sua decisão de morte houvesse um grande ato de protagonismo e sucesso. A ideia de que a Alexandra de 23 anos morreu é como se depois disso, a pessoa que ela viria a se tornar não fosse mais a mesma e houvesse uma possibilidade de apagamento do ódio de si ou um ódio a essa versão de si.

#### 4.1.2 O desejo pelo corpo desejado: o olhar do outro

O ódio ao corpo ou a si mesma não é algo simplesmente interno e individual, mas sim uma relação que surge do olhar do outro e da vontade de ver a si mesma como um corpo desejado e desejante. A partir do momento que saímos do nosso mundo lúdico da infância e começamos a nos voltar de forma mais consciente e organizada para o mundo externo, além das coisas que nos rodeiam, nos deparamos também com o olhar das pessoas para nós mesmos. A vigilância e a cobrança dos olhares punitivos para nossa representação física no mundo, bem como nosso comportamento.

A adolescência é o auge inicial dessa vontade de pertencer, se sermos aceitos, desejados, amados e não mais apenas pelo núcleo familiar ou pelos amigos, mas começamos a nos perceber como um ser sexual. É quando as experiências e experimentações iniciam e se isso não acontece o olhar julgador logo nos coloca para um lugar de rejeição.

##### TRECHO 4

[...] e nas festas de 15 anos eu me sentia péssima por ter que usar roupa de adulto enquanto todos os outros estavam com roupinhas adequadas à sua idade e bem na moda da época. Eu escolhia peças que pareciam com algo que uma adolescente usaria, mas me sentia muito mal por, mais uma vez, não fazer parte, não poder ser igual. [...] Sempre falo que sofri bullying na escola, mas durou muito pouco tempo. Nos primeiros anos de bullying contra mim eu rapidamente descobri como evitá-los: praticando o mesmo. Assim me tornei uma adolescente que “zoava” a si mesma, num processo autodepreciativo; e aos outros, para evitar qualquer tipo de ataque. (GURGEL, 2019, p. 15-16)

Ao contar sobre a dificuldade em encontrar roupas, Alexandra usa o termo “adequadas” e é interessante analisar que o efeito de sentido aqui parece remeter mais a ideia de as roupas iriam torná-la um ser desejado, isto é, roupas de adultos ou roupas maiores, seriam roupas inadequadas por não torná-la, aos olhos alheios, uma pessoa atraente. E ao usar o termo roupas no diminutivo para se referir às roupas adequadas a adolescentes, o efeito não parece ser de desdém, mas sim de que eram roupas menores, que mostravam mais o corpo, roupas que deixavam o corpo mais sexualizado. Quando ela fala que “eu escolhia peças que pareciam com algo que uma adolescente usaria” é como se ela falasse de um lugar externo, como se ela não se visse como adolescente por não ter o corpo que correspondia ao que era tido como o corpo padrão de uma adolescente que encontra roupas voltadas a esse público nas lojas.

Atualmente Alexandra se declara lésbica e vive uma relação afetiva há mais de um ano, porém, ao escrever o livro que estamos analisando, ela ainda se entendia como uma mulher heterossexual, então analisava os relacionamentos e o olhar do homem para seu corpo. No

próximo trecho vamos ver que houve um momento em que ela se questionou sobre sua sexualidade a partir do olhar externo para si.

#### TRECHO 5

Logo me desenvolvi bastante em esportes, principalmente handebol, e me tornei capitã do time da escola. Por imprimir a imagem de valentona e dona de si, ganhei uma certa popularidade. Na real, as pessoas tinham medo de mim, até porque muitas amiguinhas achavam que eu era lésbica só porque nunca tinha me relacionado com nenhum cara ainda, mesmo sentindo atração. Isso me fez questionar demais a minha sexualidade e também achar que eu era masculina, que eu parecia um homem. De toda maneira encontrei no esporte uma forma de me destacar e me sentir parte de um grupo. Além disso, foi também um jeito de extravasar positivamente a agressividade que se desenvolveu em mim. (GURGEL, 2019, p. 16)

É interessante observar que uma forma que a Alexandra adolescente encontra de sair do lugar de ódio a si e do olhar de rejeição externa é “imprimir a imagem de valentona”, isso é, se sua imagem física não se enquadrava no conceito de feminilidade e atratividade sexual, e tentar ser assim não parecia funcionar, outra referência imagética é buscada para lidar com isso, a da ‘valentona’. Culturalmente a ideia de valentia e força são conceitos mais associados a construção da masculinidade. O medo da agressividade, da violência que vem como uma possibilidade ao se “zoar” um homem, parecem ser a saída para lidar com o *bullying*, já que Alexandra relata que “as pessoas tinham medo de mim”. Ter um tamanho corporal maior do que o padrão associado a uma postura de “dona de si” remetem a confiança que é ensinada aos meninos durante sua fase de crescimento. É comum ouvir pais e mães dizendo aos filhos homens para “engolir o choro” e “serem homens” ao encorajarem a violência física ao invés da expressão de suas emoções pelo diálogo. Desta forma, quando uma mulher demonstra uma postura semelhante é lida como uma mulher “macho”, ou como uma mulher que quer se parecer com homens, que gosta de mulheres, um estereótipo preconceituoso da mulher lésbica, como as colegas pensaram de Alexandra num momento em que ela mesma não se via percebida quanto a sua orientação sexual.

Essa questão de muitas pessoas demorarem a compreenderem sua orientação sexual, seus desejos e afetos, tem relação com o que falamos anteriormente sobre a heteronormatividade compulsória. Isto é, se a sociedade se organiza dentro de um padrão normativo de heterossexualidade, ao crescermos observando que essa é a sexualidade aceita e recomendada, não temos representatividade e nem acesso a outras formas, é comum que inconscientemente tentemos nos encaixar e qualquer desejo ou afeto que surja na contramão disso, seja apagado ou visto como algo menor. Como já citamos no capítulo 2, Butler (2017) trata dessa questão de que o lugar de poder é culturalmente masculino, então, a mulher ao querer se empoderar e ter reconhecimento social, muitas vezes se utiliza, mesmo que

inconscientemente, de posturas tidas como masculinas para impor respeito ou ter um respaldo social que não seja pela atração sexual. Em vez de ser desejada, ser vista como igual no jogo das relações de poder social.

Quando Alexandra diz que “muitas amiguinhas achavam que eu era lésbica só porque nunca tinha me relacionado com nenhum cara ainda, mesmo sentindo atração” ela parece não estar ciente de que sua imagem de “valentona” poderia estar relacionada a percepção externa de uma possível homossexualidade. Seu relato parece remeter a ideia de que era “só” por ela não ter ficado com meninos ainda, ao que ela logo reforça “mesmo sentindo atração”. A vontade de se enquadrar em algum padrão, mesmo que o de sexualidade, parecem ainda estar na forma como ela escreve o texto, como quem se justifica dizendo sentir atração por homens. Isso não parece ser algo consciente, mas sim, ainda um produto da heterossexualidade compulsória.

Outro é o da agressividade, que Alexandra diz extravasar nos esportes e que se refere a algo que “se desenvolveu” nela, isso é, não vê a agressividade como algo natural. O que é muito comum na construção de uma identidade social feminina, não aprender a ver a raiva como uma postura natural da mulher em reação às violências sofridas. É muito comum a mulher ser vista como histérica (termo muito utilizado por Freud) ou louca ao responder a violências com agressividade ou mesmo ao ser mais direta e assertiva nas relações sociais.

Somado a isso, Alexandra relata ter dificuldade em ser aceita pelos homens, e essa aceitação se refere ao desejo e ao afeto. Como no trecho abaixo:

#### TRECHO 6

Portanto, sem ser pela internet, não rolava nada. Cheguei a sofrer outros episódios de rejeição ao me encontrar com caras que eu conhecia nos bate-papos online daquela época. Por mais que soubesse que fatalmente seria rejeitada eu me escorava na possibilidade de alguém gostar de mim, de alguém querer me salvar e, finalmente, me amar. (GURGEL, 2019, p. 19)

Alexandra relata que a internet era seu lugar de aceitação, mas era uma aceitação temporária, visto que se pautava apenas em conversas e não tinha o enfrentamento do olhar do outro sobre seu corpo, era uma realidade virtual, não real, que criavam uma ansiedade e angústia de passar para o encontro real, já que era lá o lugar e momento da rejeição. Muitas pessoas gordas, mas principalmente, mulheres, tem esse medo ao usarem aplicativos de encontro, mesmo que usem fotos que mostrem seu corpo e que deixem claro que são gordas, o medo da rejeição automática é muito forte.

E de onde vem essa rejeição ao corpo gordo? Por que o corpo gordo é automaticamente motivo de repulsa ou rejeição e não visto como atraente? Os padrões de beleza são construídos

e reforçados pelos lugares de visibilidade. Quando um filme ou propaganda associam a imagem da mulher magra com a sexualidade e a da mulher gorda com a piada ou algo ruim, além de vir de uma construção gordofóbica reforça e retroalimenta esse comportamento. Essa percepção da publicidade será tratada em outro subitem, mas ela se relaciona com a construção imagética do desejo sexual e com o que vemos como belo.

Esse lugar da rejeição é tão abrasivo que percebemos pelo uso do termo “salvar” pela autora. Isso é, ela esperava ser desejada e amada, mas tinha essa ideia de salvação de que o olhar desejante do outro a salvaria. Essa é uma construção clássica nas narrativas literárias e fílmicas, em que a mulher é sempre salva pelo homem e essa salvação é sacramentada em um casamento. Ao ser salva ela é salva de que ou de quem? Aparentemente de ficar sozinha, dos perigos de uma vida solitária, de ser vista como uma mulher rejeitada, do lugar da pena, do alvo da risada. Essa salvação da mulher pelo homem através do casamento tem forte ligação cultural com a ideia de salvação religiosa do lugar de pecado que a humanidade está originalmente. Vamos então, para o próximo item que irá tratar desse olhar moral da religião e da família para o corpo gordo e para o sexo.

#### **4.1.3 O corpo e o sexo como pecado: um olhar da religião e da família**

No primeiro capítulo da pesquisa, trouxemos para a conversa alguns autores que contribuíram para analisarmos as relações de poder sobre o corpo e comportamento das pessoas do discurso religioso cristão e toda sua pregação sobre a noção de moral e pecado. Os prazeres do corpo enquanto o sexo e a gula em sua estreita relação punitiva normatizam nossa conduta social em relação a comida e ao sexo.

O corpo gordo, que é aceito na infância, começa a se tornar incômodo e sintoma de um comportamento doentio ou de exagero, algo a ser combatido e controlado para que outros exageros não se cumulem a este. Quanto Alexandra dizia, no trecho 1 “antes que você culpe alguém da minha família” termine de ler o livro. Porém, o fato dela trazer essa preocupação de que as pessoas não culpem, automaticamente, sua família por ela se sentir feia em ser gorda, nos leva a pensar que esse é um ato falho em que a negação de algo é a afirmação de sua existência. Na infância, o que pai e mãe falam tem efeito de verdade e regulam nossas ações, nossa moral, nosso comportamento, portanto, nosso corpo.

A constituição da família é tida como uma forma de regularizar os desejos e organizar a sociedade, dentro de uma moral, valores cristãos em que o sexo é para a reprodução e a alimentação é para a força vital do trabalho e sustento da unidade familiar. Por isso, é comum que a família reproduza durante a criação de seus filhos um discurso muito pautado no

cristianismo e em seus valores morais pensando na retidão de caráter e na vigilância para que os filhos andem dentro da linha comportamental esperada e aceita socialmente. Vejamos o trecho abaixo:

TRECHO 7

Voltei ao Brasil e um dia uma conversa dessas de internet rendeu um encontro em que não fui rejeitada. Era um cara de uma religião diferente da minha (eu era católica, ele evangélico), mas de certa forma foi a primeira vez que recebi amor da forma que eu imaginava ser a correta. Mas durou pouco essa paixão. O fator religioso pesou bastante. Aos 8 anos eu tive contato com uma catequista do condomínio em que morava e implorei para participar da turma de Catequese. Na época, apenas maiores de 10 anos podiam entrar, mas venci na insistência. Logo aprendi tudo sobre o Catolicismo e comecei a ir para a igreja todo domingo, obrigando minha família a estar presente comigo... Cresci uma menina amedrontada sobre ir para o inferno e com valores cristãos de transar apenas depois do casamento. E foi exatamente essa a questão com meu primeiro namorado, que foi o cara com quem eu iniciei minha vida sexual regada a meda e culpa cristã. Sem contar que havia uma coisa importante: a minha visão do que era sexo era de algo pecaminoso, sujo, errado. A cada vez que eu e meu namorado transávamos era essa a sensação que eu tinha de mim: errada, suja, pecadora. Minha vida sexual foi construída em cima de um panorama assustador, com o inferno sob meus pés e o capeta gritando o meu nome. (GURGEL, 2019, p. 19)

Temos muitos pontos relevantes de serem analisados no trecho 7 pensando no efeito que o discurso da moral cristã tem sobre os valores que são a base da construção de uma sociedade. Quando Alexandra diz que “foi a primeira vez que recebi amor da forma que eu imaginava ser a correta” essa ideia binária e polarizante de certo e errado está histórica e culturalmente muito pautada no que é dito pela igreja ser a forma correta de amar ou de receber amor. Essa percepção do amor como algo divino, perfeito, do amor que recebemos de Deus que tudo vê, tudo perdoa, tudo aceita, é um amor incondicional que em muitos aspectos é o conceito que é pregado como o do amor materno. É claro que essa é uma teoria idealizada do amor, mas que permeia o inconsciente coletivo do que esperar do amor e de que exista uma forma correta de amar e ser amado. Isso tanto faz parte de um imaginário que o verbo utilizado pela autora é exatamente “imaginar”, é o que ela tinha em mente que seria o amor.

Ao mesmo tempo que o amor está muito pautado num conceito divino, a religião enquanto um espaço de dogmas e doutrinas, passa a ser um empecilho para que duas pessoas de religiões diferentes consigam manter um relacionamento, mesmo quando a forma de amar parecia ser a “correta”. Afinal, como a religião é a base da constituição familiar e dos valores que serão incutidos na prole, como duas visões diferentes disso conseguiriam sobreviver à força da norma? Desta forma, como conta Alexandra, o relacionamento não dura.

Outro ponto muito importante neste trecho é a narrativa sobre a experiência da autora com a religião e de como a visão religiosa sobre o sexo a influenciaram. Ao afirmar que “cresci uma menina amedrontada sobre ir para o inferno e com valores cristãos de transar apenas depois

do casamento.” Podemos perceber a escolha linguística, ela usa o termo “amedrontada” para se referir a si mesma e esse medo do inferno, do pecado e muitas vezes da própria figura que se tem de Deus dentro da religião estão muito pautadas na culpa. Afinal, se Deus é onisciente e onipresente, se ele nos vigia e pune nossos atos pecaminosos, como uma jovem cristã pode se sentir confortável quanto aos seus desejos e em sua relação com o prazer? O medo e a culpa são lugares conhecidos para os prazeres dentro da moral cristã, e não só o prazer sexual, o prazer da comida também. Uma prática comum entre pessoas gordas é a de comer escondido ou de não se sentir à vontade para comer em público, afinal, seremos observados e julgados pelo olhar dos outros em relação ao prazer sentido com a comida, a quantidade, se estamos “corretos” ou não em comer. Da mesma forma, o sexo é algo a ser feito escondido do olhar do outro, algo que será punido pela sociedade, que tem lugar e contexto de acontecer, não só o sexo, mas tudo o que se relaciona ao desejo, como o corpo.

O corpo da mulher como um objeto de desejo e algo a ser escondido e coberto é muito presente na moral cristã. E o corpo voluptuoso, com mais curvas ou mais carne é o corpo que está mais associado em geral ao prazer. O que é contraditório, pois se a mulher for gorda, ela sai do lugar do desejo, se for muito magra também. Isso é, existe as partes do corpo feminino que são tidas como sexuais: os seios e as nádegas, principalmente. Então, a gordura, a massa ou o volume tem lugar certo para despertar o desejo e a ser escondido do olhar social. Se o volume for na barriga, por exemplo, não terá o mesmo efeito e dessa maneira vai se construindo toda uma estética do desejo sobre o corpo da mulher ao mesmo tempo que uma culpabilização do seu corpo. É preciso que seja atraente e belo, mas não demais e não em todo contexto.

É a culpa cristã que a autora cita e essa culpa é sempre mais pesada para a mulher, afinal, para o cristianismo Eva é a culpada do pecado original. Assim, quando Alexandra relata que “a minha visão do que era sexo era de algo pecaminoso, sujo, errado. A cada vez que eu e meu namorado transávamos era essa a sensação que eu tinha de mim: errada, suja, pecadora.” Fica evidente como essa relação de culpa com sexo é muito profunda e afeta muito a sexualidade da mulher, mas também a sua relação com o corpo. Afinal, se meu corpo e objeto de desejo, o meu desejo sexual e o que eu desperto no outro é minha responsabilidade. O peso de controlar o seu corpo, o formato e o que ele desperta, é jogado para a mulher e nunca há um padrão que satisfaça a sociedade, ou a mulher é muito magra e parece doente, ou é muito gorda e é descontrolada, ou é muito erotizado e culpado do desejo alheio.

Palavras como “errada, suja, pecadora” estão presentes no inconsciente da mulher independente da religião que ela segue ou mesmo se segue religião, pois a sociedade que a vigia, regulariza e pune, tem sempre um olhar que vem de uma base histórica cristã ou de outra

religião que tem a mesma noção machista sobre o corpo da mulher. Essa percepção do corpo como errado pode começar desde bem cedo, conforme trecho abaixo:

#### TRECHO 8

Eu sempre fui gorda. Aos 9 anos de idade conheci o meu primeiro endocrinologista, afinal ser gorda nessa idade já passava do “ai, que bonitinho” para “temos um problema”. Então, para mim, eu era de fato um problema. E isso se agravava com a falta de pessoas como eu ao meu redor, na televisão, nos desenhos, em todos os lugares. Não tinha ninguém que se parecesse comigo. Entendi, assim, que eu era a pessoa que precisava se encaixar e parecer com as outras magras. Eu não me achava normal, achava que tinha um problema no meu cérebro que me fazia comer demais e ser diferente, grande. (GURGEL, 2019, p. 15)

A partir do trecho 8 podemos perceber quando o corpo gordo se torna um problema e os dois olhares que aparentam estar relacionados a isto: a entrada do olhar médico (que trataremos no próximo subitem) e o final da infância em que o corpo passa a receber um olhar sexualizado. Os dois pontos estão conectados, já que Alexandra é levada ao endocrinologista no que ela se refere “nessa idade”, os 9 anos, quando a puberdade pode começar a chegar e o corpo irá passar por uma transformação. É interessante que ela diz que ser uma criança gorda é visto como “bonitinho”, mas existe um ponto em diante em que isso vira um “problema”. E essa idade está associada ao início da puberdade em que o corpo da menina irá ganhar formas e se tornará atraente para o sexo oposto (partindo do princípio de que vivemos em uma sociedade com a heteronormatividade compulsória, isso é, presume-se automaticamente que todas as pessoas sejam heterossexuais e assim são criadas e tratadas).

No primeiro capítulo, falamos um pouco sobre como o casamento, historicamente, foi imposto desde muito cedo para as mulheres. De como o início da puberdade e a chegada da menstruação é que ditavam o momento em que a menina estava pronta para o casamento, mas sempre com homens bem mais velhos. Então, pensar que o corpo de uma menina gorda começa a se tornar um problema que precisa de um olhar médico, parece ter relação com a construção social antiga de que assim que a puberdade chegar, este corpo, antes infantil, será foco do olhar masculino que poderá escolher ou não esta pessoa para constituir uma família. Se o corpo gordo não é visto como atraente, logo esta menina, se tornará uma mulher sozinha ou como se costumava dizer há algumas décadas “solteirona”, “encalhada” e a que “ficou para tia”. Isto é, a atratividade sexual do corpo feminino está diretamente ligada com a possibilidade de ela ser escolhida por um homem e ser mãe, isto é, não ser apenas uma tia, ter filhos e sua própria família e assim, não ser um peso para seus pais.

#### **4.1.4 O corpo anormal: um olhar da ciência médica**

Ainda sobre o trecho 8, percebemos o olhar médico como um espaço de regularização e normatização com efeito de poder e verdade sobre os corpos e a saúde do corpo, ao dizer que essa percepção de que o corpo gordo é um problema a ser resolvido, tem um efeito muito forte sobre a família e a própria criança. Esse lugar de verdade que a medicina, enquanto um espaço da ciência ocupa nas relações familiares é muito importante, pois, em geral a medicina é encarada como a palavra acerca da doença, isso é, quando se procura a medicina é porque algo está errado, doendo, ruim. Não temos em nossa cultura ocidental a prática da medicina preventiva como algo natural, então, se o corpo gordo é inadequado e se procura profissionais da saúde, é porque esse corpo é ruim, doloroso, doente. Ao menos é essa a associação que inconscientemente ou conscientemente a pessoa gorda irá fazer.

E essa relação do corpo gordo como o corpo errado e ruim, não diz respeito apenas à saúde do corpo em si, mas ao controle das vontades e da mente. Afinal, se a pessoa é gorda porque come em exagero, esse exagero é tido como o descontrole do desejo, e afinal, o descontrole de si. Não saber controlar a si mesmo e o desejo por comida, como vimos no primeiro capítulo, remete muito aos outros desejos por prazer, como o desejo por sexo, logo a pessoa gorda e com o descontrole de seu corpo e suas vontades é uma pessoa vista com uma moral duvidosa, afinal, até que ponto irá seu descontrole e em que sentido essa pessoa pode ser confiável para lidar consigo mesma e com os outros. O final do trecho 8 exemplifica bem essa percepção de Alexandra ao dizer que “Eu não me achava normal, achava que tinha um problema no meu cérebro que me fazia comer demais e ser diferente, grande.” A normalidade ou a falta de normalidade extrapola a percepção do corpo e leva a ideia de que o seu cérebro, isto é, sua mente estaria doente, problemática. Outro ponto importante é que ela diz “eu sempre fui gorda”, isso é, até essa idade em que começa a perceber a gordura como um problema, o que era o normal para seu corpo era ser gorda. Não foi algo que aconteceu e que chamou a atenção para a diferença, o problema é percebido pelos olhares externos para seu corpo como o da família e do médico, além de seu olhar comparativo para o corpo dos outros, aqueles que apareciam na TV e eram diferentes do seu, onde ela não se via e por isso, não sentia se encaixar. Até que uma possibilidade se apresente:

#### TRECHO 9

Até que numa dessas idas repentinas para casa dos meus pais um presente caiu do céu: uma lipoescultura. Minha mãe achou que isso me faria bem, eu fiz os exames todos e aceitei de bom grado. Quem recusaria no meu lugar? Aos 23 anos eu já havia tentado de tudo e mais um pouco para emagrecer. [...] Eu não sabia o que era ser desejada. Já tive namorado, ok, mas mais ninguém vai gostar de mim? O que mais eu tenho que fazer? Parecia que nada resolvia. [...] se dietas, remédios e transtornos alimentares não funcionavam, na faca seria mais fácil de fato, foi. Coloquei silicone nos seios e retirei 9 litros de gordura do corpo, 2 litros a mais que o permitido, porque o cirurgião plástico injetou esses mesmos 2 litros em áreas diferentes (quadril e nádegas) para que eu ficasse mais curvilínea. *Você agora precisa emagrecer e malhar, senão o seu corpo*

*vai perder a forma, o peito vai cair e todo o trabalho terá sido em vão.* Essa foi a primeira frase que ouvi quando acordei da anestesia. Do dia para a noite eu estava desenhadinha, feito uma Barbie e, ao que me parecia, finalmente MAGRA. (GURGEL, 2019, p. 22)

A forma como é relatada a possibilidade da intervenção cirúrgica é interessante por vários fatores: é algo oferecido pela família “minha mãe achou que isso me faria bem”, não solicitado por Alexandra, e que parece ser uma intervenção divina já que ela chama de “presente que caiu do céu”. Ao mesmo tempo em que é a abertura para o olhar da ciência médica para ser corpo num sentido corretor, como o próprio nome diz, a possibilidade de ser esculpida pelas mãos de médicos para que seu corpo se adapte aos padrões de beleza. E, conforme falamos anteriormente, não é simplesmente tirar a gordura do corpo, mas colocá-la nos lugares “corretos” no intuito de tornar seu corpo mais “curvilíneo”, o padrão que remete a imagem de feminilidade e que é social e culturalmente construído como atraente, principalmente para o olhar masculino sobre o corpo da mulher. Desta forma, os seios são aumentados e endurecidos com o silicone, as nádegas e quadris tem gordura injetada para terem um formato mais arredondado e curvo, a barriga e costas tem gordura retirada para ficar mais magra. O corpo que não pode ser controlado pela vontade da mulher, é esculpido pelo desejo do homem sob as mãos da medicina, como um presente da família.

A pressão estética de adaptação vem de diferentes instâncias e o discurso familiar se utiliza do discurso médico para sugerir uma modificação no corpo. O poder que essas instituições têm na vida de uma mulher é muito forte, pois toda a construção de vida social ainda está muito relacionada, como mencionamos anteriormente, a ser atraente para conquistar um homem que case e tenha filhos com essa mulher para que assim ela cumpra os planos divinos destinados a ela. O discurso médico se soma ao religioso a partir da ideia de vigilância e controle sobre o corpo da mulher e sua capacidade reprodutiva, já que ela se torna público alvo do mercado médico, seu corpo, sua mente, seus órgãos, sua forma de viver se tornam alvo de um mercado que produz procedimentos, medicamentos e treinamentos para que essa mulher, sempre insatisfeita com seu corpo, continue comprando.

Conforme o recorte do trecho: “aos 23 anos eu já havia tentado de tudo e mais um pouco para emagrecer. [...] Eu não sabia o que era ser desejada. Já tive namorado, ok, mas mais ninguém vai gostar de mim?”, podemos perceber como a ideia da mulher gorda fracassada em se controlar e gerir seu corpo e mente estão presentes no relato. Ainda tão jovem ela sentia já ter feito de tudo para se adaptar ao padrão, e fica muito evidente que essa busca se relacionava a estar apta a ser amada e desejada pelo outro. Esse outro hipotético que vigia e regulariza seu corpo, através dos padrões de beleza que a sociedade constrói, a partir de uma moral religiosa

e familiar e reforça pelo apelo médico à saúde, vende pela lógica de mercado e mídia. Por todos os meios a mulher gorda não se vê como capaz, como bem-sucedida ou dona de si, sempre parece buscar na aprovação do outro um respaldo para sua existência.

Podemos perceber isso na continuação do recorte: “O que mais eu tenho que fazer? Parecia que nada resolvia. [...] se dietas, remédios e transtornos alimentares não funcionavam, na faca seria mais fácil de fato, foi”, isso é, ao olhar para seus recursos internos Alexandra não via possibilidades de lidar com a sensação de frustração em não ver mais o que fazer com esse corpo “errado” e aí entra uma lista que mostram alguns dos recursos de venda da ciência médica “dieta, remédios e transtornos alimentares”, isso é, até a doença psíquica parece ser uma possibilidade de sucesso frente a incapacidade do corpo em ser certo, parece um preço aceitável a ser pago em nome da beleza e aceitação do outro. E por fim, o produto final a “faca”, isso é, cortar o seu corpo, usar de algo que se assemelha mais a uma continuação das violências já sofridas para moldar seu corpo e enfim poder ser amada e aceita, vista como alguém capaz.

Porém, não estava no fim, outro produto médico vendido é o da manutenção que se dá através do treinamento físico, isso é, esse corpo “desenhado” precisaria ser fortalecido, pois não adianta apenas ser magra, é preciso que o corpo seja musculoso e definido, conforme o recorte do trecho: “Você agora precisa emagrecer e malhar, senão o seu corpo vai perder a forma, o peito vai cair e todo o trabalho terá sido em vão. Essa foi a primeira frase que ouvi quando acordei da anestesia.”, isto é, a responsabilidade por manter o corpo novamente recai sobre o controle de si, dos desejos e da ideia de força de vontade em seguir exercícios físicos que moldem ainda mais seu corpo que agora estava “desenhadinha, feito uma Barbie e, ao que me parecia, finalmente MAGRA.”

O modelo que toda criança dos anos 80 em diante tem aparece no relato de Alexandra. O corpo inalcançável da Barbie, a boneca mais vendida para crianças e pré-adolescentes. Loira, alta e magra com um corpo de miss, como diz a música *Miss Beleza Universal* (2018) da musicista Doralyce “Mode on high tech / Modelo ocidental / Magra, clara e alta / Miss beleza universal / É ditadura! / Quanta opressão / Não basta ser mulher / Tem que tá dentro do padrão”. (DORALYCE, 2018, online). Percebemos ao relacionar o modelo da boneca com a música que o padrão de beleza é racista, além de gordofóbico, pois não é só ser magra, a Barbie original (atualmente existem outros modelos) é branca, loira, de cabelos lisos e olhos azuis. Isso é, o padrão de beleza é eurocêntrico e impõe uma imagem, além de racista, classista, pois o estilo de vida associado a boneca é de carros de luxo, mansões, roupas de gala. Brincar de Barbie para a maioria das meninas, era brincar de imaginar ser algo que nunca seria possível ser. Por mais que exista toda uma tecnologia científica para adaptar o corpo gordo ao padrão, desde a nutricionista para montar o cardápio alimentar, *personal trainer* para os exercícios

personalizados, farmacêuticos para recomendar remédios para emagrecer, controlar a ansiedade e o apetite, cirurgiões para moldar o corpo e, por fim, psicólogos para analisar a mente. Conforme o trecho abaixo:

TRECHO 10

E, aos 19 anos, depois de terminar esse único relacionamento sério que tive (considero sério quando a família toda está sabendo) decidi me matar novamente. A decisão era tão forte que eu tive medo de realmente morrer, e contei para a minha família, que me apoiou e me ajudou bastante a buscar tratamento, já que me faltavam forças. Assim comecei em uma terapeuta e fui encaminhada para um psiquiatra, que me diagnosticou como bipolar. Passei a fazer terapia duas vezes por semana e comecei a tomar remédios controlados para tratar bipolaridade, depressão, compulsão alimentar, ansiedade... Era um verdadeiro coquetel que me ligava e desligava em vários sentidos e pontos diferentes. (GURGEL, 2019, p. 20)

Novamente podemos perceber a forte influência que a família tem durante toda essa trajetória, tanto em considerar que um relacionamento era sério a partir da validação da mesma, bem como com os encaminhamentos para diferentes tipos de médico. E a forma como Alexandra coloca a situação remete novamente a sensação de fracasso duplo: fracasso pelo fim do relacionamento, a sensação de rejeição e não aceitação e fracasso por precisar de ajuda externa para lidar com suas emoções: “já que me faltavam forças”. Essa percepção de não dar conta de si mesma e precisar que a família intervenha buscando o auxílio da medicina, tem muito a ver com a noção de controle e gestão de si, que em nossa sociedade ocidental e capitalista, está relacionada à noção de sucesso. A pessoa que consegue manter o seu corpo dentro do padrão sugere automaticamente uma percepção de ser bem-sucedida em sua vida em todos os aspectos. Ainda existe uma relutância das pessoas em buscarem ajuda psiquiátrica e psicológica por verem isso como “coisa de gente louca”. Mesmo que Alexandra seja levada ao psiquiatra por estar com ideações suicidas e ser diagnosticada como bipolar, no coquetel de remédios ela recebe junto remédio para a “compulsão alimentar”. Qual seria a relação da bipolaridade ou depressão com o seu corpo? O problema estaria em comer compulsivamente ou em tentar compulsivamente emagrecer para se adequar a um padrão físico e de beleza ao qual não se encaixava?

É muito comum para pessoas gordas irem ao médico por uma questão específica que em nada está relacionada ou é afetada pela gordura e receber dicas gratuitas de que está acima do peso e precisa emagrecer, ter sugestões de remédios e tratamentos para emagrecer. O olhar da ciência médica para o corpo não parece levar em consideração que a saúde não necessariamente esteja associada à magreza e continua vendendo produtos para a manutenção da aparência de saúde, mais do que uma saúde real e possível no contexto de vida das pessoas. Quando falo isso eu não cito fontes de pesquisa, mas levo em consideração minha própria vivência e relatos de outras pessoas gordas sobre as consultas médicas.

Outro ponto importante em relação ao controle do corpo e da mente pela ciência médica é quando a autora diz que “era um verdadeiro coquetel que me ligava e desligava em vários sentidos e pontos diferentes.”. Essa ideia de “desligar” remete ao corpo como uma máquina e não uma parte humana. Ao ter remédios que controlam suas emoções e sensações a pessoa não parece estar lidando com o que causa suas dores ou problemas psíquicos, mas um simples apagamento do sintoma. Ao afirmar isso não estamos sugerindo que tratamentos a base de remédios não sejam necessários, mas que outros fatores parecem ser deixados de lado e não tratados, que o controle do corpo e mente para parecer bem e saudável parece estar acima do realmente ficar bem e saudável mesmo que isso não seja a percepção social.

O segundo momento em que Alexandra procura ajuda por ter tentado se matar é na psicologia, agora uma nova profissional, vejamos o trecho:

TRECHO 11

E foi assim que comecei a me tratar com outra terapeuta – ainda tomando os remédios de sempre. Foi muito difícil no começo, pois era a primeira vez que eu estava numa psicóloga que não tinha contato com alguém da minha família, sendo totalmente neutra (como todas deveriam ser, né?). Justamente por ela ser neutra, me questionava coisas que eu nunca havia questionado antes, como o motivo de minha religiosidade e crenças, a minha relação com a comida emocionalmente, com o sexo... Esses assuntos “proibidos” sendo refletidos pela primeira vez me fizeram abrir a mente sobre as minhas noias cristãs e extremistas. Assim, pouco a pouco eu fui me equilibrando nas minhas vontades, botando limites em mim e nas pessoas, entendendo que nem tudo é 8 ou 8. Automaticamente eu me afastei da igreja, de pessoas que eu convivia lá e também da minha família. [...] fui morar sozinha, no Flamengo. Foi uma época que eu pouco via a minha família, vivia comigo mesma, com a terapia, meus amigos do trabalho e a faculdade. Foi o despertar da minha cura. (GURGEL, 2019, p. 24)

Podemos perceber novamente o quanto a família parece afetar esse processo ao ponto de Alexandra sugerir que não havia neutralidade no tratamento anterior por ser um profissional próximo a sua família, estando assim condicionado a não tocar em determinados assuntos. O que me lembra do recado que ela deu no início do livro de que não deveríamos culpar sua família e até que ponto que esse lembrete apenas reforça a percepção de culpa que a autora possa inconscientemente atribuir à postura de sua família nesse processo.

Além disso, novamente percebemos a família como a representante da moral cristã, já que assuntos como religião e sexo “assuntos proibidos” passam a ser tratados por essa nova psicóloga não conectada à família de Alexandra. A ideia de que religião e sexo sejam assuntos proibidos e que não devem ser tocados ou que possam ferir de alguma forma sua família, remete à construção social da família como a do sexo reprodutivo, além de ser a responsável por perpetuar a noção de controle do corpo e comportamentos de sua prole.

Outro fator interessante é que é só com essa psicóloga que a autora passa a encarar a sua relação emocional com a comida, o quanto o comer muitas vezes está associado a um prazer de

compensação por não se sentir amada, desejada, aceita, adequada, por ver seu corpo, desde criança, como um problema a ser resolvido para que pudesse ser feliz, bonita e bem-sucedida. A noção de controle sobre si mais uma vez aparece, novamente associada ao olhar da ciência médica que normatiza e regula o que é a normalidade. Também podemos ver que a ciência médica se contrapõe ao discurso religioso no que ele tem de vigilância sobre a sexualidade e o corpo, sobre sua moral e valores, porém, a medicina não rompe com esse lugar de exercício de poder, ambas, ciência e religião disputam um lugar de vigilância, controle, regularização e governança sobre os corpos e mentes dos sujeitos.

Quando a autora diz que com a ajuda da psicóloga começa a perceber “pela primeira vez me fizeram abrir a mente sobre as minhas noias cristãs e extremistas” não significa necessariamente que sua mente não esteja a partir desse ponto preocupada com outras “noias”, mas como um efeito do olhar da ciência sobre si. Pensar que a psicologia é “foi o despertar da minha cura” é uma forma de percebermos que a subjetivação do sujeito parece ser algo cada vez mais mascarado, já que ao se libertar de seu extremismo religioso, outro conceito é colocado no lugar dessa base de pensamento.

No próximo subcapítulo trataremos dessa noção de empoderamento do corpo gordo pelo discurso feminista e de como esse feminismo está bastante atrelado ainda a uma visão liberal do sujeito. Quando Alexandra tira de si os preceitos religioso e coloca no lugar o feminismo, esse parece suprir um lugar de doutrina sobre seu corpo e de um discurso a ser disseminado a partir de seu canal, livro e outros produtos que ainda fazem parte de uma lógica capitalista que faz girar os sistemas de opressão da mulher e de outros corpos à margem.

#### 4.2 O FEMINISMO COMO EMPODERAMENTO DA MULHER GORDA

Neste subcapítulo, partiremos para a análise dos trechos que evidenciam os fatores que parecem estar relacionados ao empoderamento de Alexandra no que diz respeito ao seu corpo. Trataremos, assim, dividindo esse subcapítulo em dois momentos de análise: de sua relação com o trabalho e com o feminismo. Para tanto, consideramos necessário trazer, de maneira breve, o conceito de empoderamento que iremos utilizar, bem como estabelecer uma relação das pautas feministas em relação ao corpo na atualidade.

Começando pelo feminismo enquanto movimento, vivemos o que se pode chamar, num sentido histórico, de terceira onda feminista, neste sentido, trouxemos um trecho de um artigo de Veronica Homsí Consolim que é analista jurídica da Promotoria de Justiça de Direitos Humanos do Ministério Público do Estado de São Paulo. A autora afirma que

A partir da década de 80 do século XX, surge a terceira onda feminista, que perdura até os dias atuais. Nessa fase, o movimento repensa as suas ações e aprofunda discussões já travadas nas gerações anteriores, como o papel e a função da mulher na sociedade. [...] Como visto, a segunda onda foi responsável pela conquista de diversos direitos para as mulheres. A partir disso, as feministas da terceira onda se focaram na mudança de estereótipos, nos retratos da mídia e na linguagem usada para definir as mulheres. [...] A mídia e a moda expõem as mulheres às ditaduras da beleza e de padrões estéticos, o que se reflete em transtornos alimentares como a anorexia e a bulimia, cujas incidências são 90% (noventa por cento) maiores entre as mulheres. Atualmente, a beleza tem mais valor de mercado do que a inteligência. (CONSOLIM, 2017, online)

Neste sentido, podemos observar que as pressão estética e o que foi chamado de ditadura da beleza são pontos relevantes para o feminismo e que tem sido combatido a partir de um olhar de denúncia em relação à mídia e à linguagem voltada à mulher, bem como de um crescente discurso de empoderamento e libertação feminina em relação a estes padrões. Então, pensar o feminismo como um movimento libertador em relação às opressões que o corpo da mulher gorda sofre, é uma possibilidade, ou ao menos que possibilita um contexto em que ações contra a gordofobia tenham maior aderência indo na carona do slogan muito utilizado por coletivos feministas como o “meu corpo, minhas regras”.

Essas regras que regulamentam e normatizam o corpo da mulher vão desde o controle que a lei e a medicina tem sobre as decisões de fazer uma laqueadura sem precisar do consentimento de marido/namorado ou abortar, até na mídia em reforçar padrões que colocam mulheres jovens, brancas, magras e de cabelo liso como o auge da beleza feminina.

A questão é que toda a pressão estética que está associada aos padrões de beleza feminina faz girar um mercado muito lucrativo que atinge desde o vestuário, procedimentos estéticos médicos, alimentação, farmacêutico, academias, salões de beleza, enfim, é toda uma gama de produtos e serviços que são feitos para que a mulher gaste seu dinheiro, tempo e energia para se encaixar nos moldes físicos esperados pela sociedade patriarcal, que não é de se espantar que a publicidade em cima disso seja tão forte.

É a partir de uma necessidade de resistência a todo discurso opressor em relação a construção social que se faz do que é ser mulher e de como uma mulher deva se parecer que surge o conceito de empoderamento, para isso, trouxemos a escritora, feminista negra e arquiteta Joice Bert:

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando em condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autorreconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre a sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo

do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de suas características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. (BERTH, 2018, p. 14)

E essa noção de empoderar como dar poder no sentido de condições para que as mulheres se valorizem e autoafirmem pelo que já são, e não por algo que esperam dela, pode ser um discurso muito motivador e libertador, porém, pode ser percebido como um discurso liberal individualista e fácil de se comercializar em camisetas, adesivos e bolsas que vendem a ideia de amor-próprio. É necessário, então, que lembremos do fechamento do trecho em que Berth (2018) fala desse movimento como algo em prol da coletividade e essa ideia de coletividade sugere que todas as mulheres precisam estar bem enquanto uma classe, uma minoria que tem recortes de etnia, sexualidade, classe, corpo, idade. Se o empoderamento a partir do feminismo se torna um produto que pode ser comprado, deixa de ser resistência e passa a ser parte do sistema opressor vigente.

#### **4.2.1 O empoderamento de si pelo feminismo**

O feminismo, em sua terceira onda, tem ganhado espaço principalmente pelas redes sociais. É nas redes que muitas mulheres entram em contato pela primeira vez com alguma frase ou conceito feminista como “seu corpo suas regras”, por exemplo, que é ainda utilizado em cartazes durante manifestações, no próprio corpo de muitas mulheres, em postagens de páginas feministas e até em camisetas e outros produtos de consumo. Quando afirmo isso, escrevo também a partir de minha própria vivência e de relato das mulheres e adolescentes com quem já tive contato e que relatam ter conhecido o feminismo por alguma página do Facebook.

As redes sociais facilitam a postagem e o compartilhamento de conteúdo, bem como a criação de conteúdo de novas feministas pelos mesmos meios. Desta forma, Alexandra relata também ter entrado em contato com o feminismo de forma semelhante e a partir de uma perspectiva de empoderamento, vejamos:

##### **TRECHO 12**

Até que, em 2014, o feminismo apareceu para mim pela primeira vez. Pelo menos foi a primeira vez que eu, de fato, dei atenção a essa palavra. Me interessei e comecei a pesquisar e, em 2015, comecei a botar essa ideia em prática: lutar pelos meus direitos e entender que não sou obrigada a nada. Eu sou livre. Finalmente encontrei algo que, embora diferente da minha realidade, fazia total sentido. Entendi que eu já era feminista sem saber, que meu único relacionamento sério tinha sido abusivo, que a culpa não era minha... Saquei como a nossa sociedade funcionava e minha mente

bugou: Peraê. Tudo isso que eu estou passando é fruto de um sistema social no qual estamos inseridos e que nos cria dessa forma? AI MEU DEUS, E AINDA TEM MAIS: já ouviu falar em pressão estética? Gordofobia? Body positive? Aí pifou tudo. A partir desse momento eu digo que começou a desintoxicação do ódio da minha vida. Eu estava, aos 26 anos, experimentando uma vontade louca de me conhecer mais, me entender mais, e me perdoar por tudo que tinha acontecido comigo: eu não era a minha pior inimiga como havia imaginado. Essa foi a minha construção; era inevitável. (GURGEL, 2019, p. 25)

Podemos perceber vários pontos que tiveram um efeito de identificação e vamos analisar essas relações através da trajetória de vida relatada por Alexandra em seu livro. O primeiro ponto é a ideia de libertação da mulher em relação ao patriarcado, quando ela diz que passou a “entender que não sou obrigada a nada. Eu sou livre.”, é a percepção de que todas as tentativas de adequação de seu corpo e comportamento, estavam pautadas num sistema opressor reforçado pelo discurso religioso e pelo discurso científico. Entender que não é obrigação de mulher modificar seu corpo, sua forma de ser, de agir para se encaixar nos padrões sociais é uma percepção libertadora, tanto é que a autora afirma “eu sou livre”. Se autoafirmar livre não torna automaticamente a mulher livre dessas pressões, e teríamos também que partir do princípio que exista a possibilidade de liberdade. Talvez possamos pensar numa tomada de consciência dos condicionamentos que a mulher, e o corpo da mulher sofrem cultural, social e historicamente.

O peso das obrigações que uma mulher sente que precisa corresponder é muito avassalador, e só tendo uma vivência enquanto mulher podemos compreender o quanto essa carga é diferente da carga do homem – por mais que parta do mesmo princípio de opressão patriarcal a que homens e mulheres estão sujeitos, só que de formas diferentes em performar feminilidade e masculinidade – e que perceber isso e agir de forma a resistir a isso é uma sensação de libertação.

Outro ponto que podemos analisar é que o feminismo com o qual Alexandra entra em contato não é percebido por ela como representativo de seus recortes de vivência, – talvez a do corpo gordo – mas continua tendo um efeito de verdade e fazendo sentido o suficiente para que haja identificação “embora diferente da minha realidade, fazia total sentido.” Então, quando falamos em recortes de realidade e vivências, significa que a essência da luta feminista representa todas as mulheres num sentido de libertação do patriarcado, mesmo que cada intersecção de mulher tenha experiências distintas e sejam mais ou menos afetadas por esse sistema. Por exemplo, uma mulher negra sofre mais opressão patriarcal que uma mulher branca, mas uma mulher negra e gorda terá menos possibilidades de aceitação do que uma mulher negra e magra.

É muito comum, que quando nós mulheres tenhamos o primeiro contato de identificação com o feminismo, pensemos que de alguma forma já éramos feministas e apenas não sabíamos,

como diz a autora: “entendi que eu já era feminista sem saber”. Porém, aí surge a pergunta do que é ser feminista, afinal, para uma mulher se dizer feminista basta se identificar com as pautas do feminismo ou para ser feminista é preciso agir em prol da luta feminista? Feminismo é uma identidade ou um movimento social com uma teoria e prática coletiva específica? Não temos respostas para estas perguntas, e nem iremos buscar em teorias conceitos que definam o que é ser feminista. Esses questionamentos são um convite a reflexão que pensamos ainda estar sendo feita e que não haja uma resposta que não esteja pautada em escolhas de visões políticas e de perspectivas sociais. Ao mesmo tempo, podemos problematizar que a facilidade em se entender feminista a partir da identificação de uma postagem numa rede social, parece sugerir o feminismo como um produto de consumo e não como uma luta.

Além disso, um ponto de identificação muito comum entre as mulheres com o feminismo é o da identificação de que vivencia ou vivenciou relações abusivas. A noção de relacionamento abusivo está pautada numa realidade de normalização da violência dentro dos relacionamentos por parte dos homens para com as mulheres. Violência que começa na reprodução das relações de poder hierarquizadas dentro de um relacionamento, em que o homem foi historicamente visto como o proprietário da mulher, – conforme tratamos no capítulo 2 da dissertação – tendo direito sobre seu corpo, sua força de trabalho braçal e intelectual e também seu modo de pensar, sua mente.

Nesse sentido, o abuso é entendido, a partir de 2006, com a criação da Lei nº 11.340<sup>3</sup>, conhecida como Lei Maria da Penha, a partir da noção de violência doméstica que contempla a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. É dentro deste contexto que Alexandra entende que o que ela vivenciou, mesmo não tendo agressões físicas, eram violências, como ela diz “que meu único relacionamento sério tinha sido abusivo”. O abuso psicológico é bastante normalizado em nossa sociedade nas relações afetivas, seja entre amigos, familiares, profissionais além das relações românticas. E essa normalização se dá a partir da construção social de vigilância, controle e normatização dos corpos e comportamentos que organiza e governa nossas relações sociais. Tratamos disso no capítulo 2 e vimos como o discurso religioso, o discurso da ciência médica e o discurso da sociedade de produção e consumo perpassam não só nossas relações com os outros e nossa construção de uma imagem social, mas também nossa relação conosco e com os valores que internalizamos como “corretos”, “valorosos”, “normais”.

Um detalhe importante na fala da autora é de “que a culpa não era minha”. Percebemos essa afirmação de que a culpa não é da vítima de abuso como efeito da forma violenta que vem

---

<sup>3</sup> Texto de Lei disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>

desde o discurso religioso, com a culpa de Eva no pecado original, até a lógica do mercado de produção e consumo que diz que a responsabilidade em controlar nossos corpos e mentes, e tudo que a ele se relaciona, é nossa. Ou seja, tanto a moral cristã quanto o discurso liberal de “líder” engendram e reforçam a culpa, e principalmente a culpa da mulher, em relação às próprias violências da qual é vítima. Afinal, numa sociedade que vende a ideia de liberdade de escolha, a mulher escolhe o que vestir, onde ir, com quem se relacionar e estas escolhas têm consequências das quais ela é responsável.

Essa lógica faz com que haja um apagamento da construção da violência que baseia o que se entende por masculinidade em nossa sociedade. Ser homem está diretamente ligado a posições de poder e privilégio que o homem ocupa socialmente e que, para manter este poderio patriarcal, a violência é uma ferramenta para calar a voz da mulher até as últimas consequências: o feminicídio.

Nesse sentido, quando pensamos no empoderamento da mulher, conforme o conceito de Berth (2018) trazido anteriormente, como “autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento”, é preciso não tomar de forma equivocada a ação de empoderar as mulheres como uma forma de inverter a posição de poder social e continuar agindo sob a mesma lógica opressora que a sociedade de consumo e predominantemente religiosa, vem operando. O empoderamento são ações de resistência e não uma forma do oprimido se tornar o opressor. Por muitos homens terem essa compreensão é que temem o feminismo e o empoderamento feminino, assim com muitas pessoas brancas temem o fim da naturalização do racismo. Esse medo é um efeito de reconhecimento de que a lógica atual do patriarcado e do sistema liberal é opressora.

Por fim, entra a questão do corpo gordo, quando Alexandra fala dos termos com os quais entra em contato através do feminismo e que desconhecia “AI MEU DEUS, E AINDA TEM MAIS: já ouviu falar em pressão estética? Gordofobia? Body positive? Aí pifou tudo.” E estes termos estão associados ao fato de que a autora percebe que “Tudo isso que eu estou passando é fruto de um sistema social no qual estamos inseridos e que nos cria dessa forma?”, isto é, ela começa a entrar em contato com o feminismo e a descobrir que toda a culpa cristã que é colocada em cima da mulher não é algo aleatório, mas uma construção social patriarcal que lucra com esse sentimento de culpa em relação ao nosso corpo e a nossa sexualidade.

Essa primeira percepção, como a autora coloca, parece ter sido algo que desestabilizou as certezas já construídas em cima de valores cristãos, familiares entre outros, pois, como ela diz “aí pifou tudo”. O efeito de sentido do verbo pifar nos remete a um aparelho eletrônico que parou de funcionar, aqui entenderíamos que seria uma menção a sua mente, mas a partir de suas

crenças e certezas sobre o que seu corpo poderia ou não, as normas que regularizavam de forma a condicionar seu comportamento e a própria visão de si e de sua imagem.

A percepção de que os corpos sofrem uma pressão estética para se adaptarem a um padrão construído socialmente, aliado ao conceito de gordofobia – isso é, de que exista uma aversão social ao corpo gordo que o tira certos acessos – além do termo norte-americano *body positive* – que poderia ser traduzido livremente para corpo positivo, pensando aqui numa visão positiva ou mais livre em relação ao próprio corpo – evidenciam a importância da linguagem e da criação de novos conceitos para nomear tanto as violências específicas que o corpo gordo sofre quanto as possibilidades de resistência.

A partir do momento em que se entende que o corpo gordo tem limitação de acesso social em espaços que não são construídos ou pensados para sua inclusão (cadeiras de bar, poltronas de cinema, de transporte público, numeração de roupa, catraca de ônibus entre outros exemplos), e que existe todo um pensamento social e cultural, reforçados pelo discurso religioso, discurso médico e o discurso do mercado de produção e consumo, que não associa o corpo gordo a uma imagem positiva, mas sim de doença, vergonha, culpa, desleixo, preguiça, falta de controle e feiura, e, além disso, passa a se ter uma palavra para nomear isso, a gordofobia, a resistência ganha ferramentas de atuação.

Neste sentido, quando o feminismo traz a tona pautas como a da liberdade do corpo da mulher (“meu corpo, minhas regras”), da liberdade de escolha sexual (“não é não”), de que todos os corpos são bonitos e de nós mulheres não precisamos nos adaptar aos padrões de beleza e procedimentos de manutenção como a depilação, por exemplo, acaba possibilitando que outras pautas e outros recortes de corpo possam ser normalizados e empoderados, mesmo que indiretamente.

#### **4.2.2 O sucesso profissional como elemento de poder**

Outro fator que está relacionado ao empoderamento da autora, mesmo que de forma indireta, é a independência econômica em relação a sua família ou a qualquer outra pessoa. É muito comum que a mulher na sociedade precise se sujeitar às regras e à visão social, cultural e religiosa da família ou esposo quando é dependente financeiramente destas pessoas. Por muito tempo, a mulher passava de uma dependência para outra, saindo de casa para o casamento. Atualmente, é muito comum que mulheres saiam de casa para estudar e vão, com o tempo e o avanço na carreira, se tornando independentes e podendo, assim, sofrer menos pressão e influência da família sobre suas escolhas de vida, seu corpo, sua sexualidade.

E quando falamos aqui de peso, o fator econômico está veiculado, pois historicamente, a mulher não era criada para ser independente financeiramente do homem e poder cuidar de si mesma em todos os aspectos. Por isso, os pais sempre viam o encaminhamento social da filha mulher como o casamento e não o estudo e o trabalho. Obviamente que essa realidade é diferente nos tempos atuais, porém, ainda temos a influência cultural desse pensamento em muitas famílias.

No trecho: “Aos 9 anos de idade conheci o meu primeiro endocrinologista, afinal ser gorda nessa idade já passava do ‘ai, que bonitinho’ para ‘temos um problema’. Então, para mim, eu era de fato um problema.”, a percepção da Alexandra criança de que ela era um problema também se pautou no fato de não ver, na televisão, pessoas como ela. Neste caso, percebemos o quanto a falta de representatividade e de narrativas fictícias em filmes, novelas e programas televisivos em que uma mulher gorda fosse a protagonista, fazem falta para a aceitação do corpo gordo. Isto é, se não estão mostrando isso nos lugares de visibilidade, a criança gorda entende que ela não é adequada, que seu corpo está errado ou é um problema a ser resolvido. Como relata a Alexandra, ela conclui que para estar adequada precisa ser magra, já que o que vê na televisão como um corpo que ganha protagonismo e narrativas positivas são corpos de mulheres magras.

Selecionamos dois trechos do livro de Alexandra para analisarmos a relação da autora com o trabalho e com a independência financeira, vejamos:

#### TRECHO 13

Eu estava num ótimo cargo no meu trabalho, ganhando relativamente bem para minha idade, com meu apartamento alugado no Rio, montado, com minha cadela... Mas sentia vontade de compartilhar com mais gente. Queria outras opiniões, outras visões que meu círculo social não proporcionava. E como eu sempre fui muito comunicativa e queria investir em uma segunda frente de renda para o futuro, tomei a decisão mais sábia e coerente de todas: criei um canal no YouTube em dezembro de 2015. (GURGEL, 2019, p. 25-26)

#### TRECHO 14

Na época eu era editora de sites de produtos de beleza, estava num cargo bem legal para minha idade, me saía bem, era uma boa chefe, gostava do que fazia. Mas comecei a experimentar no YouTube uma satisfação diferente, de algo que era meu, que eu organizava, que eu comandava. Dependia apenas da minha perseverança para aquilo tudo rolar. Eu comecei a dar entrevista para alguns sites sobre o meu trabalho nos vídeos, meu alcance foi aumentando, fui ganhando notoriedade sobre certos assuntos... Eu vi um futuro ali. “Será que rola fazer do YouTube a minha fonte de renda? E se eu começar a me dedicar exclusivamente a isso?”, eu me perguntava constantemente. Quando eu iria tomar coragem e ir atrás desse sonho de empreender? Parecia algo distante. (GURGEL, 2019, p. 26)

A relação de Alexandra com o trabalho, quando decide fazer o canal no *YouTube* aparenta ser boa, mas alguns pontos nos causam interesse para a análise. Em primeiro lugar nos

dois trechos ela fala que seu salário e cargo eram bons “para sua idade”. E esse parece ser um indício de que há uma subjetivação bem presente do discurso de liderança que o mercado de produção e consumo se utilizam, pois dentro dessa lógica existem metas profissionais e financeiras a serem alcançadas dentro de um determinado prazo, antes de uma certa idade. O que significa que por mais que o salário e o cargo da autora pudessem ser considerados bons, ou melhor “relativamente bons”, essa relatividade está associada ao prazo de validade da idade, em alguns anos talvez fosse insuficiente. Essa ascensão de cargos e salários serem apropriados ou suficientes para determinada faixa etária parece reproduzir a lógica da sociedade de consumo de Bauman (2001), que citamos no capítulo 2, em que nunca se está satisfeito, sempre há algo novo e melhor a se comprar ou conquistar.

Outro ponto é a necessidade de comunicar suas descobertas sobre o feminismo e a libertação em relação a opressão ao corpo com outras pessoas, como diz a autora: “Mas sentia vontade de compartilhar com mais gente. Queria outras opiniões, outras visões que meu círculo social não proporcionava.” Podemos perceber que há duas questões latentes aqui: a percepção de que seu grupo de convivência não compartilhava dessa nova visão em relação ao seu corpo e que era preciso formar uma nova rede de apoio, isso é, talvez as pessoas com quem ela se relacionava e convivia eram pessoas que reproduziam essa opressão ao corpo. E, ao mesmo tempo, aparece muito mais forte e presente a adesão ao discurso de liderança empreendedora “queria investir em uma segunda frente de renda para o futuro” e “quando eu iria tomar coragem e ir atrás desse sonho de empreender?”. Isso é, o discurso de libertação e resistência do feminismo passa a ser possibilidade de produção e consumo, entrando na lógica de mercado como algo a ser comprado e não mais como uma luta.

Outra evidência que reforça essa análise é o trecho em que Alexandra relata que apesar de ter esse salário e cargo de chefia que eram “legais para sua idade” ela começa a “experimentar no *YouTube* uma satisfação diferente, de algo que era meu, que eu organizava, que eu comandava. Dependia apenas da minha perseverança para aquilo tudo rolar”. Isso é, a possibilidade de “comandar” de estar no controle de algo aqui aparece como uma possibilidade de sucesso, então, novamente, seja o controle do corpo ou o controle da empresa, a subjetivação do discurso liberal de que “dependia apenas de mim” é muito presente. É esse mesmo discurso liberal que engendra a liderança, o empreendedorismo que se utiliza da ideia de meritocracia em que para conseguir, basta querer e se dedicar. E esse discurso está na base de uma sociedade patriarcal que se construiu em cima de uma ideia machista e racista, da opressão das mulheres e das pessoas negras. A mesma lógica que reproduz a percepção de que o corpo gordo é um corpo fracassado.

Então, podemos problematizar que quando o feminismo e suas pautas se toram produto de produção e consumo, algo que possa ser comprado, a real luta pelo fim das opressões a partir de ações políticas parece ficar num segundo plano quando se pensa no coletivo. E aí, aquele empoderamento enquanto uma reafirmação do poder enquanto coletivo, se perde e transforma-se num discurso individualista liberal de subjetivação dos sujeitos e seus corpos para, mesmo que de outra perspectiva, servirem à lógica do mercado.

#### **4.2.3 Sobre libertação: um outro olhar para o discurso de amor-próprio**

Se na primeira parte do livro, Alexandra narra sua trajetória de vida e as experiências que teve em relação ao seu corpo, sua família, seus relacionamentos, a religião até chegar ao momento atual. Na segunda parte, ela trata de conceitos como o machismo, a pressão estética, a gordofobia entre outros fatores que contribuem para o ódio ao corpo. Neste tópico, iremos analisar alguns recortes da terceira parte do livro em que a autora se dirige ao seu público para falar sobre *body positive* e a quarta parte em que ela fala sobre formas práticas de amor-próprio.

Na terceira parte do livro, intitulada “Autoconsciência e *body positive*: agora eu vou me amar”, vamos analisar o que a autora chamou de “quatro coisas que você precisa saber”: 1) Entenda que a culpa não é sua; 2) Talvez suas amigas não estejam interessadas no assunto e você se sinta solitária; 3) Você não está sozinha nessa; 4) Você pode se libertar, mas está longe de ser totalmente livre.”. E são estas chamadas que levam a autora ao *body positive* e ao amor-próprio, na última parte do livro.

No primeiro tópico, a autora vai relatando sua trajetória em relação à desconstrução em relação às pressões sociais sobre ao corpo, como diz a autora “o que a sociedade diz o tempo inteiro é exatamente isso: ou se encaixa, ou vaza. Aqui não tem espaço para você.” (GURGEL, 2018, p. 98). Então, o primeiro passo seria tirar a culpa de si por se sentir mal em relação ao seu corpo e entender que a culpa é das construções culturais da sociedade. Aqui parece haver uma ideação de se desvencilhar da culpa cristã e toda a construção do patriarcado que reforça a ideia de que a mulher carrega o estigma da culpa original de Eva.

No segundo tópico, a autora fala sobre a possibilidade de que, após iniciar um processo de desconstrução em relação ao que a sociedade espera do corpo feminino “talvez suas amigas não estejam interessadas”, aí a necessidade de perceber as relações tóxicas que se havia construído até então, como diz a autora “se liga numa coisa: você está fazendo tudo isso sozinha. Não é algo que começa entre amigas. [...] você deve se sentir sozinha e incomodada com a atitude dos seus amigos e provavelmente retirar algumas pessoas do seu convívio.” (GURGEL, 2018, p. 100). Então a autora parte do pressuposto de que esse processo de desconstrução seja

algo que irá te tirar de relações sociais, que é algo individual, para ser feito sozinha e que poderá te deixar “solitária”, ao mesmo tempo que é algo necessário. Percebemos aqui uma ruptura com a ideia de aceitação do próximo, já que é algo incentivado a ser feito, independente do olhar dos círculos sociais.

Ao mesmo tempo, no terceiro tópico, é dito que “você não está sozinha nessa”, ao que a autora sugere que seu público busque por pessoas que tenham o mesmo interesse na internet, para participar de outras redes que estejam no mesmo processo e diz que “se você acha que não tem lugar para falar, se não encontrou um grupo com o qual se identifique na internet ou sente vontade apenas, crie o seu próprio grupo também”. (GURGEL, 2018, p. 101) Podemos perceber que a forma com que Alexandra aconselha a partir do que vivenciou, como esse movimento de ir para a internet buscar pessoas e criar seu próprio grupo foi o que ela fez, é o que ela indica a ser feito. O que remete a uma ideia de que ela se veja como um exemplo a ser seguido, como se de alguma forma, aquela construção social da liderança, que tratamos no capítulo 2, continue agindo na subjetivação e na busca pelo sucesso ao dizer “faça como eu fiz”.

Já no quarto tópico a autora fala sobre sua visão de que “você pode se libertar, mas está longe de ser totalmente livre”. Isso é, ela não parte do princípio de que ao seguir esses passos, ou se inspirando em sua trajetória as pessoas gordas serão livres já que “o machismo vai continuar, a pressão estética vai seguir firme, a desigualdade dos sexos estará presente, a misoginia é um fato, a gordofobia está em todos os lugares, tem preconceito em todo canto...” (GURGEL, 2018, p. 103) Alexandra diz que optou pela militância ao perceber que a sociedade não iria mudar porque ela mudou “infelizmente eu não posso mentir: você vai continuar sendo oprimida, as coisas na sociedade vão permanecer iguais e isso pode te deixar com raiva do mundo” (GURGEL, 2018, p. 103). Ao mesmo tempo que a autora diz que não pode mentir e diz que nada irá mudar, escolhe o caminho da militância e diz que vê esse movimento como algo para o futuro e que mesmo que seja difícil, vê como algo que valha a pena, pois de alguma forma pequenas mudanças ao seu redor podem acontecer. Podemos entender, então, como um movimento de resistência em relação à pressão estética e a gordofobia. É interessante que o título dessa terceira parte fala em autoconsciência e que “agora vou me amar”, isso é, a sociedade não irá mudar, você irá mudar. Então, percebemos algumas contradições entre o caminho individual e a militância pelo coletivo, percebemos, então, o atravessamento discursivo do sujeito.

No capítulo 4, intitulado “Colocando em prática o amor-próprio”, a autora se utiliza de uma linguagem mais assertiva e direta para indicar ações a serem feitas pelas pessoas que a leem. São 15 tópicos com títulos chamativos e vamos listar todos eles, mas selecionamos apenas dois para analisar o conteúdo. “1) Você não poder dar aquilo que não tem; 2) Pare de se

comparar com outras mulheres; 3) Reconheça pessoas tóxicas em sua vida; 4) Pare de se comparar com a sua versão anterior; 5) Como lidar com uma família que não te aceita e pode ser tóxica; 6) Pare de seguir e consumir conteúdos que te fazem mal; 7) Busque representatividade; 8) Comece a ver beleza em você; 9) Treine bastante; 10)Vá feia mesmo!; 11) Dias de luta, dias de glória: a *bad* real; 12) Você não precisa de um relacionamento para ser validada socialmente; 13)Talvez você ainda comece a se amar sozinha, em casa, e na rua ainda se sintam mal; 14) Crie uma rede de apoio e preste atenção aos ambientes que frequenta; 15) Pare de se odiar.”

Podemos perceber pela conjugação dos verbos no imperativo, na maior parte dos tópicos, que a linguagem fica mais próxima ao que costumamos ver em revistas voltadas para o público feminino, com dicas de comportamento e beleza. Por mais que as dicas sejam para uma pretensa libertação dos padrões sociais, a linguagem utilizada ainda é a mesma o que nos leva a analisar que se as ferramentas se assemelham, talvez os efeitos de identificação do público também tenham uma relação de subjetivação parecidas. As palavras de ordem do que fazer ou do que não fazer constroem caminhos, mas sugerem que haja um passo a passo a ser seguido e isso, parece ter mais de repetição de padrões do que de resistência, por mais que o conteúdo seja diferente.

Nesse sentido, escolhemos dois itens para analisarmos: o primeiro item é o “Você não poder dar aquilo que não tem” e o segundo é “Treine bastante”. O que nos chamou atenção no primeiro item é a relação com o discurso religioso, para analisarmos, traremos um trecho:

#### TRECHO 15

“Ame o próximo como a ti mesmo”, diz a Bíblia. Quero usar essa frase para falar sobre o amor-próprio. Nos capítulos anteriores eu disse que vivia uma vida com ódio internalizado, o ódio-próprio, em que eu nadava naquele mar de insatisfações, me machucando, acabando comigo dia após dia... [...] Só quando encontramos o amor pela nossa essência, por quem somos de verdade, conseguimos nos relacionar de verdade com outras pessoas, sejam amigas ou romance. (GURGEL, 2019, p. 127)

Além de já começar com uma frase bíblica, o tom de testemunho, muito utilizado em cultos cristãos de renovação católica ou evangélicos, nos remete à ideia de que a autora fala de seu passado de ódio a si como algo do qual se libertou através do feminismo, porém, o tom utilizado se assemelha muito ao tom confessional de conversão. Quando ela fala de si no passado fala que “nadava naquele mar de insatisfação”, como um dependente químico costuma falar de seu passado de vício antes de entrar em uma igreja. Outro trecho que nos parece similar ao sermão do padre ou pastor é quando ela diz que “Só quando encontramos o amor pela nossa essência, por quem somos de verdade, conseguimos nos relacionar de verdade com outras

peças” o que parece o tipo de sermão que diz que só com o amor de Deus poderemos nos libertar.

Essa relação que Alexandra faz do discurso de amor religioso que fala de si e do próximo como o coletivo, pode ser herança de seu passado religioso ou mesmo uma adesão inconsciente, porém, nos faz pensar que a subjetivação do discurso religioso seja tão forte que, mesmo quando se fala de uma libertação da opressão social que perpassa a influência cristã, ainda existe uma subjetivação do sujeito aos recursos de linguagem e de retórica religiosa. Pensar em uma conversão ao feminismo ou a uma libertação através do discurso feminista de uma forma que se assemelha ao discurso cristão, nos parece ser outro atravessamento discursivo que evidencia as contradições do sujeito inserido na sociedade e que tenta buscar caminhos de resistência, mas parece ainda cair numa teia discursiva complexa de se sair.

Já no tópico “Treine bastante”, pelo próprio título somos remetidos ao discurso liberal do líder e da meritocracia, “se você treinar, irá conseguir”, que está associada a mesma ideia cristã de dedicação moral a um valor. Vamos trazer um trecho para analisarmos:

#### TRECHO 16

Segundo Amy, o seu corpo muda a sua mente, sua mente pode mudar o seu comportamento e isso afeta seus resultados. Ou seja, fingir até que você se torne, de fato, essa pessoa que diz coisas boas sobre si mesma e viver, de fato, essa realidade. Faça isso mesmo que estiver se sentindo idiota, mesmo que esteja com medo ou sem graça. Os atletas treinam todos os dias para um campeonato que, muitas vezes, ocorre meses depois. É preciso muito treino para manter o condicionamento físico, evitar lesões e conquistar um bom resultado em uma partida. Seja uma atleta *body positive!* Pratique o amor-próprio e a aceitação todos os dias, mesmo que seja difícil no começo. E lembre-se de que numa competição sempre temos a possibilidade de vencer ou perder. Dias bons, dias ruins. (GURGEL, 2019, p. 140)

Alexandra traz o conceito de uma psicóloga social, Amy Cuddy, sobre o treino de si, isso é, a possibilidade de treinarmos nossa mente para nos amarmos através do fingimento, isso é, falar frases motivadoras e positivas sobre nós mesmos para nós mesmos, independente se acreditemos nisso ou não, como ela diz “mesmo que estiver se sentindo idiota, mesmo que esteja com medo ou sem graça”. Então, ela parece já partir do pressuposto que as pessoas irão se sentir assim “idiotas, com medo ou sem graça” em dizer para si mesmas coisas que não sentem, em fingir se amar. E esse fingimento seria um caminho para treinar nossa mente para um dia isso ser verdade e mais, que o exemplo que temos para isso são os atletas que “treinam todos os dias”, e nos convoca com o verbo ser no imperativo “Seja uma atleta *body positive!*”.

É interessante analisarmos aqui a apropriação dos recursos de linguagem do discurso da ciência médica e esportiva (treinar), bem como do discurso liberal de que somos responsáveis por nos dedicarmos e alcançar nossos objetivos mesmo que “seja difícil no começo”, afinal, aparentemente estamos numa “competição” e podemos “vencer ou perder”. Problematizamos

aqui essa apropriação, pois não nos parece ser um recurso de ironia ou desconstrução, mas sim de internalização do discurso de atleta, de líder, para que pessoas gordas se amem. Mas afinal, quando pessoas gordas fazem um movimento de autoaceitação e de amor-próprio não é para que não precisem se encaixar nessa sociedade que diz que é preciso ter sucesso e sermos vencedores? Então o amor-próprio nos é oferecido aqui como mais uma possibilidade de adaptação ou de vencer, nem que seja fingindo. Isso é, eu sou uma mulher gorda e não aceita socialmente, então, se eu me amar eu vou me parecer com uma vencedora de alguma forma. O que questionamos aqui é: resistência ou adaptação? Mais uma vez percebemos os atravessamentos discursivos que parecem subjetivar o sujeito.

Para finalizarmos esta análise, vamos trazer um último trecho que integra a quinta e última parte do livro, intitulada “Minha história continua”:

TRECHO 17

Terminei a minha história no primeiro capítulo com meu primeiro ano de canal, quando eu percebi que estava livre com meu corpo. Mas a verdade é que agora eu percebo que ano após ano eu experimento e vivencio novas formas de liberdade que eu nem achei que seria possível. Quem diria que uma pessoa que se odiou a ponto de atentar contra a própria vida estaria, agora, sendo referências para outras pessoas, tirando gente da lama, ajudando na busca do amor-próprio... [...] Agora você conhece minha história, sabe como eu penso, como eu vivo e acredito nas coisas. Espero que tenha te ajudado de alguma forma. E, se ajudou, que tal fazer o mesmo por outra pessoa? Ajude uma amiga sua, alguma mulher da sua família, dê ou empreste este livro para ela e crie esse ambiente de aceitação. Faça por alguém o que eu fiz por você. Ah, use a hastag #PareDeSeOdiar nas redes sociais que eu vou sempre estar de olho. (GURGEL, 2019, p. 152)

Neste trecho Alexandra fala novamente sobre a liberdade em relação ao seu corpo e lembramos que anteriormente ela dizia que não era possível ser totalmente livre, pois a sociedade não iria deixar de ser preconceituosa, então, o que nos parece que é a proposta de resistência seria uma mudança individual, isso é, a sociedade não irá mudar, então mude sua mente para se amar independente do que a sociedade diz, seria uma libertação da necessidade de aceitação dos outros para uma aceitação de si.

Ao mesmo tempo, a autora diz que ajudou seu público e o convida a fazer o mesmo, ajudar outras mulheres, o que remete à ideia de um pensamento coletivo. Contudo, se pensarmos que o ajudar passa pela compra do livro por outras mulheres, parece que a libertação vem através de um produto que pode ser comprado e que trabalha a favor do sucesso individual da pessoa que ela se vê ser agora como aquela que “tirou gente da lama”. A ideia aqui não é julgar se é certo ou errado ou qual seria o caminho válido, mas sim analisar que existe uma multiplicidade de discursos que vem de origens diferentes e estão a trabalho de pautas diferentes, algumas vezes contrárias, construindo efeitos num mesmo espaço.

Podemos perceber em Alexandra a confluência da vontade de ajudar o próximo que pode tanto vir de uma influência do discurso religioso de libertação pela caridade, como de um discurso político socialista em que o coletivo é visto como a única saída. Ao mesmo tempo, em que há um forte efeito do discurso liberal do sucesso a ser alcançado que parece contribuir para que a autora não só queira ajudar, mas acabe transformando essa jornada em produtos a serem adquiridos.

Outra questão é a ideia de uma trajetória que passa e continua passando por situações de gordofobia, mas que encontra no discurso feminista uma possibilidade de empoderamento e aceitação de si, de seu corpo. Entretanto, podemos pensar que se o feminismo se coloca como uma luta coletiva política das mulheres contra o patriarcado, e a aceitação do corpo da mulher gorda é atravessada no livro por um discurso fortemente liberal, podemos perceber que ficam ainda questões a serem pensadas. Qual é esse feminismo que Alexandra teve acesso? Qual é a visão desse feminismo sobre o corpo da mulher gorda? A gordofobia seria um efeito do machismo em nossa sociedade que se reforça pelos discursos religioso, médico e liberal? Lutar contra a gordofobia seria então, necessariamente, uma pauta contra esse regime ou que em muitos momentos acaba caindo nas graças do mesmo liberalismo e no efeito da sociedade de consumo sem realmente se libertar dele?

Não estamos aqui para dar respostas, mas propomos uma análise que se pautou muito nessa confluência de efeitos percebidos no sujeito mulher gorda. Alexandra não representa todas as mulheres gordas, existe uma infinidade de outros recortes sociais em relação à mulher gorda, mas, por ela ter alcançado uma relevância no movimento do corpo gordo no Brasil, escolhemos analisar o que materializou em livro e, podermos assim, compreender um pouco de sua trajetória e dos discursos que atravessam a fala que ela dirige a outras pessoas gordas no livro *Pare de se odiar* (2019). Problematizamos aqui seu subtítulo, e terminamos nos questionando se *amar o seu próprio corpo é um ato revolucionário*, realmente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo com o intuito de compreender como as formações discursivas cristãs, médico e econômicas sobre a mulher gorda constituem um discurso de empoderamento a partir de uma perspectiva feminista na obra *Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário* (2019) da jornalista e *youtuber* Alexandra Gurgel. Além disso, em nossa análise, nos propusemos a investigar e compreender como acontecem essas práticas discursivas, como produzem e são afetados por efeitos de poder, quais as formações discursivas que se atravessam nessa constituição, e, por fim, como engendram subjetividades acerca do corpo da mulher gorda tendo como efeito o discurso de empoderamento feminista. Para isso, consideramos trechos do livro, bem como fatores de recepção e circulação de seu lançamento, avaliação e comentários do público, para assim, problematizar as relações de subjetivação da autora enquanto sujeito e enquanto reprodutora de discursos que se chocam, atravessam e produzem efeitos de em seu público.

Longe de chegar a conclusões ou de dar esta conversa por encerrada, temos algumas percepções que podemos entender como um gesto de leitura possível, mas que é apenas uma brecha para a profundidade teórica e amplidão analítica que o corpo da mulher gorda, e sua relação com o feminismo, ainda necessitam e para a qual outros e novos estudos têm sido feitos e foram sendo descobertos nessa jornada. Aqui, analisamos o relato de uma mulher gorda, gorda menor, dentro das medidas que os estudos do corpo gordo propõem, e por ser gorda menor, branca cisgênero, ainda ocupa um lugar de bastante privilégio dentro das camadas sociais.

Alexandra é um corpo no mundo e nossa tarefa aqui não é tecer julgamento de valor sobre seu livro, sua militância, sua forma de ser no mundo. Até porque, julgamentos e olhares vigilantes sobre o corpo da mulher e sobre o corpo de uma mulher gorda, é o que não falta. Contudo, a partir de sua escrita, pensando na autora como sujeito e, por isso, passível de atravessamentos discursivos, subjetivações e flutuações nas relações de poder a partir das posições que ocupa socialmente, podemos sim, tecer algumas breves considerações.

**1. Sobre seu público:** Podemos perceber, a partir da análise de recepção do lançamento de seu livro no site de venda e no seu perfil do *Instagram*, que a maior parte do público de Alexandra é feminino, mas não é constituído apenas de mulheres gordas, já que a identificação com o conteúdo de autoaceitação, amor-próprio entre outros, atinge todas as mulheres, o que nos faz pensar que a gordofobia que a mulher sofre pode estar associada com o machismo ou ser efeito de uma sociedade patriarcal construída sobre relações de poder de dominação do homem sobre a mulher, seu corpo, seu comportamento e sua mente.

**2. Sobre seu contato com o feminismo e o que diz enquanto feminista:** O feminismo tem sido encarado muitas vezes como um movimento de uma voz uníssona, porém, a luta pelos direitos das mulheres, é uma luta coletiva de mulheres distintas, com pautas distintas. Esses recortes precisam ser levados em consideração pelo feminismo enquanto um movimento ao mesmo tempo que a discursividade que perpassa as pautas podem ser contraditórias e até contrárias em alguns pontos.

**3. Sobre feminismo e empoderamento:** Quando trazemos autoras como Ribeiro e Berth para a conversa, as questões da mulher negra estão integrando suas perspectivas, e, agora em 2020, durante a pandemia de COVID-19, enquanto esta dissertação é escrita, o movimento antirracista ganhou espaço nas redes sociais e, aqui no Brasil, junto com ele, o de antifascismo. Certamente, este momento e estes acontecimentos, farão parte de estudos acadêmicos futuros, não é nossa empreitada analisar o que ainda está acontecendo, porém, consideramos importante trazer esse contexto, pois tem acontecido muitos debates entre o que se tem chamado de feminismo radical ou marxista e feminismo liberal. Também não é nossa intenção explicar o que é cada um destes termos e nem nos aprofundarmos nisso, mas estamos levando em consideração que quando falamos de empoderamento da mulher a partir do discurso feminista, esse discurso não é único, homogêneo e nem representa todas as mulheres em seus recortes e experiências. Desta forma, este reconhecimento registrado possibilita que os futuros leitores considerem este fator e pesquisem a respeito para suas considerações, já que dentro do tempo e espaço de uma dissertação de mestrado, temos que fazer escolhas do que aprofundar.

**4. Sobre o feminismo e as redes sociais:** Tendo isso dito, quando olhamos para as redes sociais, desde o início da última década dos anos 2000, a terceira onda feminista tem ganhado cada vez mais espaço e adeptas em suas pautas. Ao mesmo tempo, podemos observar que essa aderência ao feminismo muitas vezes acontece por uma identificação superficial com o que podemos chamar de bordões ou frases de efeito recortadas de textos teóricos muito mais profundos. Um exemplo disso é a famosa frase da filósofa feminista Simone Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher” que tem sido compartilhada de forma viral, muitas vezes sem ser compreendida em seu contexto de escrita. E essa afirmação está pautada em minha própria vivência, pois a primeira vez em que li a frase não foi no livro *O Segundo Sexo* (ano), mas sim nas redes sociais. E não estamos apontando esse fato com uma arrogância academicista de ~~que~~ que as pessoas obrigatoriamente deveriam ler o livro antes de usar a frase. Apenas percebemos isso como um efeito da viralização e identificação dos discursos com o advento das redes sociais em nossas vidas.

Outro ponto a ser considerado em relação ao feminismo nas redes sociais, é que com essa viralização e aderência a partir de recortes e não de uma vivência de luta ou de leituras,

ficou muito fácil transformar símbolos dessa luta e teoria em produto de consumo. Um exemplo disso é a artista Frida Kahlo que virou camiseta, bolsa, adesivo e até tapete para ser pisado antes de entrar nas casas. O que é uma metáfora interessante essa do tapete com a imagem de Frida pisada por pés contemporâneos. Afinal, se a luta feminista é pela libertação da mulher em relação ao patriarcado e esse mesmo patriarcado se construiu e se baseia em uma lógica de opressão machista, racista, homofóbica e classista, transformar personalidades que lutaram contra esse sistema, que faz girar o capital através da opressão das mulheres em produto a ser vendido, é no mínimo uma redução muito simplista do feminismo ou uma apropriação do feminismo pelo sistema liberal.

**5. Sobre empoderamento como resistência:** Contudo, essa não é uma análise que intenta ver a trajetória de Alexandra como certa ou errada, não temos aqui a intenção de atribuir juízo de valor a forma como a autora conduziu sua relação com o feminismo ou com o a gordofobia, mas sim, problematizar o quanto mesmo naquilo que parece ser uma ação afirmativa de resistência, ainda há muito atravessamento de discursos opressores. Além disso, como é preciso que, ao analisarmos a trajetória do indivíduo e de como este se coloca para o público, é importante percebermos se essas ações são de libertação e ascensão individual ou de real libertação de um grupo, se é a partir de um empoderamento que pensa na coletividade.

**6. Sobre discurso e subjetividade:** É importante considerar que ao mesmo tempo que percebemos na autora – a partir de sua trajetória de empoderamento, uma vontade de levar a outras mulheres, a partir de seu livro, vídeos e postagens em redes sociais – uma motivação para servir de exemplo enquanto libertação das opressões sobre o corpo; em seu discurso existem evidências linguísticas dos efeitos a que está assujeitada em relação ao discurso liberal econômico, principalmente. Ao transformar sua militância em produto de venda e se colocar como um case de sucesso, parece ainda incorporar a ideia da dicotomia liberal de fracasso e sucesso. E, a partir de sua nova percepção de si como mulher gorda empoderada, ~~ao invés de~~ em vez de se livrar das amarras da opressão do patriarcado, parece reproduzir muito ainda do protótipo do líder a ser seguido, não simplesmente por vender um livro, e sim pela linguagem que utiliza nele, pela forma como se coloca discursivamente em relação ao seu conteúdo e que se dirige ao seu público.

A partir disso, e para encerrarmos o ciclo de escrita (não o de discussão), podemos perceber que se existe possibilidade de resistência em relação ao patriarcado – e a todo o controle e regularização dos corpos que seus espaços de poder ocupam na sociedade reproduzindo o machismo na ciência médica, na religiosidade, e no sistema econômico – essa resistência parece passar por um feminismo que não caia nas mesmas armadilhas do discurso liberal, que não se transforme em produto, por um feminismo que não diga à mulher

simplesmente que ela pode ser atraente e ter produtos de consumo sendo gorda, mas que permita a todo o corpo – gordo, magro, alto, baixo, com pênis ou vagina, velho ou jovem – não precisar aderir às artimanhas do consumismo para pertencer, para ser aceito. Não que nos despedimos aderindo a ingenuidade de que é possível estar do lado de fora do discurso, que é possível a isenção, a neutralidade, a liberdade. Porém, que as aderências discursivas talvez sejam menos ilusórias e o peso do controle não seja tão mais pesado para os corpos à margem.

Por fim, se corpos que se encaixam nos padrões de beleza culturais e sociais servem ao liberalismo econômico para vender produtos e ideias, e fazer girar a roda do capitalismo; ter um corpo gordo e não ir em busca deste encaixe, é um ato político de resistência à lógica de dominação patriarcal. Porém, essa resistência se faz mais eficiente quando não coloca como alvo ser desejado e tido como referência publicitária, isso é, a militância gorda não se faz política e necessária ao lutar por normalizar o corpo gordo enquanto belo e atraente simplesmente. É necessário, ao se negar a fazer parte da ideia que se vende de que para se ter sucesso na vida é preciso ser se encaixar nos padrões e servir de modelo aspiracional aos outros. E para além disso, por expor e lutar contra as opressões que hipersexualizam os corpos para ser objeto de consumo e desejo que se associa a produtos de beleza. Considerou-se que em sua jornada de aceitação de seu corpo, Alexandra Gurgel sai de experiências de gordofobia que envolvem principalmente suas relações sociais envolvidas por confluências de discursos religiosos e médicos, através do feminismo que desempenha um papel de empoderamento de Alexandra enquanto mulher gorda. Contudo o discurso liberal econômico que faz parte de práticas de subjetivação sobre o ideal de corpo a partir de uma lógica de consumo e se associa a uma opressão estética, é em muitos momentos, incorporado pela autora também produzindo efeitos de empoderamento e reproduzindo uma lógica do feminismo ou aceitação do corpo gordo como bem de consumo. Isto é, as mesmas práticas discursivas produzem efeitos negativos e positivos no sujeito.

Como nosso objetivo foi o de investigar e compreender como acontecem essas práticas discursivas, e como produzem e são afetados por efeitos de poder, o que foi percebido na análise faz com que possamos considerar que ainda há muito caminho a percorrer na desconstrução dos padrões de opressões, pois eles não são externos a nós, nos constituem enquanto sujeitos, nos fazem reproduzir opressões quando tentamos ser resistência. Ainda há que se abrir muito o diálogo, as leituras, os estudos e, principalmente, as vivências plurais para que se possa abranger as realidades interseccionais que perpassam as lutas, sejam as lutas feministas, sejam as lutas da militância do corpo gordo.

Podemos concluir que as opressões que mulheres gordas passam na sociedade é dupla, por seu gênero e por não se adequarem ao padrão, mas ainda parece ser uma pauta que, assim

como o feminismo, precisa urgentemente dar espaço de protagonismo para as mulheres gordas maiores negras.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Sueli Carneiro; Pólen, São Paulo - SP, 2019.
- ALENCAR, José de. **Lucíola**. L&PM Pocket, Porto Alegre - RS, 2004.
- AMAZON. [Prints da página de venda do livro **Pare de se odiar**]. Disponível em <[https://www.amazon.com.br/Pare-odiar-Porque-pr%C3%B3prio-revolucion%C3%A1rio/dp/8546501289/ref=sr\\_1\\_1?mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=PARE+DE+SE+ODIAR&qid=1598797261&sr=8-1](https://www.amazon.com.br/Pare-odiar-Porque-pr%C3%B3prio-revolucion%C3%A1rio/dp/8546501289/ref=sr_1_1?mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=PARE+DE+SE+ODIAR&qid=1598797261&sr=8-1)> Acesso em 30 ago. 2020.
- ARRAES, Jarid. 2015. Gordofobia como questão política e feminista. **Revista Fórum**. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/digital/163/gordofobia-como-questao-politica-e-feminista/>. Acesso em: 06 ago. 2020.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Zahar, Rio de Janeiro – RJ, 2001.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. Letramento: Justificando, Belo Horizonte – MG, 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15ª Ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2017.
- CIRURGIA PLÁSTICA. **De acordo com a ISAPS, Brasil lidera ranking de cirurgias plásticas no mundo**. 2014. Disponível em <<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/2014/07/29/de-acordo-com-a-isaps-brasil-lidera-ranking-de-cirurgias-plasticas-no-mundo/>> Acesso em 08 ago. 2020.
- CHARDIN, Teilhard de. **Frases**. s/d. Disponível em <[https://www.pensador.com/autor/teilhard\\_de\\_chardin](https://www.pensador.com/autor/teilhard_de_chardin)> Acesso em 13 Set. 2020
- CONSOLIM, Veronica Homsí. **O que pede a terceira onda feminista?** Justificando, 2017. Disponível em <<http://www.justificando.com/2017/09/15/o-que-pede-terceira-onda-feminista/>> Acesso em 22 jul. 2020.
- DORALYCE. Miss beleza universal. 2019. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/doralyce/miss-beleza-universal/>> Acesso em 28 Set. 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 2ª Ed., Edições Graal, Rio de Janeiro, 1981.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade III: o cuidado de si**. 5ª Reimpressão. 1ª Ed. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 11ª ed., Edições Graal, Rio de Janeiro, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. 7ª Ed. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história das violências nas prisões. 14ª Ed., Editora Vozes, Petrópolis, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 13ª ed., Edições Loyola, São Paulo, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8ª Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro – RJ, 2017.

GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar**: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário. 4ª Ed. Best Seler, Rio de Janeiro-RJ, 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [s. l.], v. 5, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 28 set. 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 6ª Ed., Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro – RJ, 2019.

INSTAGRAM. [**Postagem de Lançamento do livro Pare de se odiar**] Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Bmil0FoAVAp/>> Acesso em 30 ago. 2020.

JIMENEZ JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda**: gordofobia, resistências e ativismos. 2020. 237 f. (Tese de Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. 2020.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**. Vol. 1: Da Pré-história a Renascença. 4ª Ed. Editora Best Seller, Rio de Janeiro, 2013.

LUNA, Luedji. **Um corpo no mundo**. 2016 Disponível em <<https://www.letras.mus.br/luedji-luna/um-corpo-no-mundo/>> Acesso em 30 ago. 2020

MOCOCA, Anná. **Carta à boa forma**. 2017 Disponível em <<https://www.letras.mus.br/anna-de-mococa/carta-a-boa-forma/>> Acesso em 30 ago. 2020

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. IN: COURTINE, Jean-Jacques (dir.). **História do Corpo. Vol 3** - As mutações do olhar: o século XX. Ed. Vozes. 3ª edição, Petrópolis – RJ, 2009.

ORY, Pascal. O corpo ordinário. IN: COURTINE, Jean-Jacques (dir.). **História do Corpo. Vol 3** - As mutações do olhar: o século XX. Ed. Vozes. 3ª edição, Petrópolis – RJ, 2006.

PUBLISH NEWS. **Lista de Mais Vendidos de Autoajuda de 01/10/2018 a 07/10/2018**. Disponível em <<https://www.publishnews.com.br/ranking/semanal/5/2018/10/12/0/0>> Acesso em 13 Set. 2020

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Letramento: Justificando, Belo Horizonte – MG, 2017.

SILVA, Daniel N. **Pragmática da violência**: o nordeste na mídia brasileira. 2010. 192 f. (Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. IN: COURTINE, Jean-Jacques (dir.). **História do Corpo. Vol 3** - As mutações do olhar: o século XX. Ed. Vozes. 3ª edição, Petrópolis – RJ, 2006.

VIGARELLO, Georges. **Treinar**. IN: COURTINE, Jean-Jacques (dir.). **História do Corpo. Vol 3** - As mutações do olhar: o século XX. Ed. Vozes. 3ª edição, Petrópolis – RJ, 2006.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 8ª Ed., Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro – RJ, 2019.